



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE**  
**GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO**

Documento aprovado, com ressalvas,  
em reunião da Câmara de Graduação  
de 15/ 10/ 2024, nos termos do Parecer  
CG 2024-401.

**Prof. Bruno Otávio Soares Teixeira**  
Pró-Reitor de Graduação da UFMG  
Portaria UFMG 2.367, de 6 de abril de 2022

**Belo Horizonte, Outubro de 2024**

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE**  
**GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Comissão responsável pela elaboração do PPC:**

Ana Beatriz Vianna Mendes (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

Cristiano Rodrigues (Departamento de Ciência Política)

Eduardo Viana Vargas (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

Elaine Meire Vilela (Departamento de Sociologia)

Elias Gomes (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino)

Graziele Schweig (Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino)

Natália Sátyro (Departamento de Ciência Política)

Nina Rosas (Departamento de Sociologia)

Rogério Brittes W. Pires (Departamento de Antropologia e Arqueologia)

Thiago Moreira (Departamento de Ciência Política)

**Belo Horizonte, Outubro de 2024**

# SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
<b>1 Da identificação do curso e seus fundamentos conceituais.....</b>	<b>5</b>
1.1 Introdução.....	5
1.2 Dados de identificação e contextualização na UFMG.....	7
1.2.1 Identificação da UFMG.....	7
Quadro 1: Dados de identificação.....	7
1.2.2 Perfil institucional.....	7
1.2.3 Missão.....	8
1.2.4 Breve histórico.....	8
1.3 Contextualização do curso.....	12
1.3.1 Dados de identificação da unidade e do curso.....	12
Quadro 2: Identificação do curso e da unidade.....	12
1.3.2 Apresentação e breve histórico da unidade acadêmica e do curso.....	12
1.4 Formas de ingresso em vagas iniciais.....	13
1.5 Bases normativas e legais.....	14
1.5.1 Educação em direitos humanos, educação ambiental e promoção dos valores étnico-culturais.....	16
1.6 Objetivos.....	18
1.7 Identificação das demandas profissionais e sociais.....	19
1.8 Perfil do profissional egresso.....	20
1.9 Avaliação da aprendizagem.....	20
Quadro 3: Relação entre avaliação e conceito conforme as normas de graduação da UFMG.....	21
1.10 Avaliação do curso.....	22
<b>2 Da estrutura curricular.....</b>	<b>24</b>
2.1 Princípios teóricos e metodológicos.....	24
2.2 Flexibilização curricular e interdisciplinaridade.....	24
2.3 Articulação teórico-prática.....	26
2.4 Ensino à distância.....	27
2.5 Formação em pesquisa como eixo estruturante da prática profissional.....	27
2.6 Monografia.....	28
2.7 Estágios supervisionados.....	29
2.7.1 Estágios supervisionados obrigatórios.....	29
2.7.2 Estágios supervisionados não-obrigatórios.....	29
2.7.3 Atividades acadêmicas complementares.....	30
2.8 Formação em extensão universitária.....	30
Quadro 4: Conjunto I – Disciplinas e atividades acadêmicas optativas da formação em extensão.....	32
2.9 Percursos curriculares.....	32
Figura 1: Diversidade de Percursos.....	33
Quadro 5: Integralização de carga horária por percurso e núcleos curriculares...	

2.9.1 Núcleo Específico.....	33
Quadro 6: Disciplinas obrigatórias do Núcleo Específico.....	35
Quadro 7: Conjunto II – Disciplinas Optativas e Atividades Acadêmicas Complementares do Núcleo Específico.....	37
2.9.2 Núcleo Geral.....	38
2.9.3 Núcleo Complementar.....	38
2.9.4 Núcleo Avançado.....	39
2.9.5 Representações do Currículo.....	40
Figura 2: Diagrama do núcleo específico obrigatório do bacharelado em Ciências Sociais.....	40
Figura 3: Diagrama dos percursos curriculares.....	41
<b>3 Da infraestrutura.....</b>	<b>42</b>
3.1 Instalações, laboratórios e equipamentos.....	42
3.1.1 Ambientes administrativos e de apoio docente.....	42
Quadro 8: Ambientes administrativos e apoio docente.....	42
3.1.2 Laboratórios.....	44
3.2 Políticas e programas de pesquisa e extensão e inclusão.....	45
3.3 Acessibilidade.....	50
3.4 Biblioteca.....	53
3.5 Gestão do curso, corpo docente e corpo técnico-administrativo.....	54
3.5.1 Gestão do curso.....	54
3.5.2 Corpo docente.....	56
3.5.3 Corpo técnico-administrativo.....	57
<b>4 Referências bibliográficas.....</b>	<b>58</b>
<b>5 Apêndices.....</b>	<b>60</b>

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1: Dados de identificação.....	7
Quadro 2: Identificação do curso e da unidade.....	12
Quadro 3: Relação entre avaliação e conceito conforme as normas de graduação da UFMG.....	21
Quadro 4: Conjunto I – Disciplinas e atividades acadêmicas optativas da formação em extensão.....	32
Figura 1: Diversidade de Percursos.....	33
Quadro 5: Integralização de carga horária por percurso e núcleos curriculares.....	33
Quadro 6: Disciplinas obrigatórias do Núcleo Específico.....	35
Quadro 7: Conjunto II – Disciplinas Optativas e Atividades Acadêmicas Complementares do Núcleo Específico.....	37
Figura 2: Diagrama do núcleo específico obrigatório do bacharelado em Ciências Sociais.....	40
Figura 3: Diagrama dos percursos curriculares.....	41
Quadro 8: Ambientes administrativos e apoio docente.....	42

# **1 Da identificação do curso e seus fundamentos conceituais**

## ***1.1 Introdução***

Este Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é resultante de um processo que envolve avaliações do funcionamento e da formação promovidas pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais, no seu grau de Bacharelado, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que vinha movimentando, há alguns anos, tanto o corpo docente quanto o corpo discente rumo a um processo de reestruturação. O delineamento proposto está embasado em um acúmulo importante de experiências e de reflexões sobre adequações e alterações de funcionamento. Junto disso, vem atender à necessidade de reestruturar aspectos teórico-conceituais e metodológicos que fundamentam a formação de cientistas sociais na sociedade contemporânea.

As discussões que permearam propriamente a constituição deste Projeto Pedagógico se iniciaram em 2018, quando da instituição do Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDE), e se prolongaram até 2022, em decorrência de uma conjunção de fatores, dentre os quais, em especial, destacam-se dois: em primeiro lugar, a diversidade temporal de mudanças normativas essenciais, que foram sendo agregadas paulatinamente à presente reforma; e, em segundo lugar, e associado ao primeiro fator, a necessidade de dialogar com diferentes instâncias acadêmicas para a conformação de um projeto político pedagógico que pudesse ter excelência em termos político-pedagógicos e se coadunar à diversidade de departamentos que conformam a execução do curso.

O presente PPC está organizado na forma de capítulos. No primeiro deles, além desta introdução, em que apresentamos em linhas gerais algumas alterações significativas em relação à versão curricular anterior, são tratados aspectos referentes ao histórico e perfil da Universidade Federal de Minas Gerais e do curso de Ciências Sociais. No capítulo dois, são detalhados aspectos da estrutura curricular do curso, bem como são explicitados os princípios teóricos e metodológicos que a fundamentam. Por fim, no capítulo três, são descritos aspectos relacionados à infraestrutura da Universidade, da Unidade e do curso.

A graduação em Ciências Sociais da UFMG confere dois graus distintos, o de Bacharel e o de Licenciado, sendo que no 1º semestre, o ingresso regular de todos os alunos ocorre por meio da Área Básica de Ingresso (ABI) e, ao final do 1º ano, o(a) estudante deve optar por seguir o curso de Bacharelado ou de Licenciatura em Ciências Sociais. No entanto, o presente PPC é restrito somente no grau do Bacharelado do referido curso. Este, por sua vez, é eminentemente interdisciplinar e transversal, o que implica que as alterações devem ser pensadas,

dialogadas e aprovadas por muitos departamentos distintos, em especial, o Departamento de Antropologia e Arqueologia, o Departamento de Ciência Política e o Departamento de Sociologia. Também ofertam disciplinas no curso as seguintes instâncias: Departamento de Filosofia; Faculdade de Letras; Faculdade de Educação; Faculdade de Ciências Econômicas.

Demandamos aos departamentos integrantes das áreas de formação principais do curso de Ciências Sociais – a saber, Antropologia e Arqueologia, Ciência Política e Sociologia, – que buscassem revisar as ementas das disciplinas obrigatórias e optativas ofertadas ao curso, em especial, no sentido de buscar atender especificamente as resoluções que tratam de Educação em relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira e africana (Resolução CNE/CP 1/2004), de Educação ambiental (Resolução CNE/CP 2/2012) e de Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE/CP 1/2012).

Os três departamentos fizeram comissões específicas para revisar as ementas e as encaminharam para apreciação do Colegiado do curso. Paralelamente, alguns coletivos de estudantes, buscando contribuir com a reforma do PPC, formalizaram ao Colegiado do curso uma demanda de que, na reforma curricular, algumas disciplinas pudessem contemplar, senão de modo individualizado, pelo menos de modo transversal e estruturalmente, a inclusão de autora(s) indígenas e negra(o)s, além de questões envolvendo epistemicídio, raça, etnicidade, gênero e pensamento social brasileiro. O Colegiado aprovou por unanimidade essa solicitação como diretriz e, novamente, os três departamentos principais foram acionados para que buscassem contemplar, em uma nova revisão das ementas e das bibliografias das disciplinas, o máximo possível desses aspectos.

Em 2018, a Universidade Federal de Minas Gerais, por meio de seu Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, aprovou a Resolução Complementar 01/2018, de 20 de fevereiro de 2018, que dispõe sobre as Normas Gerais de Graduação da Universidade. De acordo com essa Resolução, a partir de 2019, as estruturas curriculares dos cursos de graduação deveriam passar a se estruturar em quatro núcleos: específico, complementar, avançado e geral. O Núcleo Docente Estruturante, então, dedicou-se a estruturar a conformação do projeto político pedagógico a partir desse novo conjunto de normas.

No final de 2018, a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, no âmbito do Ministério da Educação, por meio da Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, determinou que 10% da carga horária de todos os cursos superiores do país fossem cumpridas em atividades de extensão. O Núcleo Docente Estruturante se debruçou sobre as legislações nacionais e as que foram sendo publicadas no âmbito da UFMG, para delinear

uma proposta que cumprisse os requisitos desta Resolução, que, apesar de determinar a obrigatoriedade da formação em extensão universitária, afirmava também que a carga horária dos cursos não deveria ser aumentada.

A presente reforma do Projeto Político Pedagógico do curso de Ciências Sociais, portanto, visa dar conta de todas essas normativas e diretrizes, além de atualizar a formação teórico-metodológica e cidadã da(o) discente do curso no grau de Bacharelado.

## 1.2 *Dados de identificação e contextualização na UFMG*

### 1.2.1 *Identificação da UFMG*

**Quadro 1: Dados de identificação**

Mantenedora: Ministério da Educação		
IES: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)		
Natureza Jurídica: Autarquia Federal	CNPJ: 17.217.985/001-04	
Endereço: Av.: Antônio Carlos, 6627 Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 31270 – 901	Fone: +55 (31) 34095000	
	Sítio: <a href="http://www.ufmg.br">http://www.ufmg.br</a> e-mail: <a href="mailto:reitor@ufmg.br">reitor@ufmg.br</a> ou <a href="mailto:reitora@ufmg.br">reitora@ufmg.br</a>	
Ato Regulatório: Credenciamento Lei Estadual Nº documento: 956 Data de Publicação: 07/09/1927	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
Ato Regulatório: Recredenciamento PORTARIA MEC Nº documento: 589, de 13 de março de 2019 Data de Publicação: 14/03/2019	Prazo de Validade: Vinculado ao Ciclo Avaliativo	
CI – Conceito Institucional	5	2017
IGC – Índice Geral de Cursos	5	2022
IGC Contínuo	4.4167	2022
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida	Gestão: 2022-2026	

### 1.2.2 *Perfil institucional*

A UFMG, nos termos do seu Estatuto, tem por finalidades precípua a geração, o desenvolvimento, a transmissão e a aplicação de conhecimentos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, compreendidos de forma indissociável e integrados na educação e na formação científica e técnico-profissional de cidadã(o)s imbuídos de responsabilidades sociais, bem como na difusão da cultura e na criação filosófica, artística e tecnológica. No cumprimento dos seus objetivos, a UFMG mantém cooperação acadêmica, científica, tecnológica e cultural com instituições nacionais, estrangeiras e internacionais e constitui-se em veículo de desenvolvimento

regional, nacional e mundial, almejando consolidar-se como uma universidade de excelência e relevância, mundialmente reconhecida.

### ***1.2.3 Missão***

Visando ao cumprimento integral das suas finalidades e de seu compromisso com os interesses sociais, a UFMG assume como missão gerar e difundir conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais, destacando-se como instituição de referência na formação de indivíduos críticos e éticos, dotados de sólida base científica e humanística, e comprometidos com intervenções transformadoras na sociedade, com vistas à promoção do desenvolvimento econômico, da diminuição de desigualdades sociais, da redução das assimetrias regionais, bem como do desenvolvimento sustentável.

### ***1.2.4 Breve histórico***

A criação de uma Universidade em Minas Gerais fazia parte do projeto político dos Inconfidentes já no século XVIII. A proposta, entretanto, só veio a se concretizar na terceira década do século XX, no bojo de intensa mobilização intelectual e política que teve no então Presidente do Estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, sua principal expressão. Em 7 de setembro de 1927, foi promulgada a Lei Estadual nº 956, que fundou a Universidade de Minas Gerais (UMG) mediante a reunião das quatro instituições de ensino superior existentes, à época, em Belo Horizonte, quais sejam: a Faculdade de Direito, criada em 1892; a Faculdade de Medicina, criada em 1911; a Escola de Engenharia, criada em 1911; e a Escola de Odontologia e Farmácia, cujos cursos foram criados em 1907 e 1911, respectivamente. O primeiro Reitor da UMG, nomeado em 10 de novembro do mesmo ano, foi Francisco Mendes Pimentel, Diretor da Faculdade de Direito, que foi sede da primeira Reitoria.

Em 1942, a Fazenda Dalva, situada na zona suburbana de Belo Horizonte, na região da Pampulha, foi desapropriada e destinada à sede da Cidade Universitária. Tal decisão foi aprovada pela comunidade universitária, por intermédio de Comissão criada para interlocução com o Governo, findo o período do Estado Novo, considerando-se a amplitude, a tranquilidade e a topografia da área, sua relativa proximidade com o centro urbano e a facilidade de transportes.

A Universidade de Minas Gerais foi federalizada em 1949. Até então, a UMG era uma instituição privada, ainda que recebesse subsídios públicos. A partir da década de 1960, iniciou-se a real implantação do Campus Pampulha. O Plano Diretor para a Cidade Universitária,

que definia o sistema viário e o zoneamento das atividades por áreas de conhecimento e serviços, foi concluído em 1957, quando foram iniciadas as respectivas obras de infraestrutura e apoio.

Em 1965, a Universidade de Minas Gerais passou a se chamar Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Um ano depois, teve início o processo de elaboração de um novo Estatuto da Universidade, bem como o da Reforma Universitária, que viria a se efetivar em 1968. Com a aprovação de seu plano de reestruturação, em 1967, e o advento da Reforma Universitária, em 1968, a UFMG sofreu profunda alteração orgânica, principalmente no que se refere à estrutura do seu sistema de ensino. O desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia (Fafi) deu origem à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), à Faculdade de Educação (FaE), à Faculdade de Letras (FALE), ao Instituto de Geociências (IGC), ao Instituto de Ciências Exatas (ICEx) e ao Instituto de Ciências Biológicas (ICB), sediando estes dois últimos, respectivamente, os ciclos básicos em ciências exatas e em ciências biológicas, tendo sido o ciclo básico de ciências humanas criado na FAFICH, em 1973. Além do ciclo básico e das novas unidades, a Reforma também introduziu o sistema departamental, o vestibular unificado, o sistema de créditos, a matrícula por disciplina, a carreira do magistério superior e a pós-graduação.

Em 1998, foi instituído um projeto concernente à transferência, para o Campus Pampulha, das unidades acadêmicas localizadas na região central de Belo Horizonte, que visava à integração das diversas áreas do conhecimento, à ampliação do número de vagas e à promoção do desenvolvimento acadêmico dessa Universidade, denominado Campus 2000. Assim, com a efetiva implantação desse Campus, nele se encontram, hoje, 20 unidades acadêmicas, uma unidade especial – a Escola de Educação Básica e Profissional, que abrange o Centro Pedagógico, o Colégio Técnico e o Teatro Universitário –, os prédios da Administração Central da UFMG, a Praça de Serviços, a Biblioteca Universitária, a Imprensa Universitária, o Centro de Microscopia Eletrônica, os Restaurantes Universitários Setorial I e II, a Estação Ecológica e o Centro de Desenvolvimento da Criança – a “creche da UFMG” –, escola de Educação Infantil que, a partir de 2007, passou a ser administrada pela Prefeitura de Belo Horizonte.

Além do Campus Pampulha, em sua estrutura física atual, a UFMG conta com o Campus Saúde, localizado na região central de Belo Horizonte, onde funcionam a Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem e nove unidades prediais que compõem o Hospital das Clínicas, considerado centro de referência e excelência regional e nacional em medicina de alta complexidade. Em diferentes bairros de Belo Horizonte, localizam-se ainda a Faculdade de

Direito, além do Centro Cultural e do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Fora da capital, funcionam o Núcleo de Ciências Agrárias, situado no Campus Regional de Montes Claros, e duas fazendas – uma experimental, em Igarapé, e outra modelo, em Pedro Leopoldo, ambas vinculadas à Escola de Veterinária. Em Diamantina, estão instalados o Instituto Casa da Glória (antigo Centro de Geologia Eschwege), órgão complementar, e a Casa Silvério Lessa do Instituto de Geociências; em Tiradentes, situa-se o complexo histórico-cultural dirigido pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, que compreende o Museu Casa Padre Toledo e os prédios do Fórum, da Cadeia e do Centro de Estudos.

A Universidade Federal de Minas Gerais é pessoa jurídica de direito público, mantida pela União, dotada de autonomia didático-científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial. As 20 unidades acadêmicas de Ensino Superior da UFMG são responsáveis pelos cursos de Graduação presenciais e na modalidade a distância, além dos cursos de Especialização, Programas de Residência Médica e demais Programas de Ensino, cursos de Mestrado e Doutorado. No campo da pesquisa, atuam nessa Universidade diferentes grupos, formalmente cadastrados no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Dando cumprimento a essas atividades, atuam mais de 3.400 pesquisadores, entre Doutores ou Livre-Docentes. No tocante à extensão, a Universidade oferta Cursos de extensão, programas e projetos, além de inúmeros eventos e prestações de serviços, beneficiando, anualmente, um público que atinge mais de dois milhões e meio de pessoas.

No processo seletivo para ingresso de discentes nos cursos de Graduação da UFMG, são oferecidas vagas para os diversos cursos de Licenciatura e Bacharelado, distribuídas entre os turnos diurno e noturno. A Pós-Graduação dessa Universidade oferta vagas para cursos de especialização, mestrado e doutorado.

Ao lado de uma política de expansão que perpassa sua trajetória desde a fundação, a UFMG tem se pautado por parâmetros de mérito e qualidade acadêmicos em todas as suas áreas de atuação, caminhando passo a passo com políticas de inclusão e diversificação de seus ingressantes, o que tem contribuído sobremaneira para a consolidação de uma Universidade plural, crítica e cidadã. Seus docentes têm participação expressiva em Comitês de Assessoramento de órgãos de fomento à pesquisa, em Comitês Editoriais de revistas científicas e em diversas Comissões de Normas Técnicas.

Como Instituição de Ensino Superior (IES) integrante do Sistema Federal de Ensino Superior Brasileiro, a UFMG é a maior Universidade Pública do Estado de Minas Gerais e

destaca-se não apenas pela abrangência de sua atuação, mas também pelos mais elevados índices de produção intelectual, características que justificam sua posição de referência e liderança, tanto regional quanto nacional. A UFMG está situada entre as 500 maiores instituições de ensino do mundo.

A UFMG desenvolve projetos e programas de ensino, nos níveis de graduação e de pós-Graduação, pesquisa e extensão, sob a forma de atividades presenciais e a distância, em todas as áreas do conhecimento. Ocupa-se, também, da oferta de cursos de Educação Básica e Profissional – na Escola de Educação Básica e Profissional, no Campus Pampulha, e no Núcleo de Ciências Agrárias, no Campus Regional de Montes Claros. Além de se constituírem um campo de experimentação para a formação no ensino superior, esses sistemas de Educação Básica e Profissional da UFMG compõem um *locus* de produção teórica e metodológica sobre questões referentes a esses níveis de ensino, incluindo propostas de integração entre ambos.

Assim, para consolidar sua missão, a Universidade procura disseminar suas formas de atuação em áreas geograficamente diversificadas, investindo permanentemente nas dimensões quantitativa e qualitativa dos projetos acadêmicos, científicos, tecnológicos e culturais em andamento ou em fase de planejamento. Além disso, assim como outras IES, a UFMG está cada vez mais inclusiva e busca criar políticas que enriqueçam a trajetória acadêmica de toda(o)s a(o)s estudantes. O corpo discente ganha nova configuração provocada pela adesão da UFMG ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), programa que expandiu as universidades, ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ao Sistema de Seleção Unificada (SISU) e também às ações afirmativas, com políticas de acesso e permanência de estudantes provenientes de grupos socialmente discriminados. A esse respeito, cabe destacar a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que regulamenta o ingresso de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e com deficiência, por meio de reserva de vagas, incluindo a dimensão de vulnerabilidade socioeconômica na destinação destas vagas. Trata-se de uma política de ação afirmativa que tem por objetivo corrigir desigualdades presentes em nossa sociedade por meio da reserva de vagas nas instituições federais de ensino superior.

### 1.3 Contextualização do curso

#### 1.3.1 Dados de identificação da unidade e do curso

**Quadro 2: Identificação do curso e da unidade**

Curso: Ciências Sociais	
Unidade: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH	
Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte – MG. CEP: 31270 – 901.	Fone: +55 (31) 3409-3789
	Sítio: <a href="http://www.fafich.ufmg.br/">http://www.fafich.ufmg.br/</a> E-mail: <a href="mailto:dir@fafich.ufmg.br">dir@fafich.ufmg.br</a>
Diretor(a) da Unidade: Thais Porlan de Oliveira	Gestão: 2024-2026
Coordenador(a) do Colegiado: Rogério Brittes Wanderley Pires	Gestão: 2024-2026
Número de vagas iniciais ofertadas por semestre: 40 vagas (além de 2 vagas suplementares indígenas e 2 para o PEC-G).	
Turno(s) de Funcionamento: Bacharelado: Matutino	Carga Horária Total: Bacharelado: 2.400h
Tempo padrão de integralização: Mínimo: 8 semestres / Máximo: 14 semestres	Modalidade: Presencial

#### 1.3.2 Apresentação e breve histórico da unidade acadêmica e do curso

A Faculdade de Filosofia (Fafi) foi criada em 21 de abril de 1939, por um grupo de intelectuais mineiros que militavam na vida cultural e política da capital. Ela funcionou inicialmente na Casa d'Itália, na rua Tamoios, abrigando cursos de Filosofia, Pedagogia, Letras, História Natural, Geografia, Matemática, Biologia, Física, Química, Ciências Sociais e História. Depois, seus cursos dividiram-se entre os atuais Colégio Marconi e Instituto de Educação. A Fafi foi incorporada à então UMG, em 1948. Na década de 1950, todos os cursos se reuniram em dois andares do Edifício Acaiaca e, a partir de 1962, no célebre prédio da Rua Carangola.

A Fafi se tornou Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) com a reestruturação imposta pela reforma universitária de 1968, que criou os grandes institutos e deixou na FAFICH os cursos de Ciências Sociais, Comunicação Social, Filosofia, História e Psicologia. Foi também no contexto da reforma universitária de 1968 que o curso de Ciências Sociais se reestruturou, de modo que às disciplinas de Antropologia e Sociologia, já oferecidas na Fafi, vieram a se agregar às de Sociologia e Política, ofertadas por grupo de professores reunidos pela Reitoria em torno do projeto da Fundação Ford que, em Dezembro de 1965, deu

origem ao mestrado em Ciência Política, o primeiro do país, iniciando seu funcionamento em 1966. Desde então, o curso abrange estas três áreas principais, mas, até o final da década de 1970, a matriz curricular foi composta quase exclusivamente por disciplinas obrigatórias. A mudança curricular, promovida em 1979, introduziu a “flexibilização estrutural” no curso, isto é, tornou parte significativa da carga horária total do curso composta por disciplinas optativas (foram criadas 36, sendo que os estudantes tinham que escolher pelo menos 9), e diminuiu as diferenças no peso relativo das áreas de Antropologia (com 3 disciplinas obrigatórias), Ciência Política (com 4 obrigatórias) e Sociologia (com 5 obrigatórias) na composição do curso.

Em 1989, uma nova reforma curricular teve por foco tornar equitativa a participação das áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política no curso de Ciências Sociais. Nessa reforma, a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia se tornaram áreas de concentração do curso; além disso, o número de disciplinas obrigatórias ofertadas por parte de cada área foi equiparado. Além de reafirmar a flexibilização do currículo, expandindo-o, esta reforma introduziu o grau de Licenciatura no curso de Ciências Sociais e incluiu a disciplina Monografia como obrigatória para o Bacharelado. Em 1991, a FAFICH mudou-se para o prédio atual, no Campus da Pampulha. Em 2008, uma nova reforma curricular reforçou a Licenciatura, com inclusão de novas disciplinas obrigatórias e de estágios curriculares, manteve as três áreas de concentração do curso e abriu uma quarta área de “formação geral”, introduzindo as formações complementares temáticas e ampliando as possibilidades de reconhecimento de intercâmbios nacionais e internacionais, além de atividades extracurriculares.

A presente reforma, 16 anos depois, visa atender às Normas Gerais de Graduação da UFMG, aprovadas em 2018, e outras normativas, como as que dizem respeito à educação em relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira e africana, ao ensino de Libras, à educação ambiental e à educação em Direitos Humanos. Por fim, introduz a formação em extensão universitária e revê e atualiza os programas das disciplinas.

#### ***1.4 Formas de ingresso em vagas iniciais***

A Graduação em Ciências Sociais recebe anualmente 80 aluna(o)s, que são distribuída(o)s em duas entradas semestrais de 40 aluna(o)s, sendo o curso realizado no turno matutino, com tempo mínimo de integralização de 8 (oito) semestres.

O processo seletivo para ingresso no curso segue a Resolução do Conselho Universitário 01/2013, de 19 de março de 2013, que estabelece a seleção dos candidatos por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU) do Ministério da Educação/MEC. Para ingressar nas

vagas iniciais, a(o) aluna(o) deve se submeter ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, realizado anualmente, e ser aprovado via SISU.

Além desse processo seletivo, a(o)s aluna(o)s podem ingressar na instituição por meio de: Obtenção de Novo Título (aluna(o) que já possui uma graduação concluída); Reopção (aluna(o) de graduação da UFMG que deseja mudar de curso); Transferência (graduanda(o) advinda de outra instituição); Continuidade de Estudos (possibilidade de a(o) aluna(o) que já tenha obtido um dos dois graus oferecidos pelo curso retornar para cursar e obter o outro grau); Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) – Programa dos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação do Brasil, que seleciona estrangeiros para realizar estudos de graduação no Brasil –; Programa de Refugiados Políticos; e Matrícula de Cortesia (permitida somente para estudantes estrangeiros, ou seus dependentes legais, que sejam funcionários de Missão Diplomática ou de Repartição consular no Brasil).

### ***1.5 Bases normativas e legais***

O Curso de Graduação em Ciências Sociais, que prevê a formação de Cientistas Sociais está em consonância com normativas gerais ligadas ao Bacharelado, a saber: o Parecer CNE/CES 08/2007 de 31 de janeiro de 2007 – que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial –; a Resolução CNE/CP 02/2007 de 18 de junho de 2007 – que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial –; e a Resolução CG 02/2019 de 03 de dezembro de 2019 – que estabelece diretrizes gerais para elaboração da estrutura curricular dos cursos de graduação da UFMG. Além disso, o curso atende à Resolução CNE/CES 17/2002 de 13 de março de 2002 – que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia –; e ao Parecer CNE/CES 492/2001 de 03 de abril de 2001, que estabelecem as Diretrizes Curriculares específicas para os cursos de Ciências Sociais. O curso atende ainda à Portaria MEC 2117/2019 de 06 de dezembro de 2019 – que dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior pertencentes ao Sistema Federal de Ensino –; e à Resolução CEPE 13/2018 de 11 de setembro de 2018 – que estabelece o limite de 20% da carga horária total do curso para atividades a distância. Por fim, por usar o modelo de Área Básica de Ingresso com possibilidade de escolha do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o curso se adequa à Resolução CNE/CES 04/2024 de 29 de

maio de 2024 – que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica.

Sua estrutura curricular se constitui, por sua vez, em conformidade com as políticas de flexibilização curricular da UFMG, estabelecidas em suas Diretrizes de Flexibilização Curricular, de 2001, e pelas Normas Gerais da Graduação, estabelecidas em 2018, através da Resolução Complementar 01/2018, de 20 de fevereiro de 2018. O curso também está em conformidade com a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (MEC), que estabelece a Formação em Extensão Universitária. Também se alinha com Resolução CEPE 10/2019, interna à UFMG.

O curso se pauta pelas políticas institucionais de inclusão, que, entre outras medidas, em concordância com o Decreto no 5.626/2005, define que a disciplina de Libras deve ser inserida como componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores, e como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior. Ainda quanto a este aspecto, estão descritos no item 3.3 deste projeto pedagógico as políticas e a infraestrutura disponíveis na Unidade e na Instituição que visam garantir a inclusão com qualidade de pessoas com deficiências.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMG, o curso se estabelece de modo a garantir às(aos) estudantes formação humanista sólida, flexível em seu percurso, de modo a estimular a(o) discente no desenvolvimento de aptidões e habilidades específicas. Quanto a esse aspecto, o curso, além de adotar as políticas da UFMG de flexibilização, vai mais adiante, na medida em que apresenta uma estrutura curricular na qual disciplinas optativas ocupam espaço muito significativo, conforme será descrito no capítulo 2, permitindo o aprofundamento em campos e temáticas atuais e de maior interesse e, conseqüentemente, possibilidades de trajetórias acadêmicas que garantem à(ao) discente a possibilidade de ser protagonista de seu processo de formação, propiciando à(os) aluna(os) uma formação integrada a partir dos campos de saber da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política.

Em diferentes momentos deste projeto, são esclarecidos e indicados o atendimento às normativas supra referidas, mas julgamos conveniente destacar desde já o modo como o projeto atende a certas diretrizes curriculares voltadas à formação crítica plural, inclusiva e cidadã.

### ***1.5.1 Educação em direitos humanos, educação ambiental e promoção dos valores étnico-culturais***

O Curso de Ciências Sociais da UFMG atende às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (conforme definidas pela Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012); para a Educação Ambiental (conforme definidas pela Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012) e para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (conforme definidas pela Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004), todas aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), do Ministério da Educação.

De um modo geral, a(o)s estudantes adquirem conhecimentos e habilidades a respeito desses conjuntos temáticos em disciplinas obrigatórias e optativas ao longo de sua trajetória no curso.

A temática dos Direitos Humanos é objeto de estudo das três grandes áreas do conhecimento que perfazem a matriz curricular do Curso de Ciências Sociais da UFMG: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Apesar de ser tratada transversalmente em muitas das disciplinas optativas ofertadas a(o)s aluna(o)s pelos três departamentos, ela é abordada especificamente nas seguintes disciplinas. Nas atividades *Ensino de Ciências Sociais: Introdução* e *Ensino de Ciências Sociais: Estágio*, ao introduzir temas transversais e direitos humanos. Em *Política II*, ao discutir Democracia e os diferentes condicionantes dos processos de democratização e desdemocratização nas sociedades capitalistas modernas aborda-se questões de gênero, étnico-raciais e direitos humanos. Em *Sociologia IV* (4º período), que foca em gênero, relações étnico-raciais, identidade, poder e educação em direitos humanos. Há também disciplinas optativas que, a partir de uma visão antropológica, tratam do respeito à diversidade de modos de vida e incluem em suas temáticas reflexões que contribuem para ampliar a compreensão sobre a universalidade e o relativismo dos Direitos Humanos, tais como: *Etnologia Indígena; Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território; Raça e Etnicidade e Laboratório de Extensão*.

No tocante à Educação Ambiental, o Curso de Ciências Sociais da UFMG entende que as concepções que perpassam o entendimento, o uso e as relações que se estabelece com o meio ambiente são centrais para compreender a vida em sociedade. Além da temática ser tratada transversalmente em praticamente todas as disciplinas de Antropologia, é abordada, como conteúdo específico, nas atividades *Ensino de Ciências Sociais: Introdução, Ensino de Ciências Sociais: Estágio, Sociologia IV*, obrigatórias, e *Patrimônio Cultural*, optativa, que

contribuem para uma leitura crítica acerca de como se dão as relações entre humanos e o meio ambiente em escalas diversas do tempo e do espaço.

Finalmente, cabe salientar que o Curso de Ciências Sociais da UFMG reconhece, promove e valoriza a importância das diferenças étnicas e culturais, sendo o trato desta questão abrangido de forma transversal ao longo do curso. Diversas disciplinas tratam do entendimento e da reflexão sobre as diferenças e sobre a diversidade das trajetórias históricas de sociedades cujo componente cultural é marcadamente diversificado. Assim, em cada uma das grandes áreas do conhecimento contempladas pelas disciplinas ofertadas no âmbito do Curso de Ciências Sociais da UFMG, as temáticas da história e da cultura afro-brasileira e africana, e das relações étnico-raciais se constituem em objeto de estudo e reflexão. De modo específico, essa discussão está presente nas ementas das seguintes disciplinas obrigatórias: *Antropologia I* (1º período), que aborda as noções de raça e suas críticas; *Ensino de Ciências Sociais: Introdução e Ensino de Ciências Sociais: Estágio* (1º), que abordam temas como História da África, e das culturas afro-brasileiras e indígenas; *Política II* (2º período), que faz uma leitura racializada dos processos de democratização da sociedade moderna; *Sociologia I* (1º período), na qual os conceitos, as abordagens e as metodologias dos clássicos são vistas em suas limitações e suas potencialidades, sendo aplicados a temas como desigualdades, preconceitos, violência, gênero e raça; *Política II* (2º período), que enfoca questões de gênero e raça nas análises dos condicionantes dos processos de democratização e desdemocratização nas sociedades capitalistas modernas; e *Sociologia IV* (4º período), que traz uma abordagem transversal de temas como gênero e relações interétnicas e raciais. Além dessas atividades curriculares, a formação em Educação para as Relações Étnico-raciais pode ser aprimorada por meio das seguintes disciplinas optativas que são ofertadas para toda(o)s a(o)s aluna(o)s: *Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território; Raça e Etnicidade; Etnologia Indígena e Antropologia Brasileira*.

Além de todas as oportunidades que constam no curso, outra possibilidade facultada, como se verá no capítulo 2, é o ingresso em alguma Formação Transversal ou alguma Formação Complementar Aberta que trate dessas temáticas, conforme o interesse da(o) aluna(o).

Cabe mencionar que refletir sobre as dimensões étnicas, raciais e culturais no cenário brasileiro é, além de um valor ético e político do projeto pedagógico do curso de Ciências Sociais da UFMG, uma necessidade para a compreensão das diferentes dimensões que perpassam escolhas e construções que permeiam a vida em sociedade, incluindo desigualdades,

violências e intolerâncias que seguem perpetradas ainda hoje, apesar dos muitos avanços que também estão ocorrendo no desvelamento e reconhecimento dessas questões.

## **1.6 Objetivos**

Com base no que dispõem as diretrizes curriculares do MEC para o Curso de Graduação em Ciências Sociais, o curso de Ciências Sociais da UFMG possui como objetivo geral:

Propiciar à(o)s estudantes uma formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política, Sociologia e Metodologia) e habilitá-la(o)s a estabelecer relações eticamente orientadas com a pesquisa científica e a prática profissional, demonstrando compromisso social e autonomia intelectual.

A este objetivo geral cabe acrescentar os seguintes objetivos específicos das Ciências Sociais:

- i. estimular a autonomia intelectual, a criatividade na resolução de problemas, a capacidade analítica da(o)s estudantes e uma ampla formação humanística;
- ii. buscar permanente articulação entre as disciplinas, as linhas e núcleos de pesquisa e extensão da Universidade, com vistas às variadas possibilidades de formação da(o) cientista social, bem como propiciar alternativas de formação complementar em outras áreas do conhecimento;
- iii. formar profissionais sensíveis à realidade brasileira e ao contexto profissional onde se inserem, comprometidos com a promoção de uma atuação crítica e cidadã, contribuindo para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;
- iv. propiciar a formação de pesquisadores e de profissionais capazes de atuar em programas interdisciplinares e transversais a partir da perspectiva das Ciências Sociais.

É ainda objetivo específico do Bacharelado em Ciências Sociais:

- v. oportunizar o aprofundamento teórico-metodológico dos fundamentos da pesquisa acadêmica, possibilitando a especialização temática e metodológica ao longo da formação por meio da flexibilidade curricular, tendo como fio condutor a formação de profissionais reflexivos sobre suas práticas laborais.

## ***1.7 Identificação das demandas profissionais e sociais***

Um desafio que se destaca para a instituição formadora de profissionais no Ensino Superior é o de proporcionar à(o)s estudantes condições de se tornarem cada vez mais capazes de assumir o seu papel como criadores de soluções eficientes para os problemas que a sociedade enfrenta no presente, tendo em vista sua construção de futuro. A sociedade do conhecimento e, nela, o cenário brasileiro, demanda profissionais autônomos e críticos em relação à própria formação e ao desempenho profissional.

É compromisso do Curso de Ciências Sociais da UFMG promover uma educação calcada em princípios éticos e científicos, preparando sua(seu)s estudantes para o trabalho profissional e para a vida cidadã, com ênfase na autonomia, na construção da competência profissional, na formação de lideranças e na criticidade para ler, interpretar e atuar na realidade social concreta, lidando com eficiência com os problemas de sua vida pessoal e profissional, no contexto de sua comunidade e de seu tempo.

O que se espera da(o) egressa(o) do curso de Ciências Sociais da UFMG é que ela(e): seja um(a) profissional capaz de atender às exigências e constantes transformações relativas ao seu campo de inserção profissional e à sociedade como um todo; tenha uma formação reflexiva, crítica e, ao mesmo tempo, humanística; tenha condições de entender e tomar decisões diante das necessidades sociais, no que se refere às suas áreas de atuação, com habilidades e competências essenciais para assegurar-lhe autonomia intelectual, capacidade de aprendizagem continuada, atuação ética e em sintonia com as demandas de situações concretas; tenha conhecimento de qualquer atividade que envolva a(o) cientista social; seja capaz de analisar e interpretar dados e informações de cunho técnico e científico e também os relacionados aos aspectos sociais, políticos e culturais e seja capaz de transmitir seus conhecimentos.

Para tanto, a(o) egressa(o) deve exibir elevada capacidade de comunicação e expressão em múltiplos códigos, linguagens e mídias, além de demonstrar conhecimentos de informática, em especial o domínio de *softwares* pertinentes ao escopo de sua atuação. Deve dominar amplamente as técnicas necessárias à articulação de elementos empíricos e conceituais inerentes ao conhecimento científico e técnico, bem como aspectos técnicos e éticos essenciais à produção, à divulgação e à aplicação do conhecimento. Deve, por fim, mostrar-se apta(o) ao trabalho integrado e colaborativo em equipes, inclusive naquelas de natureza transdisciplinar.

A(o) Bacharel em Ciências Sociais é a(o) profissional habilitada(o) a trabalhar com pesquisa, assessoria, consultoria e formação junto a entidades públicas e privadas, movimentos sociais, partidos políticos, Organizações Não-Governamentais, entre outras, estando apta(o) ao

trabalho transdisciplinar e à coordenação e supervisão de equipes de trabalho. Poderá atuar no planejamento, na gestão e na avaliação de políticas públicas e sociais nos mais diferentes âmbitos. Também está apta(o) ao trabalho de elaboração de estudos diagnósticos de situações sociais, laudos, relatórios e pareceres técnicos que digam respeito à sua competência profissional.

### ***1.8 Perfil do profissional egresso***

Espera-se que a(o)s profissionais formada(o)s bacharel em Ciências Sociais pela UFMG dominem e mobilizem criticamente o acervo de conhecimento científico da área e as ferramentas metodológicas básicas da profissão, com autonomia intelectual, capacidade analítica, competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática profissional, compromisso social e ética profissional.

Espera-se a formação de um(a) profissional com profundo conhecimento dos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa social e acadêmica, sendo capaz de articular pesquisa e prática social. Considera-se que tenha capacidade analítica e sensibilidade à diversidade cultural, às demandas sociais e à realidade brasileira. O egresso possui domínio de ferramentas que a(o) habilitam à atuação autônoma, crítica e ética na elaboração, execução e avaliação de políticas públicas, pesquisas e demais estudos diagnósticos, bem como à dedicação à carreira acadêmica a partir da especialização em área específica.

### ***1.9 Avaliação da aprendizagem***

A avaliação da aprendizagem é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem, na formação e na capacitação da(o) discente. De acordo com a concepção e os objetivos do curso, a avaliação busca mensurar tanto conhecimentos, quanto o desenvolvimento da formação de discentes como profissionais críticos e reflexivos. Nesse sentido, o curso de Ciências Sociais busca refletir sobre diversas formas de avaliação e introduzir diferentes procedimentos avaliativos utilizados pelo corpo docente no desenvolvimento dos conteúdos programáticos. Isto porque o curso assume que a avaliação da aprendizagem deve extrapolar a simples função de classificação (por exemplo, aprovado e reprovado), buscando contemplar a dimensão de orientação de processo, levando em conta tanto a capacidade de apreensão e reprodução de conteúdos e técnicas, quanto a capacidade de abstração, de análise, de trabalho em grupo, de desenvolvimento de autonomia intelectual, criatividade e curiosidade.

A partir disso, diversas são as formas de avaliação usadas, dentre as quais podemos citar: seminários participativos; pesquisa de campo; provas e trabalhos, tanto individuais quanto em grupo; atividades em laboratório; e resenhas, fichamentos e leituras críticas. Vale destacar que, por meio do sistema Moodle, implementado na UFMG, bem como outros meios eletrônicos, é possível a realização de trabalhos/atividades em atividades acadêmicas curriculares que possuam carga horária à distância.

Nas aulas presenciais, os docentes empregam diferentes estratégias didáticas e pedagógicas, tais como: aulas expositivas; diálogo com os estudantes em grupos; apresentação de trabalhos; discussão de casos; estudos dirigidos; aulas em laboratório de informática com ou sem uso de *software*; entre outros. Busca-se, nesse sentido, a exposição de diferentes ideias, o estímulo à capacidade inventiva, argumentativa e intervencionista, além do desenvolvimento do escrutínio crítico, da elaboração de sínteses orais e escritas, e da capacidade de comunicação de forma geral. A diversidade de tipos de avaliações está em consonância com o objetivo de formar um(a) profissional de Ciências Sociais, seja ela(e) voltada(o) ao mercado, à docência ou à pesquisa acadêmica, que domine habilidades analíticas e práticas (incluindo a utilização da informática), e que tenha compromisso social e autonomia de pensamento e ações.

Cabe mencionar que, para que a(o) discente seja considerada(o) “aprovada(o)” em uma atividade acadêmica curricular (disciplina) específica, a(o) mesma(o) necessita preencher dois requisitos básicos, conforme as Normas Gerais de Graduação da UFMG: ter obtido rendimento acadêmico suficiente (com uma nota igual ou superior a 60 pontos de um escore que vai de 0 (zero) a 100 (cem) pontos – vide Quadro abaixo) e ter tido frequência satisfatória (assiduidade mínima de 75% na programação da atividade curricular).

**Quadro 3: Relação entre avaliação e conceito conforme as normas de graduação da UFMG**

<b>Pontuação</b>	<b>Conceito</b>
De 90 a 100 pontos e assiduidade suficiente	A
De 80 a 89 pontos e assiduidade suficiente	B
De 70 a 79 pontos e assiduidade suficiente	C
De 60 a 69 pontos e assiduidade suficiente	D
De 40 a 59 pontos e assiduidade suficiente	E
Abaixo de 40 pontos ou assiduidade insuficiente	F

O desempenho total de cada discente no semestre letivo é mensurado a partir do cálculo da Nota Semestral Global (NSG), à qual corresponde a “média das notas ponderadas pelo

número de créditos da atividade acadêmica curricular, obtidas nas atividades referentes ao período letivo em questão.” (Normas Gerais da Graduação)). Para a(o) discente que obtiver pontuação entre 40 e 59 pontos (conceito E), e assiduidade suficiente, é possível a realização de exame especial. Neste caso, a nota final da(o) aluna(o), conforme art. 15 das Normas Gerais da Graduação, será:

- I. Igual a 60 pontos, caso a nota do exame especial seja maior que ou igual a 60 pontos;
- II. Igual à nota do exame especial, caso esta seja menor que 60 pontos e maior que a nota anterior;
- III. Igual à nota anterior, caso esta seja maior que a do exame especial.

### ***1.10 Avaliação do curso***

Entendemos que a avaliação deve ser feita a partir de diferentes perspectivas, buscando mensurar diversos aspectos do curso, como, por exemplo, desempenho de professore(a)s e de discentes e evasão do curso. Para isso, podemos utilizar bases de dados de instituições internas bem como externas, como, por exemplo:

Instituições externas:

- A base do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

Comunidade acadêmica e interna:

- Questionário respondido semestralmente por discentes avaliando o curso e os professores;
- Dados do relatório da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD), os quais permitem mensurar evasão, tempo de conclusão de curso, Rendimento Semestral Global, entre outros, possibilitando a participação da comunidade na avaliação do curso;
- Dados acerca da Avaliação Institucional constantes no PDI e nos relatórios da DAI;
- Pesquisa sobre os egressos do curso.

A partir de 2018, de acordo com a Resolução CEPE nº 10/2018, o NDE deve elaborar anualmente atividade de avaliação do curso com participação da comunidade acadêmica e, nesse sentido, temos buscado promover espaços múltiplos de encontro e diálogo entre discentes e docentes, de modo a discutir as dificuldades do curso, as relações entre os corpos discente e docente, as práticas pedagógicas, os métodos de avaliação, as normativas que informam o funcionamento do curso, entre outros. A coordenação do curso, por sua vez, também realiza

periódicos acompanhamentos das percepções dos estudantes quanto ao ensino e condições de aprendizagem. Tudo isso posto em pauta de forma comprometida com as questões sociais que perpassam o curso e que ele tematiza (relações de gênero, diversidade cultural, igualdade de condições, inclusão de minorias, relações étnico-raciais, direitos humanos, entre outras).

## **2 Da estrutura curricular**

### ***2.1 Princípios teóricos e metodológicos***

Os fundamentos teórico-metodológicos do curso estruturam-se na investigação científica, tecnológica, artística e cultural, constantemente em esforço de atualização, tendo como base precípua a interação com a realidade social, política, econômica, cultural e ambiental do Brasil e do mundo. Pressupõem, ainda, a estreita relação entre a pesquisa e a prática social, por meio de, e ainda com vistas ao ensino, à pesquisa e à extensão, permitindo ampla formação humanista e sólida formação técnico-científica enquanto base para um perfil de sujeitos crítico-reflexivos, éticos e cidadã(o)s autônomos.

### ***2.2 Flexibilização curricular e interdisciplinaridade***

O desenho do curso de graduação em Ciências Sociais abre diversas possibilidades de trajetórias. De um lado, oferece uma sólida formação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, de forma articulada com a Filosofia e a Demografia. Por outro lado, estimula uma formação intelectual guiada, porém autônoma, de alta capacidade analítica e crítica, valorizando a formação humanística, sensível e de relevância social. Ainda que considerando a natureza multidisciplinar inerente ao curso, não prescinde de uma adequação inter e transdisciplinar, dadas as demandas profissionais típicas das sociedades complexas. Em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFMG, que recomenda a flexibilização curricular e o conhecimento de áreas complementares, acredita-se na formação profissional multifacetada e multidimensional, que busca a atenção a temas mais amplos concernentes à ciência, às tecnologias e à sociedade, agregando uma perspectiva mais global e crítica.

Sendo assim, a estrutura do curso de Ciências Sociais visa ser um fluxo articulado de aquisição de saberes e habilidades, contemplando tanto uma dimensão básica de formação quanto componentes mais especificamente profissionalizantes, que possibilitam liberdade e escolha quanto ao percurso discente. A formação se dá majoritariamente por atividades acadêmico-científico-culturais teóricas e teórico-práticas, ofertadas por distintos departamentos e unidades, tanto de caráter obrigatório quanto optativo.

Como será detalhado adiante, o curso prevê a possibilidade de ser realizado em até três percursos, a depender das opções da(o)s estudantes pelos Núcleos.

Considerando apenas os percursos padrão, que compreendem somente e obrigatoriamente os Núcleos Específico e Geral, cabe notar que a(o)s estudantes deverão cursar

um mínimo de 735 horas em disciplinas optativas para integralizar o Núcleo Específico, o que equivale a 30% da carga horária total de integralização do curso. Além disso, é facultada a integralização de até 300 horas em Atividades Acadêmicas Complementares, que são constituídas por um amplo conjunto de atividades regulamentadas pelo Colegiado e que têm como objetivo expandir e dar visibilidade à diversidade de espaços de aprendizagem discente para além das disciplinas curriculares. As Atividades Acadêmicas Complementares são debitadas da carga horária de disciplinas optativas do percurso escolhido.

A(o) aluna(o) pode optar por outros percursos além do percurso padrão, realizando atividades acadêmicas curriculares dos Núcleos Complementar e Avançado.

Caso opte por incluir o Núcleo Complementar em sua formação, destaca-se a possibilidade da(o) aluna(o) cursar uma das Formações Transversais (FT) oferecidas pela UFMG, que tratam de diferentes temáticas contemporâneas. Outra possibilidade que reconhece o protagonismo da(o) discente no delineamento de sua trajetória acadêmica e lhe permite optar por um percurso próprio consiste na escolha de uma Formação Complementar Aberta (FCA), que envolve um conjunto de disciplinas de seu interesse, em área correlata às Ciências Sociais, mediante orientação de um(a) professor(a) e da anuência do Colegiado. No caso da escolha por Formação Transversal, a(o) estudante deve perfazer um total de 300 horas de atividades acadêmicas curriculares. No caso da escolha por Formação Complementar Aberta, a(o) estudante também deve perfazer um total de 300 horas.

Caso opte por incluir Núcleo Avançado em sua formação, a(o) estudante tem a possibilidade de realizar um primeiro contato efetivo com a pós-graduação cursando disciplina(s) de pós-graduação nas áreas compreendidas pelo curso até um total de 60 horas.

O curso possui a seguinte divisão: Núcleo Específico mais Núcleo Geral, ou Núcleo Específico mais Núcleo Complementar ou ainda o estudante pode optar por Núcleo Específico mais Núcleo Avançado. Desta forma, o protagonismo da(o) estudante permanece mesmo no Núcleo Geral que é composto por disciplinas de livre escolha da(o) estudante.

Além disso, é importante mencionar que as atividades acadêmicas curriculares podem ser dispensadas, segundo as Normas da Graduação, mediante aproveitamento de estudos e comprovação de conhecimentos, segundo Resoluções a este fim destinadas, aprovadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Cumprir registrar que, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Ciências Sociais, os conteúdos que compõem a formação estudantil do curso de Ciências Sociais da UFMG têm por referência a especificidade da formação, que

reforça a integração entre Antropologia, Ciência Política e Sociologia, recusando a especialização precoce, mas se constituindo de temas e problemas sociais relevantes, linhas de pesquisa específicas e campos de atuação profissional, bem como de abertura para o conhecimento em outras áreas.

Outro aspecto a ser ressaltado, visando contribuir para a implementação do currículo dos cursos de graduação, na perspectiva do entendimento do curso como um percurso, é a criação e disponibilização, a docentes e discentes, de instrumentos facilitadores da relação pedagógica. Assim, destacam-se recursos tecnológicos diversos, tais como, a utilização do Moodle e a implantação do Diário Eletrônico, para uso dos docentes, além das metodologias ativas propostas pelo Programa de Formação Docente, de responsabilidade da PROGRAD.

### **2.3 *Articulação teórico-prática***

A articulação entre teoria e prática em Ciências Sociais é indissociável ao longo de toda a trajetória formativa. Determinadas atividades curriculares guardam a necessidade de saídas de campo ou mesmo de exercícios e trabalhos de cunho aplicado. Desse modo, a delimitação explícita de uma carga horária de “prática como componente curricular”, distribuída em diferentes atividades curriculares, vem contemplar essa necessidade de diversificação das abordagens pedagógicas, propiciando a construção de maior autonomia por parte das(os) cientistas sociais em formação. Assim, entende-se que as experiências pedagógicas propiciadas pela concepção de prática como componente curricular são pertinentes para a(o)s bacharelada(o)s, dado seu caráter integrador e articulador de conhecimentos.

Nesse sentido, espera-se que a(os) docentes do curso possam adaptar e diversificar essas experiências de aprendizagem, reconhecendo as necessidades específicas de atividades de aplicação de conhecimentos.

A participação em atividades de pesquisa, monitoria e extensão, vinculadas aos grupos de estudo, pesquisa e extensão existentes na UFMG, bem como o estágio supervisionado, são propícios para a concretização de experiências de integração de conhecimentos. Ressaltam-se ainda, nessa perspectiva, a importância das disciplinas de *Extensão em Antropologia*, *Extensão em Sociologia* e *Extensão em Ciência Política*, nas quais as(os) alunas(os) são colocadas(os) na condição de buscar resolver problemas concretos e produzir respostas adequadas para situações envolvendo a comunidade externa à Universidade, para a qual a articulação de conhecimentos com a realidade social é imprescindível. Além disso, são estimuladas e valorizadas, pela estrutura curricular do curso, atividades que possibilitam o

contato de discentes e docentes com profissionais em exercício, como eventos, cursos livres e vivências profissionais, que possibilitam a articulação entre teoria e prática através da integralização de créditos derivados da participação da(o)s aluna(o)s nesses espaços e/ou atividades.

#### **2.4 *Ensino à distância***

De acordo com a Portaria MEC nº 2.117, de 06 de Dezembro de 2019 e a Resolução CEPE nº 13/2018, de 11 de Setembro de 2018, o curso de Bacharelado em Ciências Sociais oferece duas optativas totalmente à distância, *Fundamentos de Libras* e *Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos*. Assim, não há exigência mínima de carga horária oferecida à distância, e há um máximo de 120h nessa modalidade, o que equivale a 5% das 2.400 horas da formação. A FAFICH oferece laboratórios de informática, salas de estudo com internet Wi-fi e estrutura de videoconferência para que alunos que eventualmente não disponham de equipamentos em casa possam acompanhar a disciplina. Para além dessas, todas as atividades à distância contam com a supervisão realizada pelos próprios docentes capacitados para usar a Plataforma Moodle da UFMG, especialmente os fóruns de discussão e as atividades avaliativas que são ofertadas dentro de disciplinas presenciais, na forma da lei. Soma-se a isso o uso da Plataforma Microsoft Teams para interação por meio de reuniões virtuais.

#### **2.5 *Formação em pesquisa com o eixo estruturante da prática profissional***

Um importante eixo estruturante do aprendizado no curso é composto pelas disciplinas voltadas às várias facetas da pesquisa em Ciências Sociais, considerando seus aspectos epistemológicos, éticos, metodologicamente diversos e de relação com a produção de conhecimento com e sobre a sociedade. Atividades curriculares voltadas a este eixo estão presentes desde o primeiro período do curso, com a disciplina *Introdução à pesquisa social*, que permite o contato contínuo da(o)s estudantes com variadas técnicas de investigação. Segue-se a ela as seguintes disciplinas que constituem o eixo estruturante da formação em pesquisa em Ciências Sociais: *Estatística aplicada às Ciências Sociais*, *Fundamentos das Pesquisas Quantitativas*, *Fundamentos das Pesquisas Qualitativas*, *Filosofia da Ciência e Epistemologia* e *Redação e divulgação científica*.

Tais atividades acadêmicas curriculares contribuem para uma sólida formação nas diversas dimensões da pesquisa social, seus fundamentos, métodos e técnicas, sendo fundamentais para a instrumentalização da(o)s estudantes na realização da Monografia.

## **2.6 Monografia**

A conclusão do curso se dá mediante a realização, para a(o) bacharelanda(o), da elaboração, execução e defesa de uma Monografia, fruto de um trabalho de pesquisa (bibliográfica e/ou empírica) em articulação com o arcabouço teórico e metodológico obtido ao longo do curso de Ciências Sociais. O objetivo geral da Monografia é propiciar à(ao) estudante a ocasião de demonstrar o grau de habilitação adquirido mediante estímulo ao aprofundamento temático, à produção científica, à consulta de bibliografia especializada e ao aprimoramento da capacidade de abstração e crítica acerca da problemática teórico-prática, bem como a consistência e a desenvoltura na apresentação e na sustentação de suas ideias. A Monografia consiste em uma pesquisa orientada na área das Ciências Sociais e relatada sob a forma de um manuscrito de artigo científico apresentado e defendido perante uma banca examinadora. Espera-se que, com a Monografia, a(o) estudante seja capaz de consolidar seus conhecimentos no assunto escolhido dentro das áreas de formação em Ciências Sociais. Este trabalho está dividido em duas etapas, nas disciplinas denominadas *Monografia – projeto* e *Monografia – defesa*, a serem cumpridas mediante o contato individual da(o) estudante com a(o) professor(a) orientador(a).

Estão aptos a orientar os trabalhos de Monografia os docentes lotados no Departamento de Antropologia e Arqueologia, no Departamento de Ciência Política, no Departamento de Sociologia da UFMG. Docentes provenientes dos demais Departamentos que contribuem para a formação de estudantes no curso de Ciências Sociais também estão habilitados a orientar Monografias e TCCs. Serão aceitos como coorientadoras(es) pesquisadoras(es) que estejam vinculados aos Departamentos de Antropologia, de Ciência Política e de Sociologia, assim como os docentes que ministram disciplinas no curso de Ciências Sociais, nas seguintes condições: a) professoras(es) substitutas(os) ou voluntários que tenham título de doutorado e; b) bolsistas de pós-doutorado.

## **2.7 Estágios supervisionados**

### **2.7.1 Estágios supervisionados obrigatórios**

O estágio obrigatório é abrangido pela Lei 11.788/2008 e envolve a inserção da(o) estudante em um cenário de prática. Assim, o Bacharelado em Ciências Sociais possui um único estágio supervisionado obrigatório, realizado no primeiro semestre do curso, através da disciplina de *Ensino de Ciências Sociais: Estágio*, ofertada pelo Departamento de Sociologia. A disciplina tem um total de 60 horas e é subdividida em 30 horas de orientação, realizada por docente da Educação Superior, e 30 horas realizadas no campo de estágio, sob supervisão de profissional das Ciências Sociais. Trata-se de um estágio de observação, com destaque para as instituições educacionais, de maneira que o bacharelado possa compreender introdutoriamente aspectos culturais, políticos e sociais, bem como estabelecer nexos entre a observação in loco e os temas, os conceitos e as teorias aprendidos nas demais disciplinas.

Na disciplina de *Ensino de Ciências Sociais: Estágio*, e em outra disciplina oferecida paralelamente, no primeiro período do curso, *Ensino de Ciências Sociais: Introdução*, serão apresentadas as bases teórico-metodológicas do ensino em Ciências Sociais, incluindo práticas de ensino, legislação e outros conceitos que baseiam o estágio. Entende-se que a temática da educação é inaugural nas Ciências Sociais, por isso haverá uma primeira fase de aproximação ao campo, por meio da observação de instituições de Educação Básica. Ademais, espera-se que o bacharelado consiga compreender os principais aspectos das legislações educacionais e curriculares do Brasil. Assim, através deste estágio, almeja-se que o bacharelado consiga construir percepções relevantes para o estudo e a análise de outras instituições sociais, culturais e políticas ao longo do curso.

### **2.7.2 Estágios supervisionados não-obrigatórios**

A(o)s estudantes é facultada a realização de estágios não-obrigatórios, formalizados mediante a assinatura de Termo de Compromisso de Estágio e indicação de professor(a) orientador(a) do quadro de docentes ligados ao Colegiado do curso de Ciências Sociais. Os estágios não-obrigatórios se constituem em uma oportunidade de vivência profissional em consonância com os objetivos do curso de Ciências Sociais e a Lei 11.788/2008.

### ***2.7.3 Atividades acadêmicas complementares***

As Atividades Acadêmicas Complementares (AAC) correspondem àquelas práticas de caráter científico, cultural e extracurricular, que buscam ampliar e enriquecer o perfil de formação. Desde o segundo período de curso, a(o) discente pode realizar alguma dessas atividades, a partir de seu interesse e escolha. A existência das AAC tem como objetivo expandir e dar visibilidade à diversidade de espaços de aprendizagem discente para além das atividades curriculares. Elas abrangem atividades realizadas na UFMG e em outras instituições do Brasil ou do exterior que contribuam para a formação das(os) estudantes em consonância com os objetivos do curso. As(os) alunas(os) podem integralizar, de modo facultativo, carga horária em atividades acadêmicas complementares no limite entre 120 a 240 horas, conforme critérios definidos no Regulamento do curso, integralizadas em substituição à carga horária de optativas.

São consideradas atividades acadêmicas complementares, passíveis de integralização curricular, a participação em: projetos de pesquisa, ensino e extensão; programas de iniciação à docência na Educação Básica; programas de Educação Tutorial e monitoria acadêmica; grupos de estudo; eventos científicos e acadêmicos (com e sem apresentação de trabalho); estágio não-obrigatório e vivências profissionais; disciplinas de Pós-graduação; organização de eventos acadêmicos; cursos de línguas; órgãos colegiados e de representação estudantil; atividades de protagonismo social; empresa júnior; trabalhos publicados em eventos, em revistas científicas ou capítulos de livro; corpo editorial de revista científica; defesas de monografias, dissertações ou teses; outras atividades não previstas, sob avaliação do Colegiado. No Apêndice C, são apresentadas as AAC do curso, com a indicação dos parâmetros de integralização curricular previstos para cada uma delas.

## ***2.8 Formação em extensão universitária***

Em consonância com a Resolução CNE/CES 07/2018, a Resolução CEPE 10/2019 normatiza as diretrizes curriculares para a Formação em Extensão Universitária nos cursos de graduação da UFMG. Ela estabelece que atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular, sem que haja qualquer aumento da carga horária existente para acomodação dessa exigência. Por extensão, entende-se, segundo a normativa, um processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação

permanente com o ensino e a pesquisa. As atividades de extensão, por sua vez, devem fazer parte da matriz curricular dos cursos, ou seja, devem ser ofertadas sistematicamente de modo que garantam a participação de todo(a)s as(os) estudantes do curso.

As ações de extensão podem ser programas, projetos, cursos, oficinas, eventos e prestação de serviços tanto de programas institucionais, quanto, eventualmente, de natureza governamental, que atendam a políticas municipais, estaduais, distritais e nacionais. É vedada a integralização de carga horária em Formação em Extensão Universitária por meio da participação da(o) estudante em cursos e eventos como ouvinte ou espectador(a).

Para contemplar os 10% de carga horária de Formação em Extensão Universitária, as(os) estudantes devem cursar as seguintes disciplinas obrigatórias: *Extensão em Sociologia*, *Extensão em Antropologia* e *Extensão em Ciência Política*, cada uma delas tendo 60h. Estas disciplinas, a serem ofertadas regularmente, estarão vinculadas a Projetos de Extensão coordenados por professores(as) e devidamente registrados no SIEX. Adicionalmente a essas disciplinas, as(os) estudantes devem cumprir mais 60h em atividades de extensão, as quais poderão ser integralizadas por meio de optativas ofertadas como tópicos de conteúdo variável vinculadas à extensão, nomeadamente, *Tópicos em Extensão em Política*, *Tópicos em Extensão em Sociologia* e *Tópicos em Extensão em Antropologia*, e *Laboratório de Extensão* bem como Atividades Acadêmicas Complementares atinentes à extensão respeitando, o limite de 105h para integralização de atividades complementares de extensão. Além disso, prezando pela trans e interdisciplinaridade, o discente poderá realizar atividades complementares em outros programas e projetos de extensão universitária, desde que certificados, também dentro do limite de 105h.

**Quadro 4: Conjunto I – Disciplinas e atividades acadêmicas optativas da formação em extensão**

Atividade Acadêmica Curricular	Atividade Acadêmica <sup>1</sup>	Carga Horária	Créditos
Tópicos em Extensão em Antropologia	DIG	60	4
Tópicos em Extensão em Ciência Política	DIG	60	4
Tópicos em Extensão em Sociologia	DIG	60	4
Laboratório de Extensão	DIG	60	4
Iniciação à Docência na Educação Básica e/ou Tutorial	AAC	30	2
Iniciação à Extensão	AAC	30	2
Organização de congressos, encontros e eventos	AAC	30	2
Empresa júnior	AAC	30	2
Iniciação à Docência na Educação Básica e/ou Tutorial	AAC	60	4
Iniciação à Extensão	AAC	60	4
Empresa júnior	AAC	60	4

## 2.9 Percursos curriculares

Em conformidade com as Normas Gerais de Graduação da UFMG, a estrutura curricular do curso de Ciências Sociais tem como base a flexibilidade. Existem 3 (três) percursos distintos disponíveis para serem cursados pela(o)s aluna(o)s.

O percurso padrão, aquele no qual o(a) estudante é vinculado em seu ingresso na universidade, é o Bacharelado em Ciências Sociais com Núcleo Específico e Núcleo Geral.

A solicitação para cursar um percurso que inclua Núcleo Complementar deve ser feita pela(o) aluna(o) a partir da conclusão de todas as atividades referentes ao 4º período. Já a solicitação para cursar um percurso que inclua Núcleo Avançado deve ser feita pela(o) aluna(o) a partir da conclusão de todas as atividades referentes ao 5º período. Todas estas alterações devem ser feitas por meio de formulários próprios e mediante anuência do Colegiado. A carga horária do Núcleo Avançado será registrada nas atividades acadêmicas intituladas Tópicos Avançados A, B, C e D.

A seguir, são descritos, de forma mais detalhada, cada um desses Núcleos Curriculares: Específico, Geral, Complementar e Avançado, que perfazem as possibilidades de formação discente do curso de Ciências Sociais no grau de Bacharelado. São possíveis 3 (três) percursos diferentes:

<sup>1</sup> AAC: Atividades Acadêmicas Complementares; DIG: Disciplina de Graduação.

**Figura 1: Diversidade de Percursos**

<b>Bacharelado com Núcleo Geral (percurso padrão)</b>	Obrigatórias e optativas do Núcleo Específico + atividades acadêmicas do Núcleo Geral
<b>Bacharelado com Núcleo Complementar</b>	Obrigatórias e optativas do Núcleo Específico + atividades acadêmicas de Formação Complementar Aberta ou Formação Transversal
<b>Bacharelado com Núcleo Avançado</b>	Obrigatórias e optativas do Núcleo Específico + atividades acadêmicas de Pós Graduação

Todos os percursos previstos para a obtenção do grau de Bacharel compreendem 2.400hs de atividades distribuídas idealmente em oito semestres. O Núcleo Complementar compreende 300hs, o Núcleo Geral compreende 45hs e o Núcleo Avançado compreende 60hs. O Núcleo Específico compreende 1.620hs em atividades obrigatórias em todos os percursos; já a carga de disciplinas optativas do Núcleo Específico varia conforme o percurso escolhido, sendo de 735hs no percurso padrão, 480hs no percurso com Núcleo Complementar e 720hs no percurso com Núcleo Avançado.

**Quadro 5: Integralização de carga horária por percurso e núcleos curriculares**

Percurso Curricular	Tempo Padrão em Semestres	Núcleos Curriculares						Total
		Núcleo Específico			Núcleo Complementar	Núcleo Avançado	Núcleo Geral	
		Obrigatória	Optativa	Estágio				
Bacharelado / Núcleo Geral	8	1620	735				45	2400
Bacharelado / Núcleo Complementar	8	1620	480		300			2400
Bacharelado / Núcleo Avançado	8	1620	720			60		2400

### 2.9.1 Núcleo Específico

O Núcleo Específico é constituído basicamente pelos saberes próprios ao campo de atuação da(o) cientista social. A partir das atividades acadêmicas curriculares que integram esse núcleo, algumas de caráter obrigatório, outras que podem ser escolhidas a partir de um amplo rol de atividades de caráter optativo, a(o)s estudantes adquirem conhecimentos, habilidades e atitudes fundamentais e necessários para o desenvolvimento das competências esperadas de um(a) cientista social.

Este núcleo é constituído por atividades acadêmicas curriculares, em sua maioria compostas por disciplinas teóricas ou teórico-práticas de 4 créditos (60 horas), que tratam de

conhecimentos característicos do campo profissional do cientista social. Por meio das disciplinas que compõem o Núcleo Específico, a(o)s estudantes são formados quanto aos fundamentos que constituem e conformam as habilidades essenciais ao exercício da profissão. Esse núcleo perfaz o maior quantitativo de carga horária a ser integralizada pela(o) aluna(o) em seu percurso, e essa carga horária é composta por atividades de caráter obrigatório e de caráter optativo. O Núcleo Específico conta com muitas disciplinas obrigatórias que são comuns a ambos e são cursadas do início ao fim do curso, mas há aquelas de caráter obrigatório, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 6: Disciplinas obrigatórias do Núcleo Específico**

<b>Período</b>	<b>Disciplina</b>
1	Antropologia I
	Política I
	Sociologia I
	Introdução à pesquisa social
	Ensino de Ciências Sociais: Introdução
	Ensino de Ciências Sociais: Estágio
2	Antropologia II
	Política II
	Sociologia II
	Introdução à Demografia
	Extensão em Sociologia
3	Antropologia III
	Política III
	Fundamentos de Estatística para Ciências Sociais
	Sociologia III
4	Antropologia IV
	Política IV
	Fundamentos das pesquisas quantitativas
	Extensão em Antropologia
	Sociologia IV
5	Fundamentos das pesquisas qualitativas
	Filosofia da Ciência e Epistemologia
6	Redação e divulgação científica
7	Extensão em Ciência Política
	Monografia – Projeto
8	Monografia – Defesa

Entre as atividades curriculares obrigatórias do Núcleo Específico, a(o)s estudantes de ambas cursam sequencialmente quatro disciplinas teóricas oferecidas pelos três departamentos que perfazem as áreas basilares do curso de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia, as quais seguem um fluxo encadeado de abrangência e de aprofundamento, motivo pelo qual são denominadas pelos numerais romanos de I a IV, sendo as primeiras pré-requisitos das subsequentes, estando previsto que sejam cumpridas ao longo dos dois primeiros anos do

curso. Trata-se de um conjunto de 12 disciplinas, de 60 horas cada, compondo um total de 720 horas de atividades acadêmicas curriculares.

Há também um conjunto de oito disciplinas de caráter teórico, que são distribuídas sequencialmente desde o primeiro até o último período de formação (todas de 60 horas cada, compondo um total de 480 horas), e que são relativas à formação em pesquisa. São elas: *Introdução à pesquisa social* (1°); *Estatística aplicada às Ciências Sociais* (3°); *Fundamentos das pesquisas quantitativas* (4°); *Fundamentos das pesquisas qualitativas* (5°); *Filosofia da Ciência e Epistemologia* (5°); *Redação e divulgação científica* (6°); além de disciplinas *Monografia – Projeto* (7°) e *Monografia – Defesa* (8°).

O Núcleo Específico do Bacharelado também é constituído por uma atividade acadêmica curricular obrigatória de campo correlato, a disciplina *Introdução à Demografia* (2°), de 60h. Ele conta ainda com duas disciplinas que introduzem a(o)s discentes no universo do ensino nas ciências sociais, *Ensino de Ciências Sociais: Introdução* (30h teóricas) e *Ensino de Ciências Sociais: Estágio* (30h teóricas e 30h práticas) (ambas 1° período), que aproximam o bacharelado do universo da educação e do ensino, tanto da prática quanto da base pedagógica, e com três disciplinas obrigatórias que oferecem uma formação extensionista: *Extensão em Sociologia* (2°), *Extensão em Antropologia* (4°), *Extensão em Ciência Política* (7°), de 60h cada uma.

Além disso o(a)s estudantes deverão obrigatoriamente cumprir mais 60hs, entre as disciplinas e atividades acadêmicas relativas à Formação em Extensão e elencadas no Conjunto I, apresentado anteriormente (ver Quadro 5).

O Núcleo Específico também é composto por atividades acadêmicas curriculares de temáticas variadas e de caráter optativo, ofertadas semestralmente pelos departamentos de Antropologia e Arqueologia, de Ciência Política e de Sociologia, vinculados à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; pelo Departamento de Demografia, vinculado à Faculdade de Ciências Econômicas; e pelos Departamentos vinculados à Faculdade de Educação (Ciências Aplicadas à Educação, Métodos e Técnicas de Ensino e Administração Escolar). Estas atividades acadêmicas de caráter optativo compõem o Conjunto II, detalhado no Quadro 7.

**Quadro 7: Conjunto II – Disciplinas Optativas e Atividades Acadêmicas  
Complementares do Núcleo Específico**

Atividade	Carga Horária	Créditos
Tópicos em Extensão em Antropologia	60	4
Tópicos em Antropologia	60	4
Tópicos em Arqueologia	60	4
Antropologia Brasileira	60	4
Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	60	4
Patrimônio Cultural	60	4
Estudos de Parentesco	60	4
Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território	60	4
Etnologia Indígena	60	4
Estudos de Gênero	60	4
Estudos sobre Estado, Desenvolvimento e Poder	60	4
Estudos da Ciência e da Técnica	60	4
Antropologia das Artes e das Visualidades	60	4
Antropologia da Religião e da Magia	60	4
Raça e Etnicidade	60	4
Laboratório de Extensão	45	3
Tópicos em Extensão em Política	60	4
Tópicos em Política	60	4
Instituições políticas comparadas	60	4
Análise de políticas públicas	60	4
Tópicos em Metodologia	60	4
Fundamentos em Libras	60	4
Tópicos de Ensino A	15	1
Tópicos de Ensino B	30	2
Tópicos de Ensino C	45	3
Tópicos de Ensino D	60	4
Tópicos em Gestão da Educação	60	4
Política Educacional	60	4
Tópicos em Processo de Ensino	60	4
Psicologia da Educação	60	4
Tópicos em Extensão em Sociologia	60	4
Tópicos em Sociologia	60	4
Tópicos em Demografia	60	4
Grupo de estudos e/ou de pesquisa	15	1
Grupo de estudos e/ou de pesquisa	30	2
Iniciação à Docência no Ensino Superior	30	2
Iniciação à Docência no Ensino Superior	60	4
Iniciação Científica	30	2
Iniciação Científica	60	4
Monitoria Acadêmica	30	2
Monitoria Acadêmica	60	4
Participação em corpo editorial de revista científica com ISSN	60	4
Participação em órgãos colegiados e de representação estudantil	30	2

Protagonismo social	30	2
Protagonismo social	60	4
Trabalho apresentado em evento científico	30	2
Trabalho completo publicado	60	4
Iniciação à Docência na Educação Básica e/ou Tutorial	30	2
Iniciação à Docência na Educação Básica e/ou Tutorial	60	4
Iniciação à Extensão	30	2
Iniciação à Extensão	60	4
Vivência profissional complementar	30	2
Vivência profissional complementar	60	4
Participação em congressos, encontros e eventos	45	3
Organização de congressos, encontros e eventos	60	4
Empresa Júnior	30	2
Empresa Júnior	60	4
Estágio Não Obrigatório	60	4
Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos	60	4

### ***2.9.2 Núcleo Geral***

Conforme o artigo 46 da Resolução Complementar 01/2018, que instituiu as Normas Gerais de Graduação da UFMG, o Núcleo Geral é “composto por atividades acadêmicas curriculares que abordam temas de amplo interesse, orientadas para a formação intelectual, crítica e cidadã, em um sentido amplo”.

No curso de Ciências Sociais, o Núcleo Geral compreende a realização por parte do(a) estudante de 45hs em disciplinas outras que não aquelas especificadas nos Núcleos Específico, Complementar e Avançado.

### ***2.9.3 Núcleo Complementar***

Conforme a definição do artigo 44 da Resolução Complementar 01/2018, “o núcleo complementar é constituído por conjuntos articulados de atividades acadêmicas curriculares, que propiciem ao estudante a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes em campos do conhecimento diferentes daqueles que são característicos de seu curso”.

Como atividades formativas que compõem o Núcleo Complementar do curso de Ciências Sociais, conforme já exposto, é facultado à(o)s estudantes a realização de Formação Complementar Aberta (FCA) ou de Formação Transversal (FT), sendo vedada a composição desses dois percursos simultaneamente. A FCA conforma um percurso que permite a ampliação da formação em qualquer campo do conhecimento, com base no interesse individual da(o) estudante e em diálogo com um(a) professor(a) que o oriente quanto a disciplinas que possam lhe servir a este interesse específico de formação, mediante aprovação prévia do Colegiado do curso. A(o) aluna(o) deverá buscar um(a) professor(a)

orientador(a) que a(o) auxiliará a propor este plano de estudos, que deve estar em diálogo com um campo do conhecimento com conexões temáticas e/ou conceituais relacionadas a linhas de atuação do curso de Ciências Sociais. O plano de estudos para a Formação Complementar Aberta deve perfazer uma carga horária total de 300 horas de atividades acadêmicas curriculares de cursos de graduação já existentes na UFMG.

Outra opção de atividade formativa do Núcleo Complementar é a possibilidade de realização de uma das Formações Transversais (FT) oferecidas pela Universidade Federal de Minas Gerais, que são conjuntos de atividades acadêmicas, organizadas segundo estruturas curriculares, que visam abordar temáticas de interesse geral, incentivando a formação de espírito crítico e de visão aprofundada sobre temas específicos. Trata-se de uma formação organizada em 300 horas, de acordo com as várias possibilidades de cada uma das formações disponibilizadas (conforme Resolução, 01/2020, aprovada pelo CEPE em 08/10/2020). Até a data de redação deste projeto pedagógico, existe um catálogo com 9 (nove) opções distintas de formação, a saber: FT em Saberes Tradicionais; FT em Divulgação Científica; FT em Relações Étnico-raciais, História da África e Cultura Afro-brasileira; FT em Culturas em Movimento e Processos Criativos; FT em Direitos Humanos; FT em Empreendedorismo e Inovação; FT em Gênero e Sexualidade: Perspectivas Queer/LGBTI; FT em Acessibilidade e Inclusão; e FT em Estudos Internacionais.

Em qualquer um desses casos, seja como Formação Complementar Aberta (FCA) ou como Formação Transversal (FT), a carga horária respectiva é debitada da carga de disciplinas optativas do Núcleo Específico do curso, e o percurso deve ser solicitado pela(o) aluna(o) ao Colegiado, a partir da conclusão de todas as atividades referentes ao 4º período. Caberá ao Colegiado decidir sobre a aprovação para início do 5º período em diante.

#### ***2.9.4 Núcleo Avançado***

O Núcleo Avançado consiste na possibilidade de a(o) aluna(o) integralizar atividades acadêmicas curriculares de cursos de pós-graduação. A estrutura curricular do Curso de graduação em Ciências Sociais abre a possibilidade de a(o) estudante aprofundar sua formação em áreas e temáticas específicas, contribuindo para sua formação crítica, investigativa e aprofundada. Essa possibilidade ocorre mediante solicitação ao Colegiado, por parte da(o) aluna(o), de autorização para matrícula em disciplina de pós-graduação em antropologia, ciência política, sociologia ou em áreas afins às ciências sociais. O(a) estudante deverá justificar o interesse e a relevância para sua formação da disciplina pretendida. O Colegiado deverá aprovar a solicitação do(a) estudante. Poderá ser integralizada carga horária de até 60h em disciplina de pós-graduação do Núcleo Avançado. A opção pelo

Núcleo Avançado poderá ser solicitada, em formulário próprio, ao Colegiado do curso, a partir da conclusão de todas as atividades referentes ao 5º período. As disciplinas ofertadas serão denominadas Tópicos Avançados A, B, C e D que se diferenciam apenas pela carga horária: 15h, 30h, 45h e 60h, respectivamente.

### 2.9.5 Representações do Currículo

O diagrama apresentado a seguir exibe os percursos do Bacharelado em Ciências Sociais, indicando as disciplinas obrigatórias e optativas previstas para cada semestre nos respectivos graus acadêmicos:

**Figura 2: Diagrama do núcleo específico obrigatório do bacharelado em Ciências Sociais**

<i>Período</i>	<b>Núcleo Específico</b>					
<i>1º</i>	Antropologia I (60h)	Política I (60h)	Sociologia I (60h)	Ensino de Ciências Sociais: Introdução (30h)	Ensino de Ciências Sociais : Estágio (60h)	Introdução à Pesquisa Social (60h)
<i>2º</i>	Antropologia II (60h)	Política II (60h)	Sociologia II (60h)	Introdução à Demografia (60h)	Extensão em Sociologia (60h)	
<i>3º</i>	Antropologia III (60h)	Política III (60h)	Sociologia III (60h)	Fundamentos de Estatística para Ciências Sociais (60h)		
<i>4º</i>	Antropologia IV (60h)	Política IV (60h)	Sociologia IV (60h)	Fundamentos das pesquisas quantitativas (60h)	Extensão em Antropologia (60h)	
<i>5º</i>	Fundamentos das pesquisas qualitativas (60h)	Filosofia da Ciência e Epistemologia (60h)				
<i>6º</i>	Redação e Divulgação Científica (60h)					
<i>7º</i>	Extensão em Ciência Política (60h)	Monografia – Projeto (90h)				
<i>8º</i>	Monografia – Defesa (90h)					

**Figura 3: Diagrama dos percursos curriculares**

<i>Organização dos Percursos Curriculares</i>			
<i>Percurso Núcleo Específico e Núcleo Geral</i>	Obrigatórias (1620h)	Optativas Gerais (735h)	Núcleo Geral (45h)
<i>Percurso Núcleo Específico e Núcleo Complementar</i>	Obrigatórias (1620h)	Optativas Gerais (480h)	Núcleo Complementar (300h)
<i>Percurso Núcleo Específico e Núcleo Avançado</i>	Obrigatórias (1620h)	Optativas Gerais (720h)	Núcleo Avançado (60h)

### 3 Da infraestrutura

A UFMG disponibiliza uma infraestrutura ampla para o desenvolvimento do curso de Ciências Sociais, que abrange: instalações diversas, laboratórios e equipamentos de diferentes naturezas, situados em sua maioria na FAFICH, mas não apenas; recursos e estruturas necessárias ao ingresso, à permanência, à participação e à autonomia de pessoas com deficiência; além de um robusto sistema de bibliotecas, incluindo a Biblioteca Antônio Luiz Paixão, que se situa no prédio da FAFICH. Para sua gestão, o curso de Ciências Sociais conta com duas instâncias formais – o Colegiado de Coordenação Didática e o Núcleo Docente Estruturante, além de seus corpos docente e técnico-administrativo.

#### 3.1 Instalações, laboratórios e equipamentos

A quantidade de ambientes administrativos, de apoio docente e de laboratórios disponíveis para alunos e professores vinculados ao curso de Ciências Sociais é apresentada a seguir.

##### 3.1.1 Ambientes administrativos e de apoio docente

No quadro abaixo, é apresentado o conjunto de ambientes administrativos que dão suporte ao curso de Ciências Sociais, bem como os espaços de apoio ao trabalho docente e desenvolvimento das atividades de ensino:

**Quadro 8: Ambientes administrativos e apoio docente**

<b>Quantidade</b>	<b>Descrição</b>
1	Secretaria acadêmica
1	Sala para Coordenação e para reunião do Colegiado
1	Sala de reunião da Congregação da Unidade
Dezenas	Gabinetes de trabalho para docentes
Dezenas. Número variável, conforme a demanda das disciplinas a cada semestre.	Sala de aula: as salas de aula na FAFICH são gerenciadas pelo Setor de Logística da Unidade. Algumas disciplinas, em especial aquelas do período inicial, podem ser alocadas no Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2). As salas no CAD2 e uma das salas da FAFICH dispõem de recursos multimídia permanentes, e as demais, de equipamento multimídia portátil. Algumas disciplinas optativas podem ser ofertadas na Faculdade de Economia (FACE) e outras na Faculdade de Educação (FaE).

Na secretaria, as condições de trabalho são adequadas, com mobiliário compatível, condições térmicas e de iluminação favoráveis. O acesso à internet é permanente na Secretaria e nas salas de reunião. Os gabinetes de professoras(es) são compartilhados por, em média, duas(dois) docentes, que dispõem de equipamentos de informática e mobiliário adequados, com acesso permanente à internet. Os acessos à rede são disponibilizados por meio de cabeamento nos gabinetes, secretaria e salas de reunião, havendo ainda, em toda a FAFICH, acesso livre para docentes, funcionários e discentes por meio de internet sem fio.

O edifício da FAFICH dispõe de um conjunto de quatro auditórios, disponíveis para palestras, atividades complementares e reuniões coletivas entre discentes e coordenação, além de salas para videoconferência. Esses equipamentos são compartilhados pelos cursos e departamentos da unidade, sendo seu uso previamente agendado por sistema on-line. Em atividade desde 1990, o edifício tem sua capacidade plenamente empregada pelos cursos hoje ali instalados.

As salas de aula são compartilhadas por todos os cursos de graduação da FAFICH. As salas são amplas em relação ao número de discentes do curso, o que permite diferentes composições do espaço, para além do padrão escolar tradicional que delimita carteiras alinhadas. As condições térmicas são favoráveis, por adequação do projeto arquitetônico. Parte do mobiliário é ainda antiquado, oferecendo pouco conforto ergonômico e está em processo de renovação. A distribuição das salas é gerida pelo Setor de Logística da Unidade, havendo espaços plenamente suficientes para as atividades do curso de Ciências Sociais.

O Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2), edifício vizinho à FAFICH, oferece infraestrutura adequada, com mobiliário moderno e satisfatório, condições térmicas favoráveis e a mesma flexibilidade, em razão das dimensões da sala, para sua ocupação interna. Equipamentos multimídia são permanentes e integrados em todas as salas. Também dispondo de auditórios, o CAD2 foi integrado às atividades das graduações em Ciências Humanas em 2012.

Ambos os edifícios são compartilhados pelos cursos de graduação e pós-graduação da FAFICH, não havendo uma definição permanente da distribuição das turmas nas salas dos prédios, o que colabora para a dinâmica de interação entre alunas(os) e entre docentes dos diferentes cursos e departamentos ali operantes.

### **3.1.2 Laboratórios**

Além dos laboratórios de pesquisa, que serão descritos mais adiante, o curso de Ciências Sociais tem acesso a quatro laboratórios de ensino, cada qual contando com gestão própria e monitoria permanente. São eles:

Laboratório de Informática da FAFICH;

Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais (LMCS);

Núcleo de Antropologia Visual (NAV);

Laboratório de Arqueologia da Graduação.

O Laboratório de Informática da FAFICH funciona desde 1998. Está equipado com 30 computadores com acesso à internet e funciona de segunda a sexta-feira durante três turnos.

O Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais conta com 35 computadores, nos quais estão instalados diferentes programas de análise de dados – amplamente utilizados em Ciências Sociais. O LMCS oferece cursos de treinamento no uso de *softwares* especializados ao longo do ano e tem um papel fundamental na formação metodológica dos alunos. Disponibiliza, aos alunos de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores o seguinte: equipamentos de informática para pesquisa; 63 programas computacionais especializados para investigação científica (R, SPSS, ARCGIS, GEODA, STATA, NVIVO, entre outros); e cursos de treinamento para utilização de ferramentas úteis no ensino e em pesquisas científicas. Os cursos desenvolvidos no LMCS têm proporcionado ao alunado da FAFICH acesso a recursos metodológicos e informatizados ainda pouco difundidos no meio acadêmico de Ciências Humanas e amplamente utilizados nos centros universitários e mercados profissionais no exterior. Destaca-se, por fim, que o LMCS é usado para as atividades didáticas das(os) alunas(os) do curso. Para seu funcionamento cotidiano, conta com um(a) docente coordenador(a) e monitoras(es); há agendamento prévio das atividades e, até o momento, tem atendido de forma adequada às demandas do curso de Ciências Sociais.

O Núcleo de Antropologia Visual é um espaço transdisciplinar compartilhado, dedicado ao ensino e à pesquisa com e sobre o uso de imagens e áudios nas Ciências Sociais. Sua missão é fomentar produções fotográficas e filmicas em interface com as narrativas textuais e as construções teóricas nas Humanidades. O NAV é gerido de forma compartilhada pelos integrantes de quatro grupos de pesquisa da FAFICH, a saber, o Fotoclube Etnográfico Medusa, o Laboratório de Controvérsias Sociotécnicas (LACS) e o Laboratório de Etnografia e do Filme Etnográfico (LEFE), vinculados ao Departamento de Antropologia e Arqueologia, e o Grupo de Pesquisa Poéticas da Experiência, vinculado ao Departamento de

Comunicação. O NAV conta com duas ilhas de edição, filmadora e câmeras fotográficas digitais com diversas lentes e acessórios, *scanner* e impressora fotográfica, projetores e gravadores de imagem e áudio, além de biblioteca especializada.

O Laboratório de Arqueologia da Graduação conta com cinco *desktops* e é dotado de equipamentos óticos (lupas de mesa e lupas binoculares) e de medida (balanças, régua, paquímetro e trena) para observação, descrição e análise de materiais arqueológicos. Tem instalações elétricas e hidráulicas compatíveis com as atividades de análise de materiais. Suas condições térmicas e de iluminação são funcionais e atendem aos requisitos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme estabelecido por recente vistoria do órgão. Alguns dos materiais arqueológicos ficam armazenados no laboratório temporariamente, enquanto utilizados nas disciplinas e pesquisas, podendo ter sua guarda permanente vinculada às instâncias da UFMG depositárias desses materiais (o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, o Laboratório de Arqueologia da FAFICH e o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas). Há, no entanto, acervos restritos que estão sob guarda permanente. O Laboratório conta ainda com equipamentos para atividades de campo, como receptores GPS e bússolas. A gestão do espaço se faz de forma coordenada entre docentes e Colegiado do curso, sob responsabilidade geral de docentes da área de Arqueologia, que atuam por meio de rodízio.

### ***3.2 Políticas e programas de pesquisa e extensão e inclusão***

Os três departamentos ofertantes do curso de Ciências Sociais possuem seus programas de pós-graduação estruturados. O Departamento de Ciência Política possui o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP-UFMG) com cursos de Mestrado e Doutorado que atualmente, é reconhecido por sua excelência e tem Nota 7 na Avaliação CAPES. O PPGCP é estruturado em 5 (cinco) linhas de pesquisas: 1) Estado, Gestão e Políticas Públicas; 2) Instituições Políticas e Política Internacional; 3) Comportamento Político e Opinião Pública; 4) Participação, Movimentos Sociais e Inovações Democráticas; e 5) Teorias da Justiça, Feminismo e Pensamento Político Brasileiro. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAn-UFMG), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), tem Nota 5 na Avaliação da CAPES, e oferece cursos de Mestrado e Doutorado com formação avançada em duas áreas de concentração: Antropologia Social e Arqueologia divididos em 6 (seis) linhas de pesquisa: 1) Antropologia da Arte, da Ciência e da Tecnologia; 2) Arqueologia Pré-Histórica; 3) Arqueologia do Mundo Moderno e Contemporâneo; 4) Etnologia Indígena e de Povos Tradicionais; 5)

Sistemas Simbólicos, Socialidades e Gênero; 6) Território, Poder e Ambiente. Já o Departamento de Sociologia possui o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFMG) com cursos de Mestrado e Doutorado, com Nota 6 na Avaliação da CAPES. O Programa é estruturado em 6 (seis) linhas de pesquisa: 1) Sociologia do crime, do desvio e do conflito; 2) Sociologia das desigualdades e da estratificação; 3) Sociologia econômica e das organizações; 4) Sociologia urbana e das populações; 5) Sociologia da religião e da cultura; 6) Sociologia do conhecimento, da ciência e da tecnologia.

A partir desses três programas, os departamentos oferecem diversos programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos por grupos que são coordenados por docentes que ministram disciplinas para o curso de Ciências Sociais e que podem ser integrados por aluna(o)s do curso. Esses grupos, em geral, contribuem bastante para o aprimoramento da formação da(o)s discentes de Ciências Sociais, principalmente, mas também de discentes de outros cursos estabelecidos na FAFICH e até mesmo na UFMG. Tais projetos e programas podem ser de professores individualmente e, em geral, estão vinculados a grupos/coletivos estabelecidos em núcleos/centros/laboratórios de pesquisa, ensino e extensão, bem como projetos institucionais.

Os principais núcleos/centros/laboratórios de pesquisas, ensino e extensão coordenados por docentes e ou coletivos de docentes com participação de discentes de graduação em Ciências Sociais, encontram-se vinculados aos três principais departamentos constituintes deste curso, quais sejam: Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

Da Sociologia podemos citar os centros/núcleos/laboratórios de pesquisa, ensino e extensão de destaque são: Centro de estudos em Criminalidade e Segurança Pública (CRISP); Centro de Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (CPEQS); Centro de Estudos Urbanos (CEURB); Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Análise em Redes Sociais (GIARS); Laboratório de Pesquisa em Estratificação Social e Trabalho (LAPEST); Observatório INCITE – Inovação, Cidadania e Tecnociência; Laboratório de Metodologia em Ciências Sociais (LMCS), este último, vinculado também ao DCP. Da Antropologia citamos: Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS); Laboratório de Arqueologia da FAFICH; Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH); Núcleo de Estudos Sobre Populações Quilombolas e Tradicionais (NuQ); Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA); Laboratório de Etnografia e Filme Etnográfico (LEFE); Núcleo de Antropologia Visual (NAV); Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades (GESEX); Laboratório de Ontologias, Sentidos e Afetos (LOSA); Laboratório de Etnografia e Antropologia das Religiões (LEAR); Núcleo de Estudos Sobre Performance,

Patrimônio e Mediações Culturais (NEPPAMCS); Grupo de Estudos do Simbólico e Técnico da Olaria (GESTO). Da Ciência Política listamos aqui: Centro de Estudos do Comportamento Político (Cecomp); Centro de Estudos em Deliberação (CEDE); Centro de Estudos Legislativos (CEL); Centro de Pesquisas em Política e Internet (CePPI); Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (Margem); Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM); Núcleo de Estudos sobre o Trabalho Humano (NESTH); Núcleo de Estudos em Gestão e Políticas Públicas (Publicus); Observatório da Justiça no Brasil e na América Latina; Opinião Pública: Marketing Político e Comportamento Eleitoral; Projeto Democracia Participativa (PRODEP); Rede de Pesquisa em Política Externa e Regime Político (RIPPERP); Centro de Estudos Republicanos (CERBRÁS); Centro Interinstitucional de Análise de Políticas Sociais (CIAPSoc); Grupo de Pesquisa de Metodologia em Ciências Sociais; Grupo Interdisciplinar de Metodologias em Avaliação de Políticas Públicas (GIMAPP); Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação (INCT-IDDC); e Instituto – Qualidade de Governo e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Sustentável (INCT-QualiGov).

A característica de transversalidade do curso de Ciências Sociais enriquece o escopo de oportunidades de pesquisa, ensino e extensão para a(o)s discentes do curso, como pode ser visto nos diversos centros/núcleos, laboratórios e observatórios disponíveis para inserção de tais discentes. Vale destacar que atualmente a proposta da UFMG e do curso de Ciências Sociais é fortalecer, cada vez mais, a indissociabilidade da pesquisa, da extensão e do ensino, seja de graduação, seja de pós-graduação. Essa indissociabilidade se encontra no Estatuto da UFMG, e orienta o PDI 2018-2023, estabelecendo o seguinte: “Assim, também a extensão e a inovação devem vir associadas à pesquisa, em uma universidade que aspira constituir elemento transformador na sociedade que a abriga” (PDI 2018-2023, p. 72). Por outra via, uma preocupação importante é com a interseção entre pesquisa e ensino, para isso, há um investimento contínuo dos três departamentos em atividades de monitoria, iniciação científica, para além de diversas bolsas acadêmicas como o PET, incentivos para intercâmbios e estímulos à produção científica de alunos de graduação, juntamente com alunos de pós-graduação e professores ao mesmo tempo. Resta dizer que em todos os grupos de pesquisa há participação intensa dos alunos de graduação.

Por fim, importa ressaltar o caráter inclusivo da UFMG. A preocupação da UFMG com a inclusão e o combate à evasão e ao abandono é antiga e se concretiza em várias ações desde os Restaurantes Universitários, à moradia, o apoio pedagógico aos estudantes, em especial àqueles com deficiências.

Desde a promulgação da Lei 12.711/2012 (a chamada 'Lei de Cotas'), a UFMG experimenta uma reconfiguração de seu corpo discente. A Universidade vem experimentando um contínuo alargamento do acesso de novos estudantes aos seus cursos, muitos deles pertencentes a grupos raramente incluídos na educação superior em nosso país: negros, pardos, indígenas, quilombolas, trabalhadores(as) que não tiveram o direito à escolarização em idade regular, pessoas com deficiência, estudantes socioeconomicamente vulneráveis e em risco social e cultural. É então que cada vez mais, a UFMG torna-se lugar de sociabilidade de pessoas de uma diversa e muita rica experiência cultural, com valores e horizontes de expectativas também plurais.

O acesso a programas de assistência estudantil durante sua formação universitária é um direito de estudantes em situação de vulnerabilidade econômica e risco social e cultural, vinculados aos cursos presenciais de graduação da UFMG. Com este princípio fundante e orientador, a Universidade assume o permanente desafio de praticar uma Política de Assistência Estudantil visando garantir a permanência desses estudantes em todo o percurso acadêmico, contribuindo para a redução de desigualdades sociais e a equalização de oportunidades no seu acesso à educação superior pública, prevenindo e evitando a retenção e a evasão acadêmicas.

Em consonância com o Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), a Política de Assuntos Estudantis da UFMG está organizada em um conjunto de programas e ações: políticas de assistência estudantil, políticas de ações afirmativas e políticas de apoio a projetos acadêmicos de estudantes.

Eixos estruturantes da política de assistência estudantil da UFMG: (a) Permanência: promover o acesso, a inclusão, a permanência e a integralização da formação de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, em condições apropriadas à sua vida acadêmica. (b) Enriquecimento cultural: expandir a experiência cultural em diversas linguagens, potencializando a sociabilidade estudantil pela participação em manifestações culturais diversas. c) Apoio, acolhimento e acompanhamento: ações continuadas e integradas, nas dimensões pedagógica, psicossocial e socioeconômica. Estímulo à imersão na vida acadêmica, ao bem-estar e à qualidade da formação na perspectiva da emancipação. (d) Afirmção e cidadania: promover o acolhimento e a inclusão social de estudantes, respeitando-se a igualdade étnico-racial e de gênero, a diversidade sexual e promovendo-se a afirmação de identidades, a acessibilidade e a inclusão de estudantes com deficiência.

Para garantir aos estudantes o direito às condições necessárias à sua vida acadêmica, a UFMG pratica uma política de assistência estudantil elaborada pela Pró-reitoria de

Assuntos Estudantis (PRAE) e executada pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP). Mantida tanto com recursos da própria Universidade, quanto com o financiamento anual do Programa Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes) do Governo Federal, essa política é integrada por um conjunto de ações que incluem o acesso aos restaurantes universitários, às moradias estudantis, ao transporte, à aquisição de material escolar, à assistência à saúde, ao enriquecimento cultural, à expansão da formação acadêmica, entre outras.

Os benefícios são destinados a estudantes de cursos presenciais da UFMG – regularmente matriculados e frequentes – que necessitam de apoio para sua permanência na Universidade. Para participar dos programas de assistência, os alunos devem preencher questionário socioeconômico e protocolar os documentos solicitados. Após avaliação socioeconômica e aprovação realizadas pela Fump, os estudantes terão acesso aos programas, de acordo com seu nível de classificação.

Programas: I - Alimentação - Cinco restaurantes universitários (RUs) fornecem refeições a todos os estudantes da UFMG - quatro em Belo Horizonte (Setorial I e Setorial II no campus Pampulha, campus Saúde e Faculdade de Direito) e um em Montes Claros, no Instituto de Ciências Agrárias (ICA). Dependendo do nível de classificação do estudante, as refeições podem ser gratuitas ou parcialmente subsidiadas. O café da manhã, exclusivo a assistidos níveis I, II e III, é gratuito e é servido no Setorial II, campus Saúde e ICA. Conheça os endereços, cardápios, preços e os horários de funcionamento dos RUs. II - Moradia universitária - A UFMG oferece a oportunidade de habitação em moradia universitária para estudantes que não têm residência em Belo Horizonte e em Montes Claros, com mais de 1,1 mil vagas. Aos estudantes assistidos, que estão aguardando o processo de seleção de vagas para as moradias, é oferecida a bolsa auxílio-moradia. III - Assistência à saúde - Atendimentos médico, odontológico e psicológico gratuitos são disponibilizados aos estudantes assistidos pela Fump. IV - Bolsas - As bolsas são programas de complementação financeira concedidos para o custeio de despesas básicas dos alunos assistidos, para que eles tenham condições de permanecer na Universidade e se dedicar à vida acadêmica. Entre os auxílios disponíveis, destacam-se: auxílio-transporte, auxílio à educação pré-escolar e acesso a material acadêmico. Saiba mais sobre bolsas no site da Fump. V - Estágios - Os estágios são desenvolvidos por meio de parcerias. Alguns são estendidos a todos os estudantes da UFMG, mas sempre com prioridade aos assistidos pela Fump.

Mas é importante também ressaltar o transporte interno gratuito, a aquisição de material acadêmico, a inclusão digital. Dentro disso é importante ressaltar que boa parte da

interação entre os docentes e os discentes, dentro das turmas das disciplinas, é feita por meio do sistema Moodle. Isso permite a disponibilização de materiais didáticos, o envio de trabalhos, o lançamento de notas, além de outras funcionalidades, uma delas é o aviso ao professor de que em uma determinada turma há uma pessoa com deficiência. Agrega-se a isso o fato de que em decorrência da Lei 13.409 de 2016 sobre reserva de vagas para pessoas com deficiência, desde 2018 há reserva de vagas no processo de admissão aos cursos de graduação da UFMG o que tem aumentado a presença de PcD em todos os cursos. Junto à essa ação tem se fortalecido o já antigo o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), que tem a função de atender às demandas dos estudantes com deficiência que já ingressavam normalmente nos diversos cursos, a partir da oferta suporte em diferentes formatos que viabilizem a permanência dos alunos. Por fim, é importante dizer que a UFMG também oferta serviços de atenção à saúde, ao esporte, e ao lazer.

Por fim, mas não menos importante, é necessário enfatizar que no âmbito das Ciências Sociais há reserva de vagas suplementares para alunos indígenas que são acompanhados por tutor indicado quadrienalmente, este tutor é orientado a dar suporte desde a língua portuguesa em si até conteúdos das disciplinas.

### ***3.3 Acessibilidade***

As ações pedagógicas desenvolvidas no Curso de Ciências Sociais, destinadas ao público com deficiência, orientam-se pelo disposto na Lei nº 13.146/2015 e legislações correlatas. Para tanto, conta com o apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFMG, que tem como responsabilidade a proposição, a organização e a coordenação de ações para assegurar e garantir as condições de acessibilidade necessárias ao ingresso, à permanência, à plena participação e à autonomia das pessoas com deficiência no âmbito da UFMG. Busca-se, assim, eliminar ou reduzir as barreiras pedagógicas, arquitetônicas, relativas à comunicação e ao acesso à informação, maximizando o desenvolvimento acadêmico e social da(o) estudante com deficiência durante sua trajetória universitária.

É parte integrante do NAI, o Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV), que oferece suporte acadêmico a estudantes com deficiência visual, incluindo assessoria de natureza didático-pedagógica e de recursos tecnológicos. O Centro funciona na Biblioteca Professor Luiz Antônio Paixão, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, oferecendo serviço de confecção de material didático em diferentes formatos (textos gravados, digitalizados, em braile e ampliados), proporcionando acesso à literatura básica das atividades

acadêmicas curriculares, e apoio para docentes na condução dos trabalhos com essa(e)s estudantes. Para tanto, o CADV dispõe de infraestrutura de equipamentos específicos, tais como, microcomputadores, com acesso à internet, impressora Braille, *scanner*, lupa eletrônica, além dos *softwares* JAWS, DOSVOX, AUDACITY, Braille Fácil e ABBYY FINEREADER.

Destaca-se que a acessibilidade é o tema de um novo percurso de Formação Transversal, ofertado desde 2018 à(o)s aluna(o)s de todos os cursos de graduação da UFMG. Elaborada por um grupo de professora(e)s que atuam em parceria com o NAI, essa formação tem como proposta a compreensão, a problematização, a reflexão e o trabalho junto às pessoas com deficiência e oferece dois eixos: um com foco na educação especial e inclusiva, e outro destinado à formação de estudantes que tenham interesse no tema.

Desde sua criação, o NAI realizou ainda ações nos seguintes âmbitos:

#### 1) Acessibilidade atitudinal e programática

Atendimento prioritário às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Todos os locais de atendimento ao público na UFMG têm sinalização com indicação de atendimento prioritário. O NAI oferece continuamente o serviço de interpretação em Libras e suporte para o atendimento às pessoas com deficiência visual, mental e múltipla. Eventos institucionais acessíveis são: Festival de Verão; Mostra das Profissões; Semana do Calouro; e Semana do Conhecimento da UFMG. Há estímulo ao desenvolvimento de projetos voltados para a temática da acessibilidade e inclusão, além do aperfeiçoamento do processo de seleção (concurso público) de servidores com deficiência.

#### 2) Acessibilidade arquitetônica, de mobiliário e dos transportes

O NAI tem desenvolvido adequações nos projetos arquitetônicos e urbanísticos da UFMG. A frota de veículos de transporte coletivo é acessível, garantindo o seu uso por todas as pessoas. As áreas de estacionamento têm vagas reservadas para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, devidamente sinalizadas e com as especificações de desenho e traçado de acordo com as normas vigentes de acessibilidade. Quanto ao mobiliário, o NAI comprou e disponibilizou um número adequado de carteiras adaptadas para todas as unidades da UFMG. Foram desenvolvidos um dispositivo facilitador de alcance para o acionamento de botões do elevador nas dependências do prédio da FAFICH e o sistema de rádio com Rfidchip, que tem a finalidade de localização dos pontos de ônibus da UFMG.

#### 3) Acessibilidade instrumental, metodológica e pedagógica

Confecção e disponibilização de 33 dispositivos de tecnologia assistiva (ajudas técnicas), como, por exemplo, andador com base triangular, muleta. O NAI conta ainda com a participação de intérpretes de Libras em sua equipe, que são responsáveis pelo desenvolvimento de ações voltadas para o público surdo ou com deficiência auditiva, tais como: interpretação em sala de aula; tradução de material didático, provas e produtos midiáticos; produção de audiovisual acessível em desenho universal com acessibilidade comunicacional para surda(o)s e cega(o)s; produção de legendas para deficientes auditiva(o)s não usuária(o)s de Libras; áudios para cega(o)s e comunidade em geral; e audiodescrição para cega(o)s e pessoas com baixa visão.

Estudantes de graduação que apresentem condições de saúde que interfiram no processo de aprendizagem e socialização são avaliados e acompanhados, em sua particularidade, pelo Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFMG, sendo as orientações específicas repassadas aos Colegiados dos cursos.

Por fim, destaca-se, na estrutura curricular do Curso de Ciências Sociais (em atenção ao disposto no Decreto no 5626/2005), a oferta regular da atividade acadêmica curricular intitulada Fundamentos de Libras para integralização da carga horária optativa para o curso.

As instalações físicas disponibilizadas ao Curso de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, garantem condições de acessibilidade – estrutura essa que se encontra em contínua avaliação e aperfeiçoamento. A FAFICH dispõe, desde seu projeto original do final da década de 1980, de acesso, por meio de elevadores, a todos os andares da Unidade, cada qual plano, sem obstáculos ao deslocamento de pessoas de mobilidade restrita ou cadeirantes. O acesso a ambas as portarias se dá por meio de rampas.

O curso conta ainda com acesso a uma plataforma digital, o Moodle, para interação entre docentes e discentes e compartilhamento de materiais digitais. Estruturado e mantido pelo Centro de Computação da UFMG (CECOM), que lhe dá suporte permanente, o Moodle é acessível a todas as pessoas regularmente matriculadas, e seu acesso é organizado por disciplinas e turmas, estando a gestão do espaço virtual de cada disciplina a cargo da(o) docente responsável pela disciplina e turma (extensível a monitoras[es]). A plataforma permite mútua comunicação (com fóruns de discussão e mensagens), possibilitando *download* irrestrito e *upload* por parte da(o) gestor(a) do espaço.

A política estabelecida para aquisição de outros *softwares* (pacote *Office*, *softwares* para tratamento de imagens, análises estatísticas etc.) tem por princípio uma avaliação da demanda das disciplinas e dos discentes e posterior discussão e aprovação na Congregação, com recursos da FAFICH.

### **3. 4 Biblioteca**

A biblioteca da FAFICH – Biblioteca Antônio Luiz Paixão (<http://www.fafich.ufmg.br/bib>) – integra, com mais 28 bibliotecas, o Sistema de Bibliotecas da UFMG. Esse sistema conta com cerca de um milhão de itens entre livros, monografias, dissertações, partituras, CDs, DVDs, fitas, VHS, mapas e *slides*. O acervo inclui ainda: 22.305 periódicos; acesso ao Portal de Periódicos da CAPES; cerca de 100 mil itens de materiais especiais (audiovisuais, *slides*, partituras, fitas de vídeo, documentos de arquivo, fotografias); e coleções especiais da UFMG, obras raras e coleções pessoais. O acesso ao catálogo on-line (<http://catalogobiblioteca.ufmg.br>) permite a consulta, o empréstimo, a renovação e a reserva do acervo do Sistema de Bibliotecas.

As bibliotecas setoriais estão vinculadas tecnicamente à Biblioteca Universitária e possuem acervos específicos em suas áreas de atuação e abrangência. O acervo da biblioteca da FAFICH é uma referência na área das Ciências Humanas para todo o Estado de Minas Gerais e inclui livros, dissertações, teses, monografias, vídeos, áudios, dicionários, enciclopédias, catálogos, periódicos e obras seriadas. Em janeiro de 2018, o acervo total era de 141.547 exemplares, com aproximadamente 91.250 títulos nas áreas de Antropologia, Ciências Socioambientais, Comunicação Social, Filosofia, Gestão Pública, História, Psicologia, Sociologia e Ciência Política. O acervo de periódicos era de 2.562 títulos nacionais e estrangeiros, correntes e não-correntes, além do acesso ao Portal CAPES via *site* (<http://www.bu.ufmg.br>) e utilizando o Minha UFMG, podendo o acesso ser feito, inclusive de casa, a resumos e textos completos em PDF. Essa biblioteca integra o sistema de Comutação Bibliográfica, fazendo e atendendo pedidos de todo o país. Ressalta-se, ainda, que o acervo físico dessas bibliotecas está tombado e informatizado; o acervo virtual, por seu turno, possui contrato que garante o acesso pela(o)s usuária(o)s. Ambos os acervos estão registrados em nome da UFMG.

A biblioteca da FAFICH dispõe de atendimento a deficientes visuais por meio dos programas Virtual Vision, Jaws e NVDA, utilizados em máquinas para acesso pela(o) usuária(o), e disponibilizando também impressora Braille e Lupa Eletrônica, além de acervo em Braille. Sua estrutura também inclui escaninhos para guarda de material, três salas para estudo em grupo, sala com banco de dados e microfilmes e sala para videoconferência, além de dez mesas para estudos individuais com divisórias e 25 mesas coletivas com possibilidade de até seis pessoas.

A aquisição de material bibliográfico ocorre por meio de pregão eletrônico, projetos de pesquisa financiados pelas agências de fomento e pelos departamentos. A biblioteca também recebe doações de usuária(o)s, expositora(e)s, editora(e)s (Vozes, Paulinas e Paulus, Editora UFMG, Fino Traço etc.), assim como da COPEC e da Livraria Quixote, e faz permutas com outras bibliotecas. Semestralmente, é solicitada a(o)s professora(e)s a indicação da bibliografia do curso, e é feita a compra dos títulos faltantes, quando estes não constam no acervo das bibliotecas da UFMG. No que se refere às bases de dados, destaca-se que elas são acessadas localmente na biblioteca e incluem: artigos de periódicos nacionais e internacionais em Ciências Humanas e Sociais (ARTIP); arquivo do Centro de Documentação do Curso de Comunicação Social (CEDOC); publicações seriadas de várias instituições (SERIE); obras adquiridas recentemente pela biblioteca; e títulos de periódicos da biblioteca da FAFICH (REV).

Destaca-se ainda que a Coleção Reserva é garantida para as bibliografias básicas e complementares dos cursos. A cada semestre, os livros da bibliografia dos cursos que não são disponíveis na biblioteca setorial da FAFICH são solicitados a outras unidades, como mencionado anteriormente, ficando emprestados por um semestre. Quando isso não é possível, é viabilizada a compra, caso não esteja esgotado.

Além de acessar o Portal de Periódicos da CAPES na Universidade, a(o)s aluna(o)s podem utilizar o Portal Minha UFMG (<http://minha.ufmg.br>) para acessar esse acervo de qualquer localidade, aumentando as possibilidades de pesquisa. O Portal Minha UFMG disponibiliza: acesso ao desempenho nas disciplinas; comunicação entre professora(e)s e aluna(o)s; e informações sobre diversos outros serviços da Universidade.

### ***3.5 Gestão do curso, corpo docente e corpo técnico-administrativo***

#### ***3.5.1 Gestão do curso***

O curso de Ciências Sociais segue as normativas e orientações estabelecidas em seu Regulamento e sua gestão é feita pela Coordenação e Subcoordenação, com o apoio de servidores técnico-administrativos, dos membros que compõem o Colegiado e, complementarmente, subsidiado pelo Núcleo Docente Estruturante. A gestão do curso segue os princípios de gestão democrática assinalados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/Lei 9394/96) e é estruturada de forma a refletir as especificidades do curso e a inserção dos vários departamentos envolvidos, conforme detalhado a seguir.

O Colegiado é a instância acadêmica e administrativa deliberativa e normativa do curso, cabendo a ele estabelecer parâmetros específicos para seu funcionamento, pautado pelas normas gerais da UFMG e da FAFICH. As deliberações do Colegiado são discutidas e decididas em reunião de seus membros, implementadas pela sua coordenação e secretaria.

São atribuições do Colegiado, nos termos dos estatutos da UFMG, por meio de sua secretaria e coordenação: a gestão acadêmica dos alunos; a demanda e a organização da oferta de disciplinas; o acompanhamento de matrículas e dos vínculos acadêmicos dos discentes; e a orientação dos discentes nas definições de suas alternativas de percurso acadêmico. O Colegiado opera ainda como instância ouvidora e deliberativa de recursos impetrados por estudantes concernentes a seu vínculo acadêmico e avaliações, na condição de primeira instância de processos de recurso nessas questões.

A Coordenação e a Subcoordenação do Curso são ambas eleitas pelos membros do Colegiado, por maioria absoluta de votos, para um mandato de dois anos, permitida a recondução, o qual deve ser assumido em regime de rodízio entre as(os) docentes dos Departamento de Antropologia e Arqueologia, do Departamento de Ciência Política e do Departamento de Sociologia, sendo Coordenação e Subcoordenação assumidas necessariamente por membros de departamentos distintos e seguindo um rodízio paritário.

Todos os membros docentes que compõem o Colegiado são indicados pelos departamentos a que se vinculam, junto com seus respectivos suplentes, para um mandato de dois anos, permitida a recondução. Os dois representantes discentes que completam o quadro de membros do Colegiado, são designados por meio de votação dos discentes matriculados no curso e são indicados pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACs).

O Colegiado do curso de graduação em Ciências Sociais é composto por 12 (doze) membros, relacionados a seguir:

- I – Coordenador(a);
- II – Subcoordenador(a);
- III – Duas(dois) representantes titulares e respectiva(o)s suplentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia;
- IV – Duas(dois) representantes titulares e respectiva(o)s suplentes do Departamento de Ciência Política;
- V – Duas(dois) representantes titulares e respectiva(o)s suplentes do Departamento de Sociologia;

VI – Um(a) representante titular e respectiva(o) suplente do Departamento de Demografia (FACE);

VII – Um(a) representante titular e respectiva(o) suplente da Faculdade de Educação (FaE), sendo ou do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, ou do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, ou do Departamento de Administração Escolar;

VIII – Duas(dois) representantes titulares e respectivas(os) suplentes dos discentes, atuantes no curso de Ciências Sociais, eleitas(os) pelas(os) discentes, na forma prevista no Estatuto (Art. 78) e no Regimento Geral da UFMG (Art. 101, §§ 1º ao 5º), sendo regularmente matriculadas(os) no curso.

Integra ainda o Colegiado, uma secretaria administrativa e acadêmica, conformada aos regulamentos administrativos da FAFICH e submetida às designações de sua Diretoria, nos termos regimentais.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE), instância de caráter consultivo, tem sua composição e atribuições definidas de acordo com a Resolução nº 10/2018, do CEPE, em consonância com a Portaria nº 147/2007, e a Resolução nº 1, de 17/06/2010, do Conaes. Conforme definido pelo Regulamento do Colegiado do curso de Ciências Sociais e em consonância com as normativas supracitadas, o NDE é composto por cinco membros: a(o) Coordenador(a) do Colegiado (membro nato) e quatro docentes eleitos pelo Colegiado, entre os quais um deve ser do Departamento de Antropologia e Arqueologia, um do Departamento de Ciência Política, um do Departamento de Sociologia e um de um dos Departamentos da FaE que atuam no curso (departamentos de Métodos e Técnicas de Ensino, de Ciências Aplicadas à Educação e de Administração Escolar). Os integrantes do NDE são eleitos pelo plenário do Colegiado, conforme detalhado no Regulamento do curso. Uma vez composto, os membros do NDE elegerão, entre seus membros, um(a) presidente para um mandato de 02 (dois) anos, sendo permitida a recondução.

### ***3.5.2 Corpo docente***

O corpo docente do curso de Ciências Sociais é composto majoritariamente pelas(os) docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia, do Departamento de Ciência Política e do Departamento de Sociologia da UFMG. No Apêndice A encontra-se o quadro com os docentes dos três departamentos principais do curso, incluindo informações sobre seu regime de trabalho e titulação. Além desses, há docentes provenientes dos demais departamentos que contribuem para a formação de estudantes no curso de Ciências Sociais:

Departamento de Filosofia/FAFICH, Departamento de Demografia/FACE, Departamento de Ciências Econômicas/FACE, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino/FaE, Departamento de Ciências Aplicadas à Educação/FaE, Departamento de Administração Escolar/FaE.

### ***3.5.3 Corpo técnico-administrativo***

A secretaria do curso de Ciências Sociais, que dá suporte ao Colegiado, é constituída por um(a) ou mais técnica(o)s-administrativos em Educação, lotados junto ao curso por deliberação da Diretoria da Unidade. É função desse corpo técnico auxiliar a(o) coordenador(a) do Curso em todos os procedimentos de gestão escolar, no limite da função de secretariado.

## 4 Referências bibliográficas

Normas Gerais de Graduação (NGG) da UFMG, estabelecidas em 2018, através da Resolução Complementar 01/2018, de 20 de fevereiro de 2018.

Parecer CNE/CES 492/2001, de 3 de abril de 2001. PARECER do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES), de 3 de abril de 2001. Estabelece as Diretrizes Curriculares específicas para os cursos de Ciências Sociais.

Resolução CNE/CES 17/2002, de 13 de março de 2002. RESOLUÇÃO do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES) de 13 de março de 2002, estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais, nas áreas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

Parecer CNE/CES 08/2007, de 31 de Janeiro de 2007. PARECER do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES) N.º 08, de 31 de Janeiro de 2007. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Resolução CNE/CP 02/2007, de 18 de junho de 2007. RESOLUÇÃO do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Superior (CES) N.º 2, DE 18 DE JUNHO DE 2007. Dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial.

Resolução CEPE 10/2019, interna à UFMG, de 10 de outubro de 2019. Estabelece diretrizes curriculares para a integralização de atividades acadêmicas curriculares de Formação em Extensão Universitária nos cursos de graduação da UFMG e revoga a Resolução CEPE 12/2015, de 22 de setembro de 2015.

Portaria MEC 2117/2019, 6 de Dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino.

Resolução CEPE 13/2018, 11 de Setembro de 2018. Regulamenta a oferta de atividades acadêmicas curriculares com carga horária a distância nos cursos de graduação presenciais e a distância e revoga a Resolução do CEPE no 06/2016, de 10 de maio de 2016. Estabelece o limite de 20% da carga horária total do curso para atividades a distância.

Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (MEC), que estabelece a Formação em Extensão Universitária.

Resolução CG 02/2019, de 3 de Dezembro de 2019. Resolução CG 02/2019 da Câmara de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) estabelece diretrizes gerais para a elaboração da estrutura curricular dos cursos de graduação da instituição.

Resolução CNE/CES 04/2024 CNE, de 29 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura).

Decreto no 5.626/2005, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002, de 24 de Abril de 2002 que trata da Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o artigo 18 da Lei nº 10.098/2000 de 19 de dezembro de 2000.

Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação para Direitos Humanos.

Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

Plano de Desenvolvimento Institucional da UFMG. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL 2024-2029 Aprovado pelo Conselho Universitário em 18/06/2024.

## 5 Apêndices

## Apêndice A – Relação do corpo docente do curso

Nome	Departamento	Regime de Trabalho	Vínculo Empregatício	Titulação
Aderval Costa Filho	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ana Beatriz Vianna Mendes	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ana Flavia Moreira Santos	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ana Marcela Ardila Pinto	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ana Paula Karruz	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ana Paula Vasconcelos Gonçalves	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Andréa Maria Silveira	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Andrei Isnardis Horta	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Andres Zarankin	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Bráulio Figueiredo Alves da Silva	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Bruno Pinheiro Wanderley Reis	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Carlos Magno Guimarães	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Claudia Feres Faria	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Cláudio Santiago Dias Júnior	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Corinne Davis Rodrigues	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Cristiano dos Santos Rodrigues	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Daniel Alves de Jesus Figueiredo	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Dawisson Elvécio Belém Lopes	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Dimitri Fazito de Almeida Rezende	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Eduardo Meira Zauli	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Eduardo Moreira da Silva	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Eduardo Viana Vargas	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Elaine Meire Vilela	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Elias Evangelista Gomes	MTE	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Erica Renata de Souza	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Eugênia Dória Viana Cerqueira	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Felipe Nunes dos Santos	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Fernanda Flávia Cockell Silva	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Fernando de Barros Filgueiras	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Frederico Poley Martins Ferreira	DCP	20hs	Estatutário	Doutorado
Geralda Luiza Miranda	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Graziele Ramos Schweig	MTE	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Helcimara de Souza Telles	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Isabele Batista Mitozo	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Jerônimo Oliveira Muniz	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado

Jorge Alexandre Barbosa Neves	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
José Ângelo Machado	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
José Roberto Pellini	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Juarez Rocha Guimarães	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Juri Castelfranchi	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Karenina Vieira Andrade	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Leandro de Oliveira	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Lilian Panachuk de Sa	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Lucas Pereira de Rezende	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Luis Cláudio Pereira Symanski	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Magda dos Santos Ribeiro	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Magna Maria Inácio	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Manoel Leonardo Wanderley Duarte Santos	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Márcia Miranda Soares	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Marcus Abílio Gomes Pereira	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Marden Barbosa de Campos	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Maria Jacqueline Rodet	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Mariana Petry Cabral	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Marjorie Correa Marona	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Marlise Miriam de Matos Almeida	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Natália Guimarães Duarte Sátyro	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Nina Rosas	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Paulo Ricardo Diniz	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Raquel Oliveira	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Renan Springer de Freitas	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Renarde Freire Nobre	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ricardo Fabrino Mendonça	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Rogério Brittes Wanderley Pires	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Rogério Duarte do Pateo	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Ruben Caixeta Queiroz	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Rubens Alves da Silva	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Sabrina Deise Finamori	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Silvio Segundo Salej Higgins	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Telma Maria Gonçalves Menicucci	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Thiago Moreira da Silva	DCP	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Tiago Pedro Ferreira Tomé	DAA	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado
Yumi Garcia dos Santos	DSO	Tempo Integral	Estatutário	Doutorado

## **Apêndice B – Ementário do curso de Ciências Sociais**

<b>1º período.....</b>	<b>64</b>
Antropologia I.....	64
Política I.....	67
Sociologia I.....	69
Introdução à Pesquisa Social.....	71
Ensino de Ciências Sociais: Introdução.....	73
Ensino de Ciências Sociais: Estágio.....	75
<b>2º período.....</b>	<b>76</b>
Antropologia II.....	76
Política II.....	79
Sociologia II.....	81
Introdução à Demografia.....	83
Extensão em Sociologia.....	85
<b>3º período.....</b>	<b>86</b>
Antropologia III.....	86
Política III.....	90
Sociologia III.....	93
Fundamentos de Estatística para Ciências Sociais.....	95
<b>4º período.....</b>	<b>96</b>
Antropologia IV.....	96
Política IV.....	100
Sociologia IV.....	102
Fundamentos das Pesquisas Quantitativas.....	104
Extensão em Antropologia.....	105
<b>5º período.....</b>	<b>106</b>
Fundamentos das Pesquisas Qualitativas.....	106
Filosofia da Ciência e Epistemologia.....	110
<b>6º período.....</b>	<b>113</b>
Redação e Divulgação Científica.....	113
<b>7º período.....</b>	<b>115</b>
Extensão em Ciência Política.....	115
Monografia – Projeto.....	116
<b>8º período.....</b>	<b>117</b>
Monografia – Defesa.....	117

## 1º período

### **Antropologia I**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Introdução ao campo de estudos da antropologia, à construção de seus objetos de conhecimento e à especificidade da abordagem antropológica. Apresentação dos principais métodos da antropologia (etnografia, observação participante e método comparativo) e de conceitos centrais da disciplina (etnocentrismo e alteridade; relativismo e universalismo; noções de raça e suas críticas, noções de cultura). Panorama da emergência da antropologia com foco nas correntes evolucionista e difusionista. Introdução à escola culturalista norte-americana e seus desdobramentos.

Unidades:

- 1) Conceitos básicos e introdução aos métodos da antropologia
- 2) Emergência da antropologia, evolucionismo e difusionismo
- 3) Culturalismo Norte-Americano

### ***Anthropology I***

**Syllabus:** This course serves as an introduction to the field of anthropology, focusing on the construction of its research objects and the specificity of the anthropological approach. Students will be provided with a comprehensive overview of core anthropological methods—ethnography, participant observation, and the comparative method—as well as the central concepts shaping the discipline, such as ethnocentrism, alterity, relativism, and universalism. Critical debates on race and the conceptualizations of culture will also be examined. Furthermore, the course traces the early historical development of anthropology, with particular attention to the evolutionist and diffusionist paradigms, alongside the foundational contributions of the North American culturalist school.

Units:

- 1) Basic concepts and introduction to the methods of anthropology
- 2) Emergence of anthropology, evolutionism and diffusionism
- 3) North American Culturalist Anthropology

### **Bibliografia básica**

#### Unidade 1:

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1952]. “Raça e história”, in: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 328-366.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa”, in: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). pp. 17-34.

#### Unidade 2:

CASTRO, Celso (org.). 2005. *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar.

#### Unidade 3:

BOAS, Franz. 2004. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar.

*Ao menos um dos seguintes:*

BENEDICT, Ruth. 2013 [1934]. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes.

MEAD, Margaret. 1979 [1935]. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

### **Bibliografia complementar**

### Unidade 1:

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. “‘Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais”, in: *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 311-373.
- CÉSAIRE, Aimé. 1956 [2011]. “Cultura e colonização”, in: M. R. Sanches (org.). *Malhas que os impérios tecem*. Lisboa: Edições 70. pp. 253-272.
- CLASTRES, Pierre. 1968. “Entre o silêncio e o diálogo”, in: Lévi-Strauss (Série L’Arc). São Paulo: Documentos. pp. 87-90.
- CLASTRES, Pierre. 2003 [1969]. “Copérnico e os selvagens”, in: *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 23-41.
- DAMATTA, Roberto. 1981. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco.
- INGOLD, Tim. 2016 [1992]. “Editorial”, *Antropolítica* 40 (1): 309-314.
- INGOLD, Tim. 2019 [2018]. *Antropologia: para que serve?* Petrópolis: Vozes.
- KUPER, Adam. 2002 [1999] *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: Edusc.
- LAPLANTINE, François. 2003 [1987]. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- LARAIA, Roque Barros. 1986. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MINER, Horace. s/d [1956]. “Ritos corporais entre os Nacirema” (mimeo). 6pp.
- MINTZ, Sidney. 2010 [1982]. “Cultura: uma visão antropológica”, *Tempo* 14 (28): 223-237.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1978 [1952]. “O método comparativo em antropologia social”, in: MELATTI, Julio Cezar Melatti (org.). *Radcliffe-Brown: Antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais). pp. 43-58.

### Unidade 2:

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). 1991. *A Antropologia de Rivers*. Campinas: Unicamp.
- CLASTRES, Hélène. 1980 [1978]. “Primitivismo e ciência do homem no século XVIII”, *Discurso* 13: 187-209.
- CUNHA, Euclides da. 1902 [1998]. *Os sertões (campanha de Canudos)*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.
- DIOP, Cheikh Anta. 2015 [1959]. *Unidade Cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Lisboa: Pedagogo.
- ENGELS, Friedrich. 1964 [1884]. *As origens da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória.
- JUNOD, Henri-Alexandre. 2009 [1912]. *Usos e costumes dos Bantu*. Campinas: Unicamp.
- KUPER, Adam. 2008 [1988]. *A reinvenção da sociedade primitiva*. Recife: UFPE.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1962]. “Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem”, in: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 41-51.
- MONTAIGNE, Michel de. 2010 [1580]. “Sobre os Canibais”, in: *Os ensaios: uma seleção*. São Paulo: Penguin Companhia. pp. 139-157.
- MORGAN, Lewis Henry. 2014 [1877]. *A sociedade antiga*. Lisboa / São Paulo: Presença / Martins Fontes (Coleção Síntese).
- NINA RODRIGUES, Raymundo. 2006 [1900]. *O Animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1978. *Do contrato social [1762]; Ensaio sobre a origem das línguas [1781]*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1993. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens [1755]; Discurso sobre as ciências e as artes [1750]*. São Paulo: Martins Fontes.
- STADEN, Hans. 2010 [1557]. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre: L&PM.

Unidade 3:

- BATESON, Gregory. 2008 [1936]. *Naven*. São Paulo: Edusp.
- BENEDICT, Ruth. 2019 [1946]. *O crisântemo e a espada*. Petrópolis: Vozes.
- BOAS, Franz. 2011 [1938]. *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis: Vozes.
- BOAS, Franz. 2014 [1955]. *Arte primitiva*. Petrópolis: Vozes.
- CASTRO, Celso (org.). 2015. *Cultura e personalidade: Margaret Mead, Ruth Benedict e Edward Sapir*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- HERSKOVITS, Melville J. 1963 [1949]. *Man and his works: antropologia cultural*. São Paulo: Mestre Jou (2 vols.).
- HURSTON, Zora-Neale. 2019 [1950]. “O que os editores brancos não publicarão”, *Ayé: Revista de Antropologia* 1 (1): 106-111.
- KLUCKHOHN, Clyde. 1963 [1949]. *Antropologia – um espelho para o homem*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry & SCHNEIDER, David M. 1965 [1948]. *Personalidade: na natureza, na sociedade e na cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia (2 vols.).
- KROEBER, Alfred. 1993 [1917]. *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- LINTON, Ralph. 1977 [s/d]. “Condicionamento sociocultural da personalidade”, in: Luiz PEREIRA & Maria M. FORACCHI (Orgs.). *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação (Parte II: a educação como processo social)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. pp. 49-69.
- MEAD, Margareth. 1971 [1949]. *Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação*. Petrópolis: Vozes.
- NEIBURG, Federico & GOLDMAN, Marcio. 1999. “Antropologia e política nos estudos de caráter nacional”, *Anuário Antropológico* 97: 103-138.
- REDFIELD, Robert. 1949 [1941]. *Civilização e cultura de folk*. São Paulo: Martins.
- REDFIELD, Robert. 1962. *O mundo primitivo e suas transformações*. Rio de Janeiro: Centro de Publicações Técnicas da Aliança.
- SAPIR, Edward. 2012 [1924]. “Cultura: autêntica e espúria”, *Sociologia & Antropologia* 2 (4): 35-60.
- STEWART, Jullian. 2010 [1949]. “A população nativa da América do Sul”, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 10: 303-315.
- STOCKING, George (Org.). 2004 [1999]. *Franz Boas: a formação da antropologia americana, 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto / UFRJ.
- VIERTLER, Renate B. 1988. *Ecologia cultural: uma antropologia da mudança*. São Paulo: Ática.
-

## **Política I**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Introdução a tradições do pensamento político até o século XIX. Fundamentos do pensamento grego. Contratualismo e suas distintas feições. Republicanismo, Liberalismo, Marxismo. Críticas a essas perspectivas.

Unidades:

I: Conceitos fundamentais

II: Platão e Aristóteles

III: Contratualistas

IV: Republicanismo

V: Liberalismo

VI: Marxismo

## ***Politics I***

Syllabus: Introduction to the traditions of political theory up until the 19th century. Exploration of Greek thought. Examination of Contractualism and its distinctive features. Study of Republicanism, Liberalism, and Marxism. Critiques of these perspectives.

Units

I: Key Concepts

II Plato and Aristotle

III: Contractualists

IV: Republicanism

V: Liberalism

VI: Marxism

## **Bibliografia básica**

ADVERSE, H. M. Republicanismo. In: Leonardo Avritzer; Newton Bignotto; Juarez Guimarães; Heloisa Starling. (Org.). Dimensões Políticas da Justiça. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007. BIGNOTTO, Newton. Matrizes do Republicanismo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

GUIMARÃES, J. R. Democracia e Marxismo: crítica à razão liberal. 1. ed. São Paulo: Xamã, 1999.

HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. O federalista. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Belo Horizonte: Tessitura, 2011

LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo: ensaio relativo à verdadeira origem, extensão e objetivo do governo civil: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MAQUIAVEL, N. Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (3-40).

MAQUIAVEL, N. O Príncipe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. Capítulos I a XVIII.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MILL, John Stuart. Da liberdade. São Paulo: IBRASA, 1963.

MILTON, JOHN. Escritos Políticos: São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. Do espírito das leis. São Paulo: Abril, 1973.

OSTRENSKY, Eunice. Liberalismo Clássico. In: Leonardo Avritzer, Newton Bignotto, Fernando Filgueiras, Juarez Guimarães, Heloísa Starling. (Org.). Dimensões políticas da justiça. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, v. 1, p. 47-54.

PATEMAN, Carole. O Contrato Sexual. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

PLATÃO. Diálogos: A república. 3.ed. Belém: EDUFPA, 2000.

ROUSSEAU, Jean Jacques. O contrato social e outros escritos. São Paulo: Cultrix, 1983.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

TRISTAN, Flora. Peregrinações de uma pária. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul, 2000.

WOLLSTONECRAFT, Mary. Reivindicação dos direitos da mulher. Trad. de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

### **Bibliografia complementar**

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

BIGNOTTO, Newton. Origens do Republicanismo Moderno. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINHO, G. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. (Verbete: Polis, P. 949-954)

MENDONÇA, R. F.; CUNHA, E. S. Introdução à Teoria Democrática: Conceitos, histórias, instituições e questões transversais. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

QUINTANEIRO, Tania.; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

WEFFORT, Francisco Correa. Os clássicos da política. 2.ed. São Paulo: 1990-91. 2v.

---

## **Sociologia I**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Pensamento sociológico clássico; conceitos fundamentais; aspectos metodológicos; análise crítica da modernidade. Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Conceitos, abordagens e metodologias desses clássicos serão vistos em suas limitações e suas potencialidades, aplicados a temas atuais: desigualdades, trabalho, preconceitos, violência, gênero, raça, movimentos sociais e mudanças sociais, funcionamento do Estado, da democracia, do mercado etc.

Unidades:

Unidade I: Durkheim

Unidade II: Karl Marx

Unidade III: Max Weber

## **Sociology I**

**Syllabus:** Classical sociological thought; fundamental concepts; methodological aspects; critical analysis of modernity. Emile Durkheim, Karl Marx, and Max Weber. Concepts, approaches, and methodologies of these classics will be seen in their limitations and potential, applied to current issues: inequalities, work, prejudices, violence, gender, race, social movements, and social changes, functioning of the State, democracy, market, etc.

Units:

Unit I: Durkheim

Unit II: Karl Marx

Unit III: Max Weber

## **Bibliografia básica**

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Introdução e Conclusão).

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: EDIPRO, 2012. Livro Integral.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Solidariedade Mecânica ou por Similitudes; A Solidariedade Devida à Divisão do Trabalho ou Orgânica; A Solidariedade Orgânica e Contratual; A Divisão do Trabalho Anômica; A Divisão do Trabalho Forçada).

DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: EDIPRO, 2014. (Introdução; Método para determiná-los; Suicídio Egoísta; Suicídio Altruísta; Suicídio Anômico; Elemento Social do Suicídio).

MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

MARX, Karl. Contribuição a crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: 1983. 351p (prefácio)

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (18 de Brumário)

MARX, Karl. *O capital*: Livro primeiro. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Cap 1. parágrafos 1, 2 e 4 (“Os dois fatores da mercadoria”; “O duplo caráter do trabalho materializado na mercadoria” e “O fetichismo da mercadoria: seu segredo”)

MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Feuerbach)

WEBER, Max. – Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar. (Classe, status e partido; Política como vocação)

WEBER, Max. “Os três tipos de dominação legítima”, in Cohn, G. (org.) Max Weber. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1982.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. 2. ed. rev. São Paulo: Cengage Learning, 2005. 187p. (Cap. 2. Cap. 5)

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 2000, reimp. 2009. (Vol. 1 Cap. 1)

### **Bibliografia complementar**

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 3. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1990.

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BOUDON, R. BOURRICAUD, F. Dicionário crítico de Sociologia. São Paulo: Ática, 2000.

GIDDENS, A. e SUTTON, P.W. Conceitos Essenciais da Sociologia. 2ª. Edição. São Paulo: Editora UNESP. 2017. Ler verbetes

GIDDENS, Anthony. Sociologia, 6ª. Edição. Porto Alegre: Editora Penso. 2012.

HALL, Stuart. O problema da ideologia: o marxismo sem garantias. (p. 293-325). In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

LUXEMBURGO, Rosa. A Acumulação do Capital. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 588 p.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

---

## **Introdução à Pesquisa Social**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Epistemologia da ciência. Neutralidade e sua crítica. Objetividade, intersubjetividade. Tipos de pesquisa (survey, observação participante, etnografia, pesquisa em material secundário, pesquisa-ação, grupos focais entre outras) e suas dimensões éticas. Foco em como fazer perguntas (survey, observação e entrevistas). Produção e registro de diferentes bancos de dados. Plágio e suas implicações.

Unidades:

I: Epistemologia da ciência

II: Tipos de pesquisa e suas dimensões éticas

III: A prática da entrevista: survey, questionário semiestruturado e entrevistas abertas e informais

IV: Banco de dados: tipos, registros e produções (diário de campo, arquivos, outros documentos, dados quantitativos, materiais audiovisuais etc.)

### ***Introduction to Social Research***

**Syllabus:** Epistemology of Science. Neutrality and its criticism. Objectivity, intersubjectivity. Types of research (survey, participant observation, ethnography, research on secondary material, action research, focus groups, among others) and their ethical dimensions. Focus on how to ask questions (survey, observation, and interviews). Production and registration of different databases. Plagiarism and its implications.

Units:

I: Epistemology of Science

II: Types of research and their ethical dimensions

III: The practice of the interview: survey, semi-structured questionnaire, and open and informal interviews

IV: Database: types, records, and productions (field diary, files, other documents, quantitative data, audio-visual materials, etc.)

### **Bibliografia básica**

ALVES, Míriam C.; ALVES, Alcione C. (orgs.) Epistemologias e metodologias negras, decoloniais e antirracistas. Porto Alegre: Rede Unida, 2020

BABBIE, E. Métodos de Pesquisa em Survey. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Plano, 2002.

BERREMAN, Gerard. "Por detrás de muitas máscaras". In: Zaluar, Alba. Desvendando máscaras sociais. 3.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1990

BOUDIEU, Pierre., PASSERON, Jean-Claude e CHAMBOREDON, Jean-Claude. O Ofício do Sociólogo. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 4ª edição, 2004.

BRYM, Robert, et. al. "Como os sociólogos fazem pesquisa?". In: Brym, R. et. AL. Sociologia uma bússola para um novo mundo. São Paulo: Cengage Learning, 2010, p. 35-70

CARDOSO, Ruth (org). Aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Série Pesquisa em Educação, v. 10. Brasília: Liber Livro Editora Ltda., 2005, caps 1 & 2.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 6a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Cap. 20

LIMA, Márcia. "Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais". IN. SESC. Métodos em pesquisa em Ciências Sociais - Bloco quantitativo. São Paulo: Cebrap, 2016, p. 10-31

MEAD, Margareth. 1971 [1949]. “O significado das perguntas que fazemos”. In: Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes. pp. 23-35

SAGEBIN BORDINI, Gabriela, SPERB, Tania Mara. “O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa”. *Psicologia em Estudo* Vol.16, 2011.

SIMÕES, Solange; PEREIRA, Maria A. M. “A arte e a ciência de fazer perguntas: aspectos cognitivos da metodologia de survey e a construção do questionário”. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 241-263.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez. 1986.

### **Bibliografia complementar**

CERVO, A.L. e BERIAN, P.A. *Metodologia Científico*. 4a. Ed. São Paulo, 1996.

DAVIS, J.A. Variáveis. In: DAVIS, J. *Levantamento de Dados em Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FREITAS, Viviane G. (org.). *Intelectuais negras: vozes que ressoam*. Belo Horizonte: UFMG, 2019

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1987.

PASSOS, Eduardo; ESCOSSIA, Lílana da; KASTRUP, Virginia. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PEREIRA, Maria A. M. *A entrevista de survey como interação social: atitudes e posição na estrutura social dos respondentes como fatores explicativos da susceptibilidade aos efeitos nas respostas*. Tese de doutorado defendida no Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Caps. 3 e 7.

RICHARDSON, R. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMARA, B.S. *Pesquisa de Marketing: conceitos e metodologia*. 2.ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. *Educ. Pesqui.* [Online]. 2005, vol.31, n.3, pp.443-466.

---

### **Ensino de Ciências Sociais: Introdução**

Obrigatória. Teórica. 30 horas.

**Ementa:** Legislação educacional e prática de ensino em Ciências Sociais. Currículo: Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG). Associações profissionais e científicas relacionadas ao ensino de Ciências Sociais. Ensino e aprendizagem: temas transversais, relações étnico-raciais (história da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas), direitos humanos e educação ambiental.

Unidades:

Unidade I: Legislação e currículo no ensino de Ciências Sociais

Unidade II: Articulação entre teoria e prática no ensino de Ciências Sociais

### ***Teaching of Social Sciences: Introduction***

**Syllabus:** Educational legislation and teaching practices in Social Sciences. Curriculum: National Curriculum Guidelines (DCN), National Common Core Curriculum (BNCC) and Minas Gerais Reference Curriculum (CRMG). Professional and scientific associations related to the teaching of Social Sciences. Teaching and learning: crosscutting topics, ethnic-racial relations (the history of Africa and of Amerindian and Afro-Brazilian cultures), human rights, and environmental education.

Units:

Unit I: Legislation and curriculum in the teaching of Social Sciences

Unit II: Linking theory and practice in the teaching of Social Sciences

### **Bibliografia básica**

ALVES, M. A. S.; , ANDRADE, M. P.; OLIVEIRA, A. S. O. (Org.) Narrativas e práticas de ensino em Ciências Sociais: diálogos com a pesquisa e a extensão. - Fortaleza: EdUECE, 2023.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN - Ensino Médio. Ministério da Educação: Brasília, 2018. Disponível em:

[http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622)

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum - BNCC. Ministério da Educação: Brasília, 2019. Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)

MINAS GERAIS. Currículo de Referência do Ensino Médio de Minas Gerais. SEE-MG: Belo Horizonte, MG, 2018. Disponível em:

<https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20do%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>

### **Bibliografia complementar**

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação: Brasília, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN- Ensino Médio; Ministério da Educação, Brasília, 2002. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12598;publicacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598;publicacoes)

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana Brasília: MEC, 2004. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/488171](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/488171)

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF, 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002\\_12.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf)

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília, DF, 2012.  
Disponível em:  
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/educacao-em-direitos-humanos/DiretrizesNacionaisEDH.pdf>

### **Ensino de Ciências Sociais: Estágio**

Obrigatória. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática)

**Ementa:** Planejamento no ensino de Ciências Sociais: plano de aula, sequência didática e outros. Avaliações: Enem, concursos públicos e outras. A escola e os diferentes espaços de aprendizagem. Introdução ao campo de estágio: observação e conhecimento escolar. Aborda relações étnico-raciais (história da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas), direitos humanos e educação ambiental.

Unidades:

Unidade I: Articulação entre teoria e prática

Unidade II: Estágio de observação na escola

### ***Teaching of Social Sciences: Internship***

**Syllabus:** Planning for teaching in Social Sciences: lesson plan, didactic sequence, and other topics. Evaluations: National High-School Exam (ENEM), public service exams, and others. The school and diverse learning spaces. Introduction to internship in schools: observation and knowledge of schools. Includes topics on ethnic-racial relations (the history of Africa and of Amerindian and Afro-Brazilian cultures), human rights, and environmental education.

Units:

Unit I: Linking theory and practice.

Unit II: Observation internship in schools.

### **Bibliografia básica**

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LAHIRE, Bernard. "Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de Sociologia?" Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, vol. 45, n. 1, 2014. Disponível em: [http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v45n1/rcs\\_v45n1a2.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v45n1/rcs_v45n1a2.pdf)

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

### **Bibliografia complementar**

BODART, C. N. Conceitos e Categorias Fundamentais do Ensino de Sociologia, volume 1. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. Dicionário do Ensino de Sociologia. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). Juventude e Ensino Médio: diálogo, sujeitos, currículos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FRAGA, A. B.; MAÇAIRA, J. P. (Orgs.). Saberes e práticas de Ensino de Sociologia. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

OLIVEIRA, R; ESTEVES, T. J. (Orgs.). Metodologias Ativas de Aprendizagem no Ensino de Sociologia. Londrina (PR): Engenho das Letras, 2021.

---

## 2º período

### **Antropologia II**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Formação básica em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e inglesa. A escola sociológica francesa e seus desdobramentos. As escolas britânicas, incluindo o estrutural-funcionalismo e o funcionalismo, bem como seus desenvolvimentos, como o neo-estruturalismo britânico e a escola de Manchester.

Unidades:

- 1) Escola sociológica francesa
- 2) Estrutural-funcionalismo e funcionalismo
- 3) Escola de Manchester e outros desenvolvimentos da escola britânica

### ***Anthropology II***

**Syllabus:** The course continues the basic training in anthropological theory, focusing on the French and English traditions. It presents the French School of Sociology and its developments, British Structural-Functionalism and Functionalism, and later developments within the British tradition, such as Neo-Structuralism and the Manchester School.

Units:

- 1) The French School of Sociology
- 2) Structural-Functionalism and Functionalism
- 3) The Manchester School and other developments of the British tradition

### **Bibliografia básica**

#### Unidade 1:

Obrigatórios:

DURKHEIM, Émile. 2000 [1912]. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes

MAUSS, Marcel. 2003 [1925]. “Ensaio sobre a dádiva”, in: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 185-314.

#### Unidade 2:

Obrigatório:

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 2013. [1952] Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Vozes.

*Ao menos um dos seguintes:*

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2005 [1937/1976]. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande (edição resumida por Eva Gilles). Rio de Janeiro: Zahar.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2002 [1940]. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

*Ao menos um dos seguintes:*

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). [trecho a escolher, exceto introdução]

MALINOWSKI, Bronislaw. 2008 [1926]. Crime e Costume na Sociedade Selvagem. Brasília: UnB.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1975 [1944]. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar.

MALINOWSKI, Bronislaw. 2020 [1948]. Magia, ciência e religião. São Paulo: Ubu.

#### Unidade 3:

Obrigatórios:

GLUCKMAN, Max. 1987 [1958]. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”, in: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global. pp. 227-344.

LEACH, Edmund. 2014 [1954]. *Sistemas políticos na Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp.

Ao menos um dos seguintes:

TURNER, Victor. 2005 [1967]. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF.

TURNER, Victor. 2013 [1969]. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.

TURNER, Victor. 2008 [1974]. *Drama, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF.

### **Bibliografia complementar**

#### Unidade 1:

BATAILLE, Georges. 2016 [1933]. “A noção de dispêndio”, in: *A parte maldita, precedida de “A Noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 17-33.

DURKHEIM, Émile. 1973 [1895]. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional.

DURKHEIM, Émile. 2000 [1897]. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. 1981 [1903]. “Algumas Formas primitivas de classificação”, in: Marcel MAUSS. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos). pp. 399 -455.

HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 2003 [1903]. “Esboço de uma teoria geral da magia”, in: Mauss MAUSS. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 49-181.

LEIRIS, Michel. 2017 [1938]. “O sagrado na vida cotidiana”, *Debates do NER* 31: 15-25.

MAUSS, Mauss. 2003 [1950]. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

RODRIGUES, Josué Albertino (org.). 1984. *Émile Durkheim: sociologia*. São Paulo: Ática (coleção Grandes Cientistas Sociais).

TARDE, Gabriel. 2007 [1895]. *Monadologia e sociologia*. São Paulo: Cosac Naify.

VAN GENNEP, Arnold. 1977 [1908]. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.

VARGAS, Eduardo Viana. 2000. *Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Contracapa.

#### Unidade 2:

DURHAM, Eunice (org.). 1986. *Malinowski: Antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

FERNANDES, Florestan. 2006 [1952]. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Globo.

FIRTH, Raymond. 1998 [1957]. *Nós, os Tikopia*. São Paulo: Edusp.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1982 [1929]. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MELATTI, Júlio César. 1995. *Radcliffe-Brown: Antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. s/d [1935]. “Sobre o conceito de ‘função’ em ciência social” (mimeo). 9 pp.

#### Unidade 3:

BARNES, J. A. 1987 [1969]. “Redes e processo político”, in: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global. pp. 159-194.

BARTH, Frederic. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa.

BARTH, Frederic. 2005 [1995]. “Etnicidade e o conceito de cultura”, *Antropolítica* 19: 15-30.

- CAVALCANTI, Maria Laura (org.). 2014. Ritual e performance: 4 estudos clássicos. Rio de Janeiro: 7Letras.
- DAMATTA, Roberto (org.). 1983. Edmund Leach: antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais);
- DOUGLAS, Mary. 1976 [1966]. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).
- DOUGLAS, Mary. 1998 [1986]. Como as instituições pensam. São Paulo: EdUSP.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. 2004 [1976]. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ.
- DOUGLAS, Mary. 1999 [1987]. “Os Lele revisitados, 1987: acusações de feitiçaria à solta”, *Mana* 5 (2): 7-30.
- GLUCKMAN, Max. 2011 [1963]. Rituais de rebelião no sudoeste da África. Brasília: UnB (Série Tradução). 34 pp.
- TURNER, Victor. 2012 [1982]. “Liminal ao liminoide: em brancadeira, fluxo e ritual”, *Mediações* 17 (2): 214-257.
- VAN VELSEN, Joan. 1987 [1967]. “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”, in: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global. pp. 345-374.
-

## **Política II**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Fundamentos da organização legítima do poder político e social em diferentes abordagens sobre a democracia. Abordagens elitista, econômica, pluralista, participativa e deliberativa. Questões de Gênero, Étnico-raciais e Direitos Humanos. Análise dos condicionantes dos processos de democratização e des-democratização nas sociedades capitalistas modernas.

Unidades

Unidade I – Democracia: justificativa e mudança institucional

Unidade II – A democracia moderna: o modelo liberal representativo

Unidade III – O debate contemporâneo sobre democracia: qual democracia? Como ficam as questões de gênero, étnico-raciais e de direitos humanos?

Unidade IV – Crise da democracia: análise de suas múltiplas dimensões

## **Politics II**

**Syllabus:** This course examines the legitimacy of modern social and political power through various democratic approaches, including elitist democracy, the economic theory of democracy, pluralist democracy, as well as participatory and deliberative models. It also explores perspectives on gender and ethnicity, alongside the causes and consequences of democratization and de-democratization in contemporary capitalist societies

Units:

Unit I – Democracy: rationale and institutional change

Unit II – Modern democracy: principles of liberal democracy

Unit III – Contemporary Debates on Democracy: which model of democracy?

Unit IV – The Crisis of democracy: multiple dimensions

## **Bibliografia básica**

BIROLI, Flávia. Gênero e Democracia no Brasil. SP: Ed. Boitempo, 2018.

DAHL, Robert. Um Prefácio à Teoria Democrática. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1989.

DAHL, Robert. Poliarquia: participação e oposição. SP: Ed. Edusp, 1997.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

DOWNS, Anthony. Uma Teoria Econômica da Democracia. São Paulo, EDUSP, 1999.

FINLEY, M. I. 1988. Democracia Antiga e Moderna. RJ: ED. Graal.

HABERMAS, Jürgen. Três modelos normativos de democracia. Lua nova, v. 36, p. 39-53, 1995.

LEVITSKY, S; Ziblatt, D. 2018. Como as democracias morrem. SP: Ed. Zahar, 2018.

MACPHERSON, C. B. A democracia liberal – origens e evolução. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

PATEMAN, Carole (1992) Participação e Teoria Democrática. Rio de Janeiro: Paz e Terra

RUCIMAN, David. Como a democracia chega ao fim. São Paulo: Ed. Todavia, 2018

SCHUMPETER, Joseph. Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

TILLY, Charles. 2010. Democracia. SP: Ed. Vozes.

WEBER, Max. 1982. Ciência e Política como Vocação. RJ: Ed. Guanabara

YOUNG, I. M. 2001. Comunicação e o outro: além da democracia deliberativa. In: SOUZA, J. Democracia Hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Ed. UNB.

Bibliografia complementar

CUNNINGHAM, Frank. Teorias da democracia: uma introdução crítica. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DELLA PORTA, Donatella. Can democracy be saved? Polity, 2003

DISCH, Lisa and HAWKESWORTH, Mary. The Oxford Handbook of Feminist Theory. OUP. 2018.

MENDONÇA, Ricardo F. E CUNHA, Eleonora S. Introdução à teoria democrática: conceitos, história, instituições e questões transversais. BH: Editora da UFMG, 2018.

---

## **Sociologia II**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Funcionalismo; interacionismo simbólico; etnometodologia; fenomenologia; dramaturgia social. Ferramentas metodológicas e olhar teórico sociológico úteis para a compreensão das sociedades contemporâneas.

Unidades:

I – Funcionalismo

II – Interacionismo simbólico

III – Etnometodologia

IV – Fenomenologia

V – Dramaturgia Social

## **Sociology II**

**Syllabus:** Functionalism; Symbolic Interactionism; Ethnomethodology; Phenomenology; Social Dramaturgy. Methodological tools and a sociological theoretical perspective useful for understanding contemporary societies.

Units:

I – Functionalism

II – Symbolic Interactionism

III – Ethnomethodology

IV – Phenomenology

V – Social Dramaturgy

## **Bibliografia básica**

BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. (Cap. 1, 2, 3, e 8)

BLUMER, H. "A Sociedade Concebida como uma Interação Simbólica". In: BIRNBAUM, P. & CHAZEL, F. *Teoria Sociológica*. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 36-40

GARFINKEL, H. *Estudos de etnometodologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. (Capítulo 5)

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. (Introdução, cap. 1 e 6)

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982 (Cap. 1 e 2)

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974 (Introdução, cap. 1 e 2)

JOAS, H. "Interacionismo Simbólico". In: GIDDENS, A. & TURNER, J. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999

MEAD, G. O "Jogo Livre (folgado), o Jogo Regulamentado e o Outro Generalizado". In: BIRNBAUM, P. & CHAZEL, F. *Teoria Sociológica*. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 26-32.

MERTON, R. K. "Estrutura Social e Anomia". In: *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. (Capítulo 6)

MERTON, R. K. "Funções Manifestas e Latentes". In: *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. (Cap 3).

PARSONS, T. "Um Esboço do Sistema Social". In: BIRNBAUM, P. & CHAZEL, F. *Teoria Sociológica*. São Paulo: Hucitec, 1977, p.167-194.

ROCHER, G. A "Teoria Geral da Ação". In: *Talcott Parsons e a Sociologia Americana*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 (Cap 1).

### **Bibliografia complementar**

- FANON, Frantz. Os condenados da terra. 2ª ed. Pref. Jean-Paul Sartre. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- GIDDENS, A. e SUTTON, P.W. Conceitos Essenciais da Sociologia. 2ª. Edição. São Paulo: Editora UNESP. 2017.
- GIDDENS, Anthony. Sociologia, 6ª. Edição. Porto Alegre: Editora Penso. 2012.
- MERTON, Robert King. A ambivalência sociológica e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 354p
- MERTON, Robert King; MARCOVICH, Anne; SHINN, Terry. Ensaio de sociologia da ciência. São Paulo: Associação Scientiae Studia: Editora 34, 2013
- MILLS, Charles Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaio. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009
- PARSONS, Talcott. O sistema das sociedades modernas. São Paulo: Pioneira, 1974. 189p.
- RAMOS, Guerreiro. A Redução Sociológica (Introdução ao Estudo da Razão Sociológica). Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 1958.
- THOMAS, William e ZNANIECKI, Florian. Os três tipos de personalidade. In. BIRNBAUM, P. & CHAZEL, F. Teoria Sociológica. São Paulo: Hucitec, 1977, p. 32-36.
- VELHO, Gilberto. Estigma e Comportamento Desviante em Copacabana. In. *Desvio e Divergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 116-124.
-

## **Introdução à Demografia**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Conceitos básicos e principais medidas em demografia. Realidade e contexto demográfico brasileiro: no passado recente, na atualidade e perspectiva futura - composição demográfica e socioeconômica, distribuição espacial da população, características da mortalidade, fecundidade e migração.

Unidades:

O que é demografia?

Fontes de dados

Crescimento populacional

Composição da população

Consequências socioeconômicas do crescimento populacional

Mortalidade

Padronização direta

Tabela de sobrevivência

Fecundidade

Transição demográfica

Migração

Temas emergentes

## ***Introduction to Demography***

**Syllabus:** Basic concepts and techniques of demographic analysis. Brazilian reality and demographic context: recent past, nowadays, and future perspective – demographic and socioeconomic composition of the population, spatial distribution, characteristics of mortality, fertility, and migration.

Units:

What is demography?

Data sources

Population growth

Population composition

Socioeconomic consequences of population growth

Mortality

Direct standardization

Life table

Fertility

Demographic transition

Migration

Emerging topics

## **Bibliografia básica**

BRITO, F. A população na cena política: o debate sobre as consequências do envelhecimento populacional. In: ANDRADE, Mônica Viegas.; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e (eds). Alternativas para uma crise de múltiplas dimensões, p. 261-282, 2018. Recurso online.

CARVALHO, J. A. M.; SAWYER, D. O.; RODRIGUES, R. N. Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia, Belo Horizonte: ABEP, 1998, 2a edição.

RAKKERT, R. Métodos demográficos: uma visão desde os países de língua portuguesa. Versão pré-impressão em pdf. 2020

RIOS-NETO, E. L. G.; RIANI, J. L. R. (org). Demografia da Educação. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 2004.

### **Bibliografia complementar**

BAENINGER, R.; FERNANDES, D. M.; DEMÉTRIO, N. B. Atlas temático: observatório das migrações em São Paulo: migração refugiada. Campinas: Unicamp / NEPO, 2018.

HOGAN, D. J. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Dinamica demográfica e mudança ambiental. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de População, 2000.

QUEIROZ, B. L. Previdência Social e mercado de trabalho dos idosos. In: ANDRADE, Mônica Viegas.; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e (eds). Alternativas para uma crise de múltiplas dimensões, p. 246-260, 2018. Recurso online. Disponível em: <<https://cedeplar.ufmg.br/component/phocadownload/category/18-noticias?download=1099:alternativas-para-uma-crise-de-multiplas-dimensoes>>

TURRA, C. M. Os ajustes inevitáveis da transição demográfica no Brasil. In: notícias?download=1099:alternativas-para-uma-crise-de-multiplas-dimensoes>

WONG, L. L. R.; BARRIOS, M. L.; FERREIRA, V. C. O denominador no desenho das políticas públicas: a população brasileira e suas mudanças demográficas.

---

## **Extensão em Sociologia**

Obrigatória. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática).

**Ementa:** Formação em extensão universitária em Ciências Sociais por meio de abordagens que considerem o conhecimento em Sociologia como mecanismo de reflexão e atuação educativa, cultural, científico-pedagógica e política entre universidade, sociedade e, principalmente, as instituições de ensino. Participação ativa em atividades e projetos de caráter extensionista nas escolas (pesquisa-ação, intervenção, cursos, capacitações e ações educativas, oficinas, eventos, prestações de serviços, parcerias com outros setores sociais etc.). Extensão e Educação Básica.

Unidades:

I. O que é extensão?

II. Extensão em Sociologia

III. Extensão e educação

### ***Extension in Sociology***

**Syllabus:** Training in university extension in Social Sciences through approaches that consider knowledge in Sociology as a mechanism for reflection and educational, cultural, scientific-pedagogical, and political action among the university, society, and, primarily, educational institutions. Active participation in extension activities and projects in schools (action research, intervention, courses, training and educational actions, workshops, events, services, partnerships with other social sectors, etc.). Extension and Basic Education.

Units:

I. Understanding extension in Sociology

II. Implementation of extension activities in Sociology

III. Course Project (theoretical foundations and practical proposals)

### **Bibliografia básica**

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. Instituto Paulo Freire, v. 15, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras-Forproex. Manaus: 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>

### **Bibliografia complementar**

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. Racismo econômico in: Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Miriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa (org.) Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. 1. ed. - Porto Alegre: Rede UNIDA; 2020. 213 p.

FREIRE, Paulo; NOGUERIA, Adriano. Que fazer: teoria e prática da educação popular. 13ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. 2. ed. rev. Brasília: MMA, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. 174 p.

### 3º período

#### **Antropologia III**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Continuação da formação em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e norte-americana. O curso apresentará os fundamentos da antropologia estrutural; os debates em torno de estrutura e história; a vertente interpretativista da antropologia norte-americana; e as teorias da prática.

Unidades:

- 1) Estruturalismo
- 2) Estrutura e História
- 3) Antropologia Interpretativa
- 4) Teorias da Prática

#### ***Anthropology III***

**Syllabus:** This course represents the third step in basic training in anthropological theory, focusing on French and North American traditions. It introduces the fundamentals of structuralist anthropology, explores the debates surrounding structure and history, examines theories of practice, and addresses the symbolic and interpretive approaches in North American anthropology.

Units:

- 1) Structuralism
- 2) Structure and History
- 3) Interpretive Anthropology
- 4) Theories of Practice

#### **Bibliografia básica**

##### Unidade 1:

Obrigatórios:

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 [1958]. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Ao menos um dos seguintes:

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982 [1949]. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1980 [1962]. O totemismo hoje. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores). pp. 89-179.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989 [1962]. O pensamento selvagem. Campinas : Papyrus.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1964]. Mitológicas 1: o cru e o cozido. São Paulo: Cosac Naify.

*Ao menos um dos seguintes:*

DUMONT, Louis. 1992 [1966]. Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EdUsp.

DUMONT, Louis. (1985). O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna, Rio de Janeiro, Rocco.

##### Unidade 2:

Obrigatório:

SAHLINS, Marshall. 1990 [1985]. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Zahar.

##### Unidade 3:

Obrigatório *ao menos um dos seguintes:*

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 13-44.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”, in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 278-321.

#### Unidade 4:

Obrigatório ao menos um dos seguintes:

BOURDIEU, Pierre. 1994 [1972]. “Esboço de uma teoria da prática”, in: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. 2007 [1979]. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk.

### **Bibliografia complementar**

#### Unidade 1:

BALANDIER, Georges. 1993 [1955]. “A noção de situação colonial”, Cadernos de Campo 3: 107-131.

BALANDIER, Georges. 1976 [1962]. As dinâmicas sociais: sentido e poder. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel.

BALANDIER, Georges. 1982 [1980]. O poder em cena. Brasília: UnB.

BASTIDE, Roger. 2006 [1975]. O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.

CLASTRES, Pierre. 1995 [1972]. Crônica dos índios Guayaki. São Paulo: 34.

CLASTRES, Pierre. 2003 [1974]. A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify.

CLASTRES, Pierre. 2004 [1980] Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac Naify.

DELEUZE, Gilles. 1982 [1973]. “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”, in: François CHÂTELET (org.). História da filosofia (vol. 8). Rio de Janeiro: Zahar.

DUMONT, Louis. 2000 [1976]. Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edusc.

FOUCAULT, Michel. 1999 [1966]. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel. 1971 [1979]. Arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes

FOUCAULT, Michel. 1979. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.

JAKOBSON, Roman. 1976. Seis lições sobre o som e o sentido. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2003 [1950]. “Introdução à Obra de Marcel Mauss”, in: Marcel MAUSS. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 11-46.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008 [1952]. O suplício do Papai Noel. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1957 [1955]. Tristes trópicos. São Paulo: Anhembi.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1967]. Mitológicas 2: do mel às cinzas. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2006 [1968]. Mitológicas 3: a origem dos modos à mesa. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1968. “O triângulo culinário”, in: Lévi-Strauss (Série L’Arc). São Paulo: Documentos. pp. 24-35.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2011 [1971]. Mitológicas 4: o homem nu. São Paulo: Cosac Naify.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1973]. Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987 [1978]. Mito e significado. Lisboa: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1981 [1979]. A via das máscaras. Lisboa: Presença.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1983]. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1985]. A oleira ciumenta. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1992 [1991]. História de lince. São Paulo: Brasiliense.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997 [1993]. Olhar, escutar, ler. São Paulo: Companhia das Letras.  
LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1984]. Minhas palavras. São Paulo : Brasiliense.  
POUILLON, Jean. 1966. “Apresentação: uma tentativa de definição”, in: Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 7-27.  
RICOEUR, Paul. 1968 [1965]. “Estrutura e hermenêutica”, in: COSTA LIMA, Luís (org.). O estruturalismo de Lévi-Strauss. pp. 157-191.  
SAUSSURE, Ferdinand de. 1970 [1916]. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix.

#### Unidade 2:

CARVALHO, Edgar de Assis. 1981. Godelier: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).  
FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. 2003. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: UnB.  
GODELIER, Maurice. 2001 [1996]. O enigma do dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.  
GOODY, Jack. 2012 [1977]. A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes.  
GOODY, Jack. 2019 [1986]. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Petrópolis: Vozes.  
GOODY, Jack. 2012 [2010]. O mito, o ritual e o oral. Petrópolis: Vozes.  
MEILLASSOUX, Claude. 1977 [1976]. Mulheres, ceifeiros e capitais. Lisboa: Afrontamento.  
MEILLASSOUX, Claude. 1995 [1986]. Antropologia da escravidão: entre o ventre de ferros e o dinheiro. Rio de Janeiro: Zahar.  
MINTZ, Sidney. 2012 [1979]. “A escravidão e a ascensão dos campesinatos”, Clio: Revista de Pesquisa Histórica.  
MINTZ, Sidney. 2003. O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados. Recife: UFPE.  
SAHLINS, Marshall. 1974 [1968]. Sociedades tribais. Rio de Janeiro: Zahar.  
SAHLINS, Marshall. 2003 [1976]. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar.  
SAHLINS, Marshall. 2008 [1981]. Metáforas históricas e realidades míticas. Rio de Janeiro: Zahar.  
SAHLINS, Marshall. 2001 [1995]. Como pensam os “nativos”: sobre o Capitão Cook, por exemplo. São Paulo: EdUsp.  
SAHLINS, Marshall. 1997. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (partes I e II)”, Mana 3 (1): 41-73; Mana 3 (2): 103-150.  
SAHLINS, Marshall. 2004 [2000]. Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ.  
SAHLINS, Marshall. 2004 [2002]. Esperando Foucault, ainda. São Paulo: Cosac Naify.  
SAHLINS, Marshall. 2006 [2004]. História e cultura: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar.  
SPERBER, Dan. 1992 [1982]. O saber dos antropólogos. Lisboa: Edições 70.  
TAUSSIG, Michael. 2010 [1980]. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Unesp.  
TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Curitiba: huya.  
WOLF, Eric R. 2005 [1982] A Europa e os povos sem história. São Paulo: EdUsp.

#### Unidade 3:

GEERTZ, Clifford. 1966 [1964]. “A transição para a humanidade”, in: Sol TAX (org.). Panorama da antropologia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. pp. 31-43.  
GEERTZ, Clifford. 2004 [1968]. Observando o Islã. Rio de Janeiro: Zahar.  
GEERTZ, Clifford. 1997 [1983]. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.

GEERTZ, Clifford. 2002 [1989]. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ.

GEERTZ, Clifford. 2001 [2000] Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHNEIDER, David Murray. 2016 [1968]. Parentesco americano: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes.

Unidade 4:

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Éve. 2009 [1999]. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Martins Fontes.

BOURDIEU, Pierre. 1999 [1970]. “A casa kabyle ou o mundo às avessas”, Cadernos de Campo 9 (8): 147-159.

BOURDIEU, Pierre. 1974. A economia das trocas simbólicas São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. O senso prático, Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1982]. A economia das trocas linguísticas São Paulo: EdUsp.

BOURDIEU, Pierre. 1989. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1992]. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1994]. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus.

ORTNER, Sherry. 2011 [1984]. “Teoria na antropologia desde os anos 60”, Mana 17 (2): 419-466.

WACQUANT, Loïc. 2002 [1989]. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

---

### **Política III**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Arranjos institucionais nas democracias contemporâneas. O institucionalismo e suas vertentes. Sistemas de governo, as relações entre os poderes, a organização do poder legislativo, as relações entre legislativo e sociedade civil. A organização territorial do poder. Os sistemas eleitorais, os partidos e os sistemas partidários. A justiça e a judicialização. As instituições participativas e os fóruns deliberativos.

Unidades:

1. Instituições e novo institucionalismo
2. Constituindo a representação: os sistemas eleitorais
3. Partidos e Sistemas partidários
4. A organização territorial do Estado
5. O poder Executivo: sistemas de governo, tipos de governo e relações com o Legislativo
6. O poder Legislativo: bi ou unicameralismo e organização interna
7. Flexibilidade constitucional, poder judiciário e judicialização da política
8. Para além das eleições: formas de participação cidadã nas democracias, modelos de democracia e critérios de avaliação de arranjos institucionais
9. Dilemas e perspectivas das democracias contemporâneas
10. Um balanço da democracia brasileira pós-1988

### **Politics III**

**Syllabus:** This course explores the institutional frameworks of contemporary democracies, focusing on institutionalism and its various branches. It covers government systems, the relationships between different branches of power, the organization of the legislative branch, and its interaction with civil society. The course also delves into the territorial organization of power, electoral systems, political parties, party systems, justice, and the judicialization of politics. Additionally, it examines participatory institutions and deliberative forums.

Units:

1. Institutions and new institutionalism
2. Representation building: electoral systems
3. Political Parties and Party Systems
4. Territorial organization of the State
5. Executive power: government systems, types, and relations with the Legislature
6. Legislative power: bicameralism vs unicameralism and internal structure
7. Constitutional flexibility, judiciary power and the judicialization of politics
8. Beyond elections: citizen participation in democracies, models of democracy, and evaluating institutional arrangements
9. Challenges and perspectives of contemporary democracies
10. A review of post-1988 Brazilian democracy

### **Bibliografia básica**

ALMEIDA, Acir (2014). "A produção legislativa no pós-1988: tendências recentes e desafios". Em: Leonardo Monastério; Marcelo Neri e Sergei Soares (eds.), *Brasil em desenvolvimento 2014: estado, desenvolvimento e políticas públicas*. IPEA.

ANASTASIA, Fátima (2002). "Teoria Democrática e Novo Institucionalismo". *Cadernos de Ciências Sociais PUCMINAS*, Belo Horizonte, v. 8, n.11, p. 31-46.

ARANTES, Rogério (2004). "Judiciário: entre a Justiça e a Política". In: Avelar e Cintra. (Org.). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Konrad-Adenauer e Unesp.

- AVRITZER, L. & MARONA, M. (2018). “Judiciário e democracia no Brasil – a dupla dimensão da judicialização da política”. Em: Ricardo Fabrino e Eleonora Souza, op. cit.
- AVRITZER, Leonardo (2018). “O pêndulo da democracia no Brasil”. *Novos Estudos*, vol. 37, n. 2
- FIGUEIREDO, A. e LIMONGI, F. (1998). “Bases Institucionais do Presidencialismo de coalizão”. *Lua Nova*, 44
- CAMPOS, Luiz Augusto; MACHADO, Carlos. A cor dos eleitos: determinantes da sub-representação política dos não brancos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, p. 121-151, 2015.
- CARVALHO, E. (2004), “Em Busca da Judicialização da Política: Apontamentos para uma Nova Abordagem”. *Revista de Sociologia e Política*, n. 23, pp. 115-124.
- DAHL, R. (2012). A democracia e seus críticos. Martins Fontes. Cap. 23.
- FIGUEIREDO, A. (2005). "O Executivo nos sistemas de governo democráticos". *BIB*, n. 58.
- FIGUEIREDO, A. e LIMONGI, F. (2017). “A crise atual e o debate institucional”. *Novos Estudos*, vol.36, n. 3.
- FREITAS, Andrea e SILVA, Glauco (2019). “Das manifestações de 2013 à eleição de 2018 no Brasil: buscando uma abordagem institucional”. *Novos Estudos*, vol. 38, n. 1
- HALL, P. e TAYLOR, R. (2003) "As três versões do Neo-Institucionalismo". *Revista Lua Nova*, 58.
- INÁCIO, M. e BATISTA, M. (2018). “Formas de Governo e Relação Executivo-Legislativo nas Democracias Contemporâneas”. In: FABRINO, Ricardo M. e CUNHA, Eleonora S. (orgs.), *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias e questões transversais*. Ed. UFMG.
- LEVITSKY, S. e ZIBLATT, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Zahar.
- LIMONGI, Fernando (1994). *O Novo Institucionalismo e os Estudos Legislativos: a literatura norte-americana recente*, *BIB*, n. 37.
- LINZ, Juan (1991). “Presidencialismo ou parlamentarismo: faz alguma diferença?”, in: Lamounier, Bolívar (org.) *A opção parlamentarista*. São Paulo, Sumaré.
- LIJPHART, Arend. (2003), *Modelos de Democracia*. Civilização Brasileira.
- MAINWARING, S. (1993). “Democracia Presidencialista multipartidária: o caso do Brasil”. *Lua Nova*, nº 28/29.
- MANIN, Bernard (1995). "Metamorfoses do Governo Representativo". *RBCS*, nº 29.
- MARQUES, Danusa; TEIXEIRA, Bruno L. *Estranhas no ninho: uma análise da atuação parlamentar de homens e mulheres na Câmara dos Deputados*. *Teoria & Sociedade (UFMG)*. v. 26, p. 93-125, 2018.
- MELO, C. R. e CÂMARA, R. (2012). “Estrutura da competição e consolidação do sistema partidário no Brasil”. *Dados*, 55(1).
- MELO, Carlos Ranulfo. (2018). “Os partidos nas democracias: passado, presente e futuro”. In: FABRINO, Ricardo M. e CUNHA, Eleonora S. (orgs.), *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias e questões transversais*. Ed. UFMG.
- MELO, C. R. (2018). “De que maneira votos são transformados em mandatos”. In: FABRINO, Ricardo M. e CUNHA, Eleonora S. (orgs.), *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias e questões transversais*. Ed. UFMG.
- MELO, C. Ranulfo (2019). “Por que chegamos a tanto e que importância isso tem: considerações sobre a fragmentação partidária no Brasil”. Em: Giovana Perlin e Manoel Santos (eds), *Presidencialismo de Coalizão em Movimento*. Edições Câmara.
- MIGUEL, L.F. (2017). “Resgatar a participação: democracia participativa e representação política no debate contemporâneo”. *Lua Nova*, 100: 83-118.
- MOUNK, Yascha (2019). *O Povo Contra a Democracia*. Cia. Das Letras.

- NEIVA, Pedro (2006). “Os determinantes dos poderes das Câmaras Altas: federalismo ou presidencialismo? Dados, v. 49.
- PRZEWORSKI, A. (2020). Crises da Democracia. Zahar. Cap. 9.
- SOARES, Márcia. (2015). “Formas de estado: federalismo”. In: FABRINO, Ricardo M. e CUNHA, Eleonora S. (orgs.), Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias e questões transversais. Ed. UFMG.
- STEPAN, Alfred (1999) “Para uma análise comparativa do federalismo e da democracia: federações que restringem e ampliam o poder do demos”. Dados, 42(2).
- RUBIÃO, A. (2018). O sorteio na política: como os minipúblicos vêm transformando a democracia. Opinião Pública, vol. 24, número 3.
- TSEBELIS, George (2009). “Processo Decisório em Sistemas Políticos: veto players no presidencialismo, parlamentarismo, multicameralismo e pluripartidarismo”. RBCS, nº 34.

### **Bibliografia complementar**

- ANASTASIA, F.; MELO, C. Ranulfo; SANTOS, F. (2004) Governabilidade e Representação Política na América do Sul. Konrad-Adenauer/UNESP.
- AVRITZER, Leonardo (org.) (2009). Experiências nacionais de Participação Social. Cortez Editora.
- BARDI, Luciano e MAIR, Peter (2010). “Os parâmetros dos sistemas partidários”. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 4.
- BERMAN, S. e SNEGOVAYA, M. (2019). “O populismo e o declínio da social-democracia”. JD (em português), vol. 8, n. 2.
- CHEIBUB, J. Antônio; PRZEWORSKI, Adam e SAIEGH, Sebastian (2002). “Governos de Coalizão nas Democracias Presidencialistas e Parlamentaristas”. Dados, vol. 45, n.2.
- HOCHSTETLER Kathryn (2007). “Repensando o presidencialismo: Contestações e quedas de presidentes na América do Sul”. Revista Lua Nova, 72: 9-46.
- MAINWARING, S. e TORCAL, M. (2005). “Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a terceira onda de democratização”. Opinião Pública, vol. XI, nº 2.
- MANIN, B. (2013). “A democracia de público reconsiderada”. Novos Estudos CEBRAP, 97
- MANIN, Bernardo; PRZEWORSKI, Adam, STOKES, Susan (2006). “Eleições e Representação”. Lua Nova, nº 67.
- NICOLAU, Jairo (2004). Sistemas Eleitorais. Rio de Janeiro, FGV
- O'DONNELL, Guillermo (1998) "Accountability Horizontal e Novas Poliarquias". Lua Nova, nº 44.
- SÁNCHEZ, Francisco e LLANOS, Mariana (2006). “O Bicameralismo em perspectiva comparada”, in: In: Avritzer, L. & Anastásia, F. Reforma Política no Brasil. Ed. UFMG.
- SARTORI, Giovanni. (1976). Partidos e Sistemas Partidários.
- SARTORI, Giovanni (1996). Engenharia Constitucional. Ed. UNB.
- SILVA, E. M.; CUNHA, E.S.M. (org). Experiências Internacionais de Participação. Cortez Editora, vol 5.
- TSEBELIS, George (1998). Jogos Ocultos. São Paulo, EDUSP. Cap. 4.
-

### **Sociologia III**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Teoria da estruturação; teoria da figuração; teoria da escolha racional; teoria da prática. Esse componente curricular aprofundará os fundamentos teórico-conceituais e metodológicos, bem como os temas mais relevantes destas principais abordagens sociológicas.

Unidades:

- I – Teoria da estruturação
- II – Teoria da figuração
- III – Teoria da escolha racional
- IV – Teoria da prática

### **Sociology II**

**Syllabus:** Structural Theory; Figuration Theory; Rational Choice Theory; Theory of Practice. This curricular component will deepen the theoretical-conceptual and methodological foundations, as well as the most relevant themes of these main sociological approaches.

Units:

- I – Structuring Theory
- II – Figuration Theory
- III – Rational Choice Theory
- IV – Theory of Practice

### **Bibliografia básica**

- BOURDIEU, Pierre; KERN, Daniela; TEIXEIRA, Guilherme J.F. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk; São Paulo: EDUSP, 2007
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes; CATANI, Afranio M. Escritos de educação. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude.; BAIRÃO, Reynaldo; GARCIA, Pedro Benjamin; BAETA, Ana Maria. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; TOMAZ, Fernando. O poder simbólico. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo Editorial, 2019. (cap 4 e 5)
- ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELSTER, Jon. Peças e engrenagens das ciências sociais. São Paulo: Relumê Dumará, 1994.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. UBU Editora. São Paulo, 2020. (cap 1)
- GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan H. Teoria social hoje. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito (1903)”. *Mana*, 11 (2): 577-591, 2005.
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 119 p. (cap. 1 e 2)

SIMMEL, Georg; FILHO, Evaristo de Moraes. Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Cap. 1, 5, 6, 8 e 11).

### **Bibliografia complementar**

BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva, [1979].

BOURDIEU, Pierre; KUHNER, Maria Helena. A dominação masculina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

ELIAS, Norbert; CHARTIER, Roger. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. ELSTER, Jon. Rational choice. New York, USA: New York University, 1986.

ELIAS, Norbert; NEIBURG, Federico.; WAIZBORT, Leopoldo. Escritos & ensaios. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006

GIDDENS, A. e SUTTON, P.W. Conceitos Essenciais da Sociologia. 2ª. Edição. São Paulo: Editora UNESP. 2017.

GIDDENS, Anthony. Sociologia, 6ª. Edição. Porto Alegre: Editora Penso. 2012

MILLS, Charles Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

---

## **Fundamentos de Estatística para Ciências Sociais**

Obrigatória. Teórico-prática. 60 horas (30h Teóricas, 30h Práticas).

**Ementa:** Amostragem; Estatísticas Descritivas (Medidas de tendência central; Medidas de variabilidade; Medidas de posição relativa; Gráficos exploratórios de dados); Estatística inferencial (Introdução às Probabilidades; Teoria da estimação; Testes de significância; Análise de associações e correlações estatísticas). Prática de pesquisa estatística e educação.

Unidades:

I – Amostragem

II – Estatísticas descritiva

III – Distribuição de probabilidade

IV – Estimação e testes de hipóteses

V – Associações e correlações

### ***Fundamentals of Statistics for Social Sciences***

**Syllabus:** Sampling; Descriptive Statistics (measures of central tendency; measures of variability; measures of relative position; exploratory data graphs); Inferential statistics (introduction to probabilities; theory of estimation; significance tests; analysis of statistical associations and correlations).

Units:

I – Sampling

II – Descriptive Statistics

III – Probability Distribution

IV – Estimation and hypothesis testing

V – Associations and correlations

### **Bibliografia básica**

AGRESTI, Alan e Barbara FINLAY. Métodos Estatísticos para as Ciências Sociais, 4ª Edição, Porto Alegre: Penso, 2012.

BARBETTA, Pedro A. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 7ª Edição, Florianópolis: UFSC, 2011.

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. 10ª Edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

### **Bibliografia complementar**

BRITO, Murilo M. Alves de. "Introdução à amostragem". In. SESC. *Métodos em pesquisa em Ciências Sociais - Bloco quantitativo*. São Paulo: Cebrap, 2016, p. 32-51.

HUFF, Darrell. How to lie with statistics. W.W. Norton & Company, Inc. New York, London, 1993.

METODOLOGIA de pesquisa em ciências sociais: "Bloco quantitativo". São Paulo: Cebrap. Sesc. Disponível em:

[https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/00\\_e-book\\_-\\_bloco\\_quantitativo](https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/00_e-book_-_bloco_quantitativo)

SOARES, Jose Francisco; FARIAS, Alfredo Alves de; CESAR, Cibele Comini. Introdução à estatística. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

---

#### 4º período

##### **Antropologia IV**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Apresentação da pluralidade paradigmática da teoria antropológica contemporânea. O curso deverá fornecer os fundamentos das práticas e da escrita antropológica suscitadas pelas seguintes vertentes: pós-modernismo; feminismo; pós-colonialismo e estudos culturais; virada ontológica e antropologia pós-social. Poderão ainda ser abordadas outras correntes influentes na disciplina nas últimas décadas.

Unidades:

- 1) Antropologia Pós-Moderna
- 2) Pós-colonialismos e estudos culturais
- 3) Feminismo
- 4) Virada ontológica e antropologia pós-social

##### **Anthropology IV**

**Syllabus:** This course provides an overview of the paradigmatic plurality within contemporary anthropological theory. It begins by examining the critiques of anthropology posed by postmodern anthropologists, feminist theory, post-colonial theory, and cultural studies, as well as the ontological turn in post-social anthropology. Additional contemporary influential currents in the discipline may also be discussed as relevant.

Units:

- 1) Postmodern Anthropology
- 2) Feminism
- 3) Post-colonialism and Cultural Studies
- 4) The Ontological Turn and Post-Social Anthropology

##### **Bibliografia básica**

Unidade 1:

Obrigatórios:

CLIFFORD, James & MARCUS, George. 2016 [1986]. A escrita da cultura: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens.

Unidade 2:

Obrigatório:

Ao menos um dos seguintes:

ASAD, Talal. 2018 [1973]. "Introdução a Anthropology and the colonial encounter", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 313-327.

HALL, Stuart. 2003. Da diáspora: identidades e mediação cultural. Belo Horizonte: UFMG.

SAID, Edward. 1990 [1978]. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.

Unidade 3:

Ao menos um dos seguintes:

ABU-LUGHOD, Lila. 2018 [1991]. "A escrita contra a cultura", *Equatorial* 5 (8): 193-226.

GONZALEZ, Lélia. 1984. "Racismo e sexismo na cultura brasileira", *Ciências Sociais Hoje* 2: 223-244.

ORTNER, Sherry. 1979 [1974]. “A mulher está para o homem assim como a natureza para a cultura?”, in: Michelle Z. ROSALDO & Louise LAMPHERE (coords.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra. pp. 95-120.

STRATHERN, Marilyn. 2011 [1989]. “Entre uma melanesianista e uma feminista”, *Cadernos Pagu* (8/9): 7-49.

Unidade 4:

Obrigatório:

Ao menos um dos seguintes:

LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: 34.

STRATHERN, Marilyn. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “O nativo relativo”, *mana* 8 (1): 113-148.

WAGNER, Roy. 2010 [1975/1981]. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

### **Bibliografia complementar**

#### Unidade 1:

CLIFFORD, James. 2014. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.

CLIFFORD, James. 2013 [1988]. “Conte-me sobre sua viagem: Michel Leiris”, *Revista de Ciências Sociais* 44 (2): 137-149.

CLIFFORD, James. 1994 [1993]. “Colecionando arte e cultura”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 23: 69-89.

FABIAN, Johannes. 2013 [1983]. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes.

FISCHER, Michael. 1984. “Da antropologia interpretativa à antropologia crítica”, *Anuário Antropológico* 83: 55-72.

MARCUS, George. 1991. “Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial”, *Revista de Antropologia* 34: 197-2214.

MARCUS, George. 1994. “O que vem (logo) depois do ‘pós-’: o caso da etnografia”, *Revista de Antropologia* 37: 7-34.

PRATT, Mary-Louise. 1999 [1992]. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc.

RABINOW, Paul. 2002. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

#### Unidade 2:

ASAD, Talal. 2010 [1993]. “A construção da religião como uma categoria antropológica”, *Cadernos de Campo* 19: 263-284.

ASAD, Talal. 2011 [2003]. “Reflexões sobre crueldade e tortura”, *Pensata* 1 (1): 164-187.

BALLESTRIN, Luciana. 2013. “América Latina e o giro decolonial”, *Revista Brasileira de Ciência Política* 11: 89-117.

BHABHA, Homi K. 2003 [1994]. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

CÉSAIRE, Aimé. 1978 [1955]. *Discurso contra o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa.

CHAKRABARTY, Dipesh. 2009 [1992]. “A pós-colonialidade e o artifício da história: quem fala em nome dos passados ‘indianos’?” (mimeo). 26 pp.

CHAKRABARTY, Dipesh. 2013 [2009]. “O clima da história: quatro teses”, *Sopro* 91: 2-22.

CHATTERJEE, Partha. 2004. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EdUFBA.

COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2001. “Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o estado pós-colonial”, *Horizontes Antropológicos* 7 (15): 57-106.

- COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2010. “Etnografia e imaginação histórica”, *Proa – Revista de Antropologia e Arte* 2 (1/2): 1-72.
- COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2014. “O retorno de Khulekani Khumalo, cativo de zumbis: impostura, lei, e paradoxos da noção de pessoa na África do Sul pós-colonial”, *Significação* 41 (42): 186-211.
- FANON, Frantz. 2008 [1952]. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA.
- FANON, Frantz. 1968 [1961]. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GILROY, Paul. 2001 [1993]. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34.
- MAHMOOD, Saba. 2006 [2005]. “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”, *Etnográfica* 10 (1): 121-158.
- MBEMBE, Achille. 2015 [2000]. “O tempo que se move”, *Cadernos de Campo* 24: 369-397.
- MBEMBE, Achille. 2001 [2000]. “As formas africanas de auto-inscrição”, *Estudos Afro-Asiáticos* 23 (1): 171-209.
- MBEMBE, Achille. 2018 [2003]. *Necropolítica*. São Paulo: n-1.
- MBEMBE, Achille. 2019 [2010]. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes.
- MIGNOLO, Walter. 2008 [2007]. “Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política”, *Caderno de Letras da UFF* 34: 287-324.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. 2013 [1988]. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde: Pedagogo.
- NKRUMAH, Kwame. 1967 [1965]. *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SCOTT, David. 2017 [1991]. “Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo”, *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 277-312.
- SPIVAK, Gayatri. 2010 [1988]. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG.
- Unidade 3:
- ABU-LUGHOD, Lila. 2012 [2002]. “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros”, *Estudos Feministas* 20 (2): 451-470.
- BUTLER, Judith. 2010 [1996]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DAS, Veena. 1999. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 14 (40): 31-42.
- DAS, Veena. 2007 [2002]. “Violência e tradução”, *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 6 (18): 435-444.
- DAS, Veena. 2011 [2007]. “O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade”, *Cadernos Pagu* 37: 9-41.
- HARAWAY, Donna. 2009 [1985]. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX”, in: Tadeu TOMAZ (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 37-129.
- HARAWAY, Donna. 1995 [1988]. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *Cadernos Pagu* 5: 7-41.
- PRECIADO, Paul B. 2017 [2002]. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1.
- ROSALDO, Michele. 1995 [1980]. “O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural”, *Horizontes Antropológicos* 1 (1): 11-36.
- RUBIN, Gayle. 2017 [1975]. “O tráfico de mulheres”, in: *Políticas do sexo*. São Paulo, UBU. pp. 9-61.

STRATHERN, Marilyn. 1995. “Necessidade de pais e necessidade de mães”, *Estudos Feministas* 3 (2): 303-330.

STRATHERN, Marilyn. 2015 [2005]. *Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa*. São Paulo: Unesp.

Unidade 4:

ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Cia das Letras.

ALMEIDA, Mauro B. 2013. “Caipora e outros conflitos ontológicos”. *R@U* 5 (1): 7-28.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify.

GELL, Alfred. 2018. [1998]. *Arte e agência*. São Paulo: Ubu.

GOLDMAN, Marcio. 2006. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos”, In: *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7Letras. pp. 13-22.

KOHN, Eduardo. 2016 [2007]. “Como os cães sonham: naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transespécies”, *Ponto Urbe* 19: 1-35.

INGOLD, Tim. 2005 [2002]. “Humanidade e animalidade”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28: 39-53.

INGOLD, Tim. 2012 [2010]. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, *Horizontes Antropológicos* 18 (37): 25-44.

INGOLD, Tim. 2015 [2011]. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições*. Petrópolis: Vozes.

LATOUR, Bruno. 2002 [1996]. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: Edusc.

LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC.

LATOUR, Bruno. 2012 [2005]. *Reagregando o social*. São Paulo: Edusc.

MOL, Annemarie. 2008 [1999]. “Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas”, in: João Arriscado NUNES & Ricardo ROQUE (orgs). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Lisboa: Afrontamento.

STENGERS, Isabelle. 2002 [1993]. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: 34.

STENGERS, Isabelle. 2018 [2007]. “A proposição cosmopolítica”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69: 442-464.

STENGERS, Isabelle. 2017 [2012]. “Reativar o animismo”, *Caderno de Leituras* 62: 1-15.

STRATHERN, Marilyn. 2006 [1988]. *O gênero da dívida*. Campinas: Unicamp.

TSING, Anna. 2015 [2012]. “Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”, *Ilha: Revista de Antropologia* 17 (1): 178-201.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Zahar.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify

WAGNER, Roy. 2010 [1974]. “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”, *Cadernos de Campo* 19: 237-257.

WAGNER, Roy. 2017 [1986]. *Símbolos que representam a si mesmos*. São Paulo: Unesp.

---

## **Política IV**

Obrigatória. Teórica. 60 horas..

**Ementa:** Parte I: Conceito de políticas públicas. A perspectiva do ciclo (agenda, deliberação, formulação, Implementação, avaliação). Principais teorias, modelos e conceitos utilizados para a análise de políticas públicas. Atores, instituições, ideias e interesses nas políticas públicas. Parte II: Estudos sobre comportamento eleitoral, cultura política e opinião pública. Conceitos de opinião pública, atitudes e cognição. Contribuições e os limites dos estudos clássicos sobre cultura política e sobre o comportamento eleitoral. Persuasão política, redes, voto econômico, sofisticação política e identificação partidária.

Unidades:

1. Conceito, ciclo e análise de políticas públicas;
2. Atores, instituições, ideias e interesses nas políticas públicas;
3. Comportamento eleitoral: Escola de Columbia, Escola de Michigan e Escolha Racional;
4. Cultura Política: cultura cívica, capital social, legitimidade e democratização.

## ***Politics IV***

**Syllabus:** Part I: The concept of public policies, focusing on the policy cycle (agenda-setting, deliberation, formulation, implementation, and evaluation). The course covers key theories, models, and concepts used in public policy analysis, with attention to the roles of actors, institutions, ideas, and interests in shaping public policy Part II: Studies on electoral behavior, political culture and public opinion. It explores concepts such as public opinion, political attitudes, and cognition, while evaluating the contributions and limitations of classical studies on political culture and electoral behavior. Topics include political persuasion, social networks, economic voting, political sophistication, and party identification.

Units

1. Concept, cycle and analysis of public policies;
2. Actors, institutions, ideas and interests in public policies;
3. Electoral Behavior: Columbia School, Michigan School and Rational Choice Theory;
4. Political Culture: civic culture, social capital, legitimacy and democratization.

## **Bibliografia básica**

### Parte I:

CAPELLA, Ana Cláudia. Perspectivas teóricas sobre o processo de formulação de políticas públicas. In: HOCHMAN, Gilberto, ARRETCHE, Marta e MARQUES, Eduardo (org.). Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

RUA, Marisa das Graças; ROMANINI, Roberta. Para aprender políticas públicas. Brasília, 2013.unidades I, V, IX, X, XIII.

SILVA, Pedro Luiz Barros e MELO, Marcus André Barreto. O processo de implementação de políticas públicas no Brasil: características e determinantes da avaliação de programas e projetos. NEPP/UNICAMP, Caderno n° 48, 2000.

SUBIRATS, Joan. Definición del problema. Relevancia pública y formación de la agenda de actuación de los poderes públicos. SARAVIA, Enrique e FERRAREZI, Elisabete (org.). Políticas Públicas. Brasília: ENAP, 2006.

### Parte II:

DAHL, Robert, (1997), Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

DALTON, Russel, McAllister, Ian & Wattenberg, Martin (2003), “Democracia e Comportamento Eleitoral nas sociedades industriais avançadas”. *Análise Social*, vol. XXXVIII (167): 295-320.

DOWNS, Anthony (1999), *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: EDUSP.

FUKS, M. e Borba, J. (2019), *Sentimentos Partidários: a recepção do debate no Brasil*.

INGLEHART, Ronald e WELZEL, Christian. (2009), *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo/Brasília: Francis/Verbena.

LAZARFELD, Paul; BERELSON Bernard; GAUDET, Hazel. 1962. *El Pueblo Elige*. Estudio del proceso de formación del voto durante una campaña presidencial. Buenos Aires: Ediciones 3.

MOISÉS, José Álvaro, (1995), *Os brasileiros e a democracia: bases sócio-políticas da legitimidade democrática*. São Paulo: Ática.

PRICE, Vicent. *La opinión pública: esfera pública y comunicación*. Barcelona: Paidós, 1994.

PUTNAM, Robert D., (1996), *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

SINGER, André. 2000. *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*. São Paulo, Edusp.

### **Bibliografia complementar**

#### Parte I:

FERES Júnior, J. CAMPOS, L. A. DAFLON, V. T. & VENTURINI, A. C. *Ação Afirmativa: conceito, história e debates*. EdUERJ, 2018.

IMMERGUT, Ellen M. *As regras do jogo: a lógica da política de saúde na França, na Suíça e na Suécia*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N° 30, ano 11, fev. de 1996.

MENICUCCI, Telma M.G. *Ruptura e continuidade: a dinâmica entre processos decisórios, arranjos institucionais e contexto político – o caso da política de saúde*. *LOCUS: Revista de história*. Juiz de Fora: Programa de Pós-graduação em História/Departamento de História, 2009 v.15, n. 02.

SCHNEIDER, Volker. *Redes de políticas públicas e a condução de sociedades complexas*. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 5. n. 1, jan.-jun. 2005

#### Parte II:

FUKS, Mario. *Explicando os efeitos de programas de socialização política: a experiência do Parlamento Jovem no Brasil*. *Opinião Pública*, v. 20, p. 425-449, 2014.

RENNÓ, L. “O Dilema do Rico: número de candidatos, identificação partidária e accountability nas eleições de 2002 para a Câmara dos deputados”. In: *Reforma política: lições da história recente*.

RENNÓ, L. e CABELLO, A. *As Bases do lulismo: A volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento?* *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 25, n. 74, 2010.

SINGER, A. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. Companhia das Letras, 2012.

## **Sociologia IV**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Abordagens transversais de temas sociológicos - Gênero; relações interétnicas e raciais; identidade; poder; educação em direitos humanos e educação ambiental. Esse componente curricular abordará teóricos mais contemporâneos da Sociologia, buscando refletir sobre os diversos temas por eles abordados.

Unidades:

A definir, considerando os autores a serem abordados.

## **Sociology IV**

**Syllabus:** Transversal approaches to sociological themes - Gender; interethnic and racial relations; identity; power; human rights education and environment education. This curricular component will address the most contemporary sociology theorists, seeking to reflect on the various themes themselves.

Units:

To be defined considering the authors to be selected.

## **Bibliografia básica e complementar**

Os docentes deverão escolher pelo menos quatro obras da lista abaixo. Uma vez cumprido esse requisito, é facultado acrescentar novos autores e obras que não constem na lista abaixo. Além disto, as obras não definidas como obrigatórias deverão ser estabelecidas como bibliografia complementar.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAVIS, Angela Y. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017.

DE SOUZA SANTOS, Boaventura. "As tensões da modernidade". Lecture at the Third Edition of the World Social Forum, 2003. Disponível em: [http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1325792284\\_As%20tens%C3%B5es%20da%20Modernidade%20-%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos.pdf](http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1325792284_As%20tens%C3%B5es%20da%20Modernidade%20-%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos.pdf)

DU BOIS William E B. As almas da gente negra. São Paulo: Lacerda, 1999.

ELIAS, Norbert; CHARTIER, Roger. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. ELSTER, Jon. Rational choice. New York, USA: New York University, 1986.

ELIAS, Norbert; RIBEIRO, Renato Janine. O processo civilizador. 2. ed. (Novo projeto). Rio de Janeiro: Zahar, 2011-. 2 v

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. Vol.1. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 26. ed. Petrópolis, (RJ): Vozes, 2002

FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala. Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil 1. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. Humanitas, 2003.

- HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da.; LOURO, Guacira Lopes. A identidade cultural na pós-modernidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano; tradução. Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à Teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA; Baurú: EDUSC, 2012.
- MILLS, Charles Wright. Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- RAMOS, Guerreiro. Introdução Crítica à Sociologia Brasileira. Rio de Janeiro, Andes, 1957.
- SARTRE, Jean Paul. Reflexões sobre o racismo. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1965
- TOCQUEVILLE, Alexis de; MAYER, J. P. O antigo regime e a revolução. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- WEBER, Marianne. Authority and autonomy in marriage.
- WEBER, Marianne. La participación de la mujer en la ciencia. La mujer y la cultura moderna. Tres ensayos. Cali: archivos del Índice, 2007.
- WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro Zahar 2005.
- Wilson, William J. When Work Disappears: the world of the new Urban poor. 1996.
-

## **Fundamentos das Pesquisas Quantitativas**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Introdução à linguagem de programação e utilização de software estatístico livre ou licenciado para a UFMG. Acesso e importação de bases de dados públicas; Organização e visualização de dados (incluindo gráficos e mapas); Associação e causalidade; Lógica experimental; Regressão linear.

Unidades:

Unidade I: Introdução à gramática do software

Unidade II: Acesso a bases de dados públicas

Unidade III: Organização de banco de dados e Elaboração de gráficos e mapas

Unidade IV: Análise de associação, causalidade e lógica experimental

Unidade V: Análise de regressão linear

### ***Fundamentals of Quantitative Research***

**Syllabus:** Introduction to programming language and use of free (or licensed for UFMG) statistical software. Accessing and importing public databases; Organization and visualization of data (including graphs and maps); Association and causality; Experimental logic; Linear regression.

Units:

Unit I: Introduction to software grammar

Unit II: Access to public databases

Unit III: Database organization, graphing and mapping

Unit IV: Association analysis, causality, and experimental logic

Unit V: Linear Regression Analysis

### **Bibliografia básica**

AGRESTI, Alan e Barbara FINLAY. Métodos Estatísticos para as Ciências Sociais, 4ª. Edição, Porto Alegre: Penso, 2012.

GUJARATI, Damodar. Econometria básica. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

MINGOTI, Sueli Aparecida. Análise de Dados Através de Estatística Multivariada: uma Abordagem Multivariada. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

### **Bibliografia complementar**

AQUINO, Jackson A. de. R para cientistas sociais. Ilheus, Bahia: Ed. Da UESC, 2014.

BABBIE, E. Métodos de Pesquisa em Survey. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

BARBETTA, Pedro A. Estatística aplicada às Ciências Sociais. 7ª. Edição, Florianópolis: UFSC, 2011.

DAMIANI, Athos; MILZ, Beatriz; LENTE, Caio; FALBEL, Daniel; CORREA, Fernando; TRECENTI, Julio; LUDUVICE, Nicole; AMORIM, William. Ciência de dados em R: curso R. Disponível em: <https://livro.curso-r.com/>

KELLSTEDT, Paul M.; WHITTEN, Guy D. Fundamentos da pesquisa em ciência política. Editora Blucher, 2015.

METODOLOGIA de pesquisa em ciências sociais: “Bloco quantitativo”. São Paulo: Cebrap. Sesc. Disponível em:

[https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/00\\_e-book\\_-\\_bloco\\_quantitativo](https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/00_e-book_-_bloco_quantitativo)

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. 10ª. Edição, Rio de Janeiro: LTC, 2008.

## **Extensão em Antropologia**

Obrigatória. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática).

**Ementa:** Formação em extensão universitária em Ciências Sociais por meio de abordagens que considerem o conhecimento em Antropologia como mecanismo de reflexão e atuação educativa, cultural, científico-pedagógica e política entre a universidade e a sociedade, incluindo as instituições de ensino. Participação ativa em atividades e projetos de caráter extensionista (pesquisa-ação, intervenção, cursos, capacitações e ações educativas, oficinas, eventos, prestações de serviços, parcerias com outros setores sociais etc.). Extensão e Educação Básica.

Unidades:

I. O que é extensão em Antropologia?

II. Extensão em Antropologia

III. Projeto da disciplina (fundamentos teóricos e proposta prática)

### ***Extension in Anthropology***

**Syllabus:** This course focuses on university extension in Social Sciences through approaches that regard Anthropological knowledge as a mechanism for reflection and educational, cultural, scientific-pedagogical, and political engagement between the university and broader society, including teaching institutions. It emphasizes active participation in extension activities and projects, including action research, interventions, courses, training sessions, educational activities, workshops, events, service provision, and partnerships with various social sectors. Extension and elementary education.

Units:

I: Understanding extension in Anthropology

II: Implementation of extension activities in Anthropology

III: Course Project (theoretical foundations and practical proposals)

### **Bibliografia básica**

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. Instituto Paulo Freire, v. 15, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras-FORPROEX. Manaus: 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>

---

## 5º período

### Fundamentos das Pesquisas Qualitativas

Obrigatória. Teórico-prática. 90 horas (60h teórica, 30h prática).

**Ementa:** Métodos qualitativos em Ciências Sociais, com foco em etnografia e observação participante. Aspectos epistemológicos, metodológicos, técnicos, teóricos e éticos que envolvem o trabalho de campo, abordando reflexões sobre: observação participante; entrevistas (abertas e semiestruturadas), história oral e história de vida; registro audiovisual; escrita e produção etnográfica; descrição e comparação. Prática de pesquisas qualitativas em contextos formativos.

Unidades:

- 1) Etnografia e observação participante: ética, autoria e autoridade
- 2) Escritas e registros: diário de campo, descrições etnográficas, produção audiovisual
- 3) Diálogo e interação comunicativa: entrevistas (abertas e semiestruturadas), história oral, história de vida e memória
- 4) Descrição, representação, comparação

### *Fundamentals of Qualitative Research*

**Syllabus:** This course covers qualitative methods in Social Sciences, with a focus on ethnography and participant observation. It addresses epistemological, methodological, technical, theoretical, and ethical aspects involved in fieldwork, including reflections on participant observation, interviews (both open and semi-structured), oral history, life history, audiovisual documentation, and ethnographic writing and production. The course also emphasizes qualitative research practices in formative contexts.

Units:

- 1) Ethnography and participant observation: ethics, authorship, and authority
- 2) Writing and records: field diaries, ethnographic descriptions, and audiovisual products
- 3) Dialogue and communicative interaction: non-directive and semi-structured interviews, oral history, life history, and memory
- 4) Description, representation, and comparison

### Bibliografia básica

#### Unidade 1:

*Ao menos dois dos textos abaixo*

ALBERT, Bruce. 2014 [1997]. “‘Situação etnográfica’ e movimentos étnicos: notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano”, *Campos* 15 (1): 129-144.

CLIFFORD, James. 1983 [1998]. “Sobre a autoridade etnográfica”, in: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no séc. XX*. Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 17-62. \*

DAMATTA, Roberto, 1978. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”, in E. O. NUNES (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 23-35.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa”, in: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). pp. 17-34.

#### Unidade 2:

*Ao menos dois dos textos abaixo*

ATTANÉ, Anne & LANGEWIESCHE, Katrin. 2005. “Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 21 (2): 133-51.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George.; GUARESCHI, Pedrinho A. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", *Revista de Antropologia* 39 (1): 13-37.

CUNHA, Olívia M. G. 2005. "Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos", *Estudos Históricos* 36: 7-32.

INGOLD, Tim. 2015. "O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção", *Horizontes Antropológicos* 44: 21-36.

#### Unidade 3:

*Ao menos dois dos textos abaixo*

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LE VEN, Michel; FARIA, Érica de & MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. 2007. "História oral de vida: o instante da entrevista", in: O. R. M. VON SIMSOM. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Unicamp.

MEAD, Margareth. 1971 [1949]. "O significado das perguntas que fazemos" e "Como escreve um antropólogo", in: Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes. pp. 21-53

POLLAK, Michel. 1989. "Memória, esquecimento e silêncio", *Estudos Históricos* 2 (3): 3-15.

REVEL, Jacques. 2010. "Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado", *Revista Brasileira de Educação* 15 (45): 434-444.

THOMPSON, Paul. 2002. "História oral e contemporaneidade", *Revista da Associação Brasileira de História Oral* 5: 9-28.

WEBER, Regina. 1996. "Relatos de quem colhe relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais", *Dados* 39 (1): 163-183.

WHITAKER, D.C. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: *Cadernos de Campo*. PPGS. FCL-UNESP/Araraquara.

WHITAKER, Dulce C. A. Análise de entrevistas em pesquisas com história de vida. *Cadernos CERU*. Série 2, nº 11, 2000.

#### Unidade 4:

*Ao menos dois dos textos abaixo*

AGIER, Michel. 2015. *Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação*. São Paulo: Unesp.

BOURDIEU, Pierre. 2008 [1993]. "Compreender", in: Pierre BOURDIEU (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes. pp. 693-732.

BECKER, Howard. 1993 [1992]. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.

BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 308p.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Série *Antropologia*, n. 130. Brasília: UnB, 1992.

URIARTE, Urpi. "O que é fazer etnografia para os antropólogos", *Ponto Urbe*, 11, 2012.

WRIGHT-MILLS, Charles. 1975 [1959]. "Do artesanato intelectual", in: *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp; 211-244.

### **Bibliografia complementar**

#### Unidade 1:

BOHANNAN, Laura. 1966. "Shakespeare entre os Tiv". (Mimeo). 5 pp.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1995. "O lugar (e em lugar) do método", *Série Antropologia* 190: 14 pp.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", *Revista de Antropologia* 39 (1): 13-37.

- EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1976]. “Apêndice IV: algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo”, in: *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 243-255.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990]. “Ser afetado”, *Cadernos de Campo* 13: 155-161.
- FONSECA, Claudia. 2008. “O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”, *Teoria e Cultura* 2 (1/2): 39-53.
- FOOTE-WHYTE, William. 1975 [1943]. “Treinando a observação participante”, in: Alba ZALUAR (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp.77-86.
- GOLDMAN, Marcio. 2006. “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”, *Etnográfica* 10 (1):
- GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 149 a 153, 2005.
- INGOLD, Tim. 2015 [2011]. “Antropologia não é etnografia” in: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições*. Petrópolis: Vozes. pp. 327-247.
- LATOURET, Bruno. 2001 [1999]. “Referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica”, *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC. pp. 39-96.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Etnografia como prática e experiência*. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre Ed. UFRGS. p. 129 a 156.
- OLIVEIRA Filho, João Pacheco. 1999. “Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna”, in: *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 60-99.
- PEIRANO, Mariza. 2014. “Etnografia não é método”, *Horizontes Antropológicos* 20 (42): 377-391.
- WOLF, Eric. 2003. “Trabalho de campo e teoria”, in: FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*. Brasília: UnB. Pp 345-360.
- Unidade 2:
- BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. 1985 [1946]. *Balinese character: a photographic Analysis*. New York: NY Academy of Sciences.
- CESARINO, Leticia. 2014 “Uma antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira”, *Horizontes Antropológicos* 10 (41): 19-50.
- KUSCHNIR, Karina. 2014. “Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa”, *Cadernos de Arte e Antropologia* 3 (2): 23-46.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O [velho e bom] caderno de campo*. Sexta-Feira, São Paulo, n. 1, p. 8-11, 1997.
- MALINOWSKI, B. (n.d.). *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record.
- MARCUS, George. 2001. [1995] “Etnografía en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografía multilocal”, *Alteridades* 11 (22): 111-127.
- MARCUS, George. 2018 [2011]. “Etnografía multissituada: reacciones y potencialidades de un ethos del método antropológico durante las primeras décadas de 2000”, *Etnografías Contemporáneas* 4 (7): 177-195.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. 2004. “Etnografía on e off-line: cibercafés em Trinidad”, *Horizontes Antropológicos* 10 (21): 41-65.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 2008. “Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico”, *Mana* 14 (2): 455-457.\* ROUCH, Jean. 1958. *Moi, un noir*. Fra, 73 min.
- PINNEY, Christopher. 1996. “A história paralela da antropologia e da fotografia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 2: 29-52. NOVAES, Sylvia Caiuby. 2014. “O silêncio eloquente das

imagens fotográficas e sua importância na etnografia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 3 (2): 57-67.

Unidade 3:

ALBERTI, Verena. 2006. “Histórias dentro da História”, in Carla Bassanezi PINSKY (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto. pp. 155-202.

BOSI, Ecléa. 1987. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras.

FOUCAULT, Michel. 2006 [1977]. “A vida dos homens infames”, in: *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. pp. 203-222.

FROCHTENGARTEN, Fernando. 2009. “A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho”, *Psicologia USP* 20(1): 125-38.

HALBWACHS, Maurice. 1968 [1950]. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro

MINTZ, Sidney. 1984. “Encontrando Taso, me descobrindo”, *Dados* 27 (1): 45-57.

NEVES, Lucília de Almeida. 2006. “História oral, narrativas, tempo, identidades”, in: *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 33-44.

POLLAK, Michel. 1992. “Memória e identidade social”, *Estudos Históricos* 5 (10): 200-212.

PORTELLI, Alessandro. 1998. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1994): mito, política, luto e senso comum” (mimeo.). 25pp.

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. “Etnografia no ciberespaço como ‘repovoamento’ e explicação”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 21 (90): 85-98.

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. “Etnografia no ciberespaço como ‘repovoamento’ e explicação”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 21 (90): 85-98.

TREBITSCH, Michel. 1994. “A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea”, in: Marieta MORARES (org.). *História oral*. RJ: Diadorim/Finep. pp. 19-43.

TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: huya.

Unidade 4:

BOURDIEU, Pierre. 1989. “Introdução a uma sociologia reflexiva”, in: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. pp. 17-58.

STRATHERN, Marilyn. 2014 [1999]. “O efeito etnográfico”, in: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. pp.345-405.

ECO, Umberto. 1977 [2016]. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. São Paulo, Perspectiva (Coleção Estudos).

GINZBURG, Carlo. 1989 [1986]. “sinais: raízes de um paradigma indiciário”, in: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 143-180.

VELSEN, J. Van. *A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado*. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. Feldman-Bianco (Org.). São Paulo: Unesp, 2010.

SAEZ, Oscar Calavia. “O lugar e o tempo do objeto etnográfico”, *Etnográfica*, vol. 15 (3) | 2011, Online desde 23 outubro 2011, consultado em 01 julho 2021.

SÜSSEKIND, Felipe. 2018. “Sobre a vida multiespécie”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69: 159-178.

TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB.

## **Filosofia da Ciência e Epistemologia**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** O propósito do curso é desenvolver a reflexão a respeito de questões filosóficas relativas ao conhecimento em geral e ao conhecimento específico, em particular. Tais questões dizem respeito primordialmente aos modos de constituição e fundamentação dos diversos tipos de conhecimento, ressaltando, neste contexto, as peculiaridades do conhecimento científico. Nesta discussão terá lugar de destaque a questão referente ao estatuto próprio das ciências humanas em oposição às ciências da natureza. O objetivo central é, então, o de explicitar os pressupostos filosóficos presentes tanto na prática científica quanto nos discursos de legitimação do saber da ciência.

Unidades:

Introdução

1. Formas e níveis de conhecimento
2. A revolução científica do século XVII e o problema do conhecimento na modernidade
3. A filosofia ortodoxa da ciência: empirismo, indutivismo, positivismo
4. Problemas com a filosofia ortodoxa da ciência
5. A especificidade das ciências humanas e sociais
6. O estatuto científico das Ciências Sociais

### ***Philosophy of Science and Epistemology***

**Syllabus:** The purpose of the course is to develop reflection on philosophical issues related to knowledge, in general, and specific knowledge, in particular. Such questions primarily concern the ways of constitution and foundation of different types of knowledge, highlighting, in this context, the peculiarities of scientific knowledge. In this discussion, the issue regarding the status of human sciences in opposition to natural sciences will be highlighted. The main objective is, therefore, to make explicit the philosophical assumptions present both in scientific practice and in the discourses of legitimizing the knowledge of science.

Units:

Introduction

1. Forms and levels of knowledge
2. The scientific revolution of the 17th century and the problem of knowledge in modernity
3. The orthodox philosophy of science: empiricism, inductivism, positivism
4. Problems with the orthodox philosophy of science
5. The specificity of human and social sciences
6. The scientific status of the Social Science

### **Bibliografia básica**

ADORNO, T. Sobre a lógica das ciências sociais. In G. Cohn (org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ed Ática, 1986, p. 46-61.

ARISTÓTELES. Metafísica. Livro I. Cap. 1 e 2. Trad. Vincenzo Cocco. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

CHALMERS, A. F. I. Indutivismo: ciência como conhecimento derivado dos dados da experiência. In O Que é a Ciência, Afinal? Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 23-35.

CHALMERS, A. F. I. O problema da indução. In O Que é a Ciência, Afinal? Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 36-45.

- DUHEM, P. Salvar os fenômenos. Ensaio sobre a noção de teoria física de Platão a Galileu (1. A ciência helênica), *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Série 1, Suplemento 3, 1984, p. 7-22.
- HABERMAS, J. Conhecimento e Interesse. In *Textos Escolhidos. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 291-302.
- HANSON, N. R. Observação e Interpretação. In S. MORGENBESSER (org.) *Filosofia da Ciência*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1979, p.125-138.
- KOYRÉ, A. “As etapas da Cosmologia Científica”. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Trad. Marcio Ramalho. Brasília: Ed. UnB; Forense, 1982, p. 80-90.
- KOYRÉ, A. “Galileu e a Revolução Científica do Século XVII”. In *Estudos de História do Pensamento Científico*. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Forense-Universitária/UnB, 1982, p. 181-196.
- KUHN, T. “Posfácio – 1969”. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- KUHN, T. *Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa?* In I. LAKATOS & A. MUSGRAVE (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 5-32.
- LATOURETTE, B. A historicidade das coisas. Por onde andavam os micróbios antes de Pasteur? In *A Esperança de Pandora. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Trad. Gilson Cardoso de Souza. Baurur: EDUSC, 2001, p.169-200.
- LONGINO, H. Values and Science. In *Science as Social Science*. Princeton : Princeton University Press, 1990, p. 83-102.
- MATTOS, P. L. C. L. Administração é Ciência ou Arte? O que podemos aprender com este mal-entendido? *Revista de Administração de Empresas*, v. 49, n. 3, jul./set. 2009, 349-360.
- NEURATH, Otto et al., “A Concepção Científica do Mundo - O Círculo de Viena”, in *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 10, 1986.
- PLATÃO. *Teeteto* (fragmentos: 151e-152c; 161c-e; 171a-172c; 184e-185e). Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2001.
- POPPER, K. “Ciência: Conjecturas e Refutações”. *Conjecturas e refutações*. Trad. Sergio Bath. Brasília: Ed. UnB, 1994, p. 63-88.
- POPPER, K. *A lógica das ciências sociais*. In *Lógica das Ciências Sociais*. Trad. Estevão Martins et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, 3a ed., p. 13-34.
- SEIRAFI, K. *From a Theory of Organizational Knowledge to an Organizational Epistemology*. In *Organizational Epistemology: Understanding Knowledge in Organizations*. Berlin: Springer-Verlag, 2013, p. 93-104.

### **Bibliografia complementar**

- AYER, J.A. *Logical Positivism*, New York: The Free Press, 1959.
- BURTT, E. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Brasília: UnB, 1983.
- BUTTERFIELD. *Las origines de la ciencia moderna*. Madrid: Taurus, 1982.
- CHALMERS, A. *O que é a ciência, afinal?* Trad. Raul Filker, Brasília: Editora Brasiliense, 1993.
- DUTRA, Luiz Henrique. *Introdução à Teoria da Ciência*, Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.
- FEYERABEND, P. "Realismo e Historicidade do Conhecimento", trad. Cecília Prada e Marcelo Rouanet, *A conquista da abundância*, São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2005, p. 179-189.
- FEYERABEND, P. *Adeus à razão*, trad. Vera Joscelyne, São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Editora Unesp; 2ª edição, 2011.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Tradução de Octanny S. da Mata, Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: 1985. (Cap. XIV e XV).

- KOYRÉ, A. Do mundo fechado ao universo infinito, Forense Universitária, 4ª edição, 2006.
- KOYRÉ, A. Estudos de história do pensamento científico. Rio de Janeiro: Forense-Universitária/UnB, 1982.
- KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas, trad. V. B. Boeira, São Paulo: Perspectiva, 1987
- KUHN, T. A função do dogma na investigação científica, Tradução de Jorge Dias de Deus. Curitiba: UFPR; SCHLA, 2012.
- LAKATOS, I. & A. MUSGRAVE (org.). A crítica e o desenvolvimento do conhecimento. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LATOUR, B. Políticas da natureza. Como fazer ciência na democracia, trad. Carlos Aurélio Mota de Souza, Bauru: Edusc, 2004.
- LATOUR; B. A Esperança de Pandora. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Trad. Gilson Cardoso de Souza. Bauru: EDUSC, 2001.
- LOSEE. J. Intr. histórica à filosofia da ciência, cap. 6, trad. Borisas Cimblaris. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979.
- METZGER, H. La Méthode philosophique en histoire des sciences. Textes 1914-1939, réunis par Gad Freudenthal, Paris: Fayard, 1987.
- ONGARO, E. Philosophy and public administration Cheltenham Edward Elgar Publishing, 2020.
- PAVIE, X., SCHOLTEN, V., CARTHY, D. Responsible innovation : from concept to practice. Singapura: World Scientific Publishing, 2014.
- POPPER, K. Conhecimento Objetivo, trad. Milton Amado, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999.
- POPPER, K. Conjecturas e Refutações, trad. Sérgio Bath, 2ª edição, Brasília: UnB, 1982.
- STENGERS, I. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima, trad. Eloisa Araújo Ribeiro, Cosacnaify, 2015.
- WESTFALL, R. La construcción de la ciencia moderna. Barcelona: Labor, 1980.
-

## 6º período

### **Redação e Divulgação Científica**

Obrigatória. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Revisão bibliográfica (narrativa, integrativa, sistemática e com metadados), tipos de redação científica (resumo, paper, poster, relatório, TCC, monografia) e plágio, ética e formas de devolutiva, meios de divulgação de pesquisa, formatação de bibliografia (com uso de software). Prática de educação científica.

Unidades:

- I – Tipos de revisão bibliográfica e como fazer
- II – Modalidades de redação científica e plágio
- III – Ética e formas de devolutiva
- IV – Divulgação científica
- V – Formatação de bibliografia nos textos acadêmicos

### **Scientific Writing and Dissemination of Science**

**Syllabus:** Bibliographic review (narrative, integrative, systematic and with metadata), types of scientific writing (abstract, paper, poster, report, TCC, senior thesis) and plagiarism, ethics, and forms of feedback, means of research dissemination, bibliography formatting (using software).

Units:

- I – Types of bibliographic review and how to do it
- II – Modalities of scientific writing and plagiarism
- III – Ethics and forms of feedback
- IV – Scientific dissemination
- V – Formatting bibliography in academic texts

### **Bibliografia básica**

BECKER, Howard S. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015.

CLIFFORD, James e MACUS, Georg (org) A escrita da cultura. Poética e Política da etnografia. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

DINIZ, Debora. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres. 2012, 108 pp.

DINIZ, Debora; TERRA, Ana. Plágio: palavras escondidas. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2014.

STRATHERN, Marilyn. Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, Cortez. 1986.

WHITE, Willian Foot (2005). Sociedade de esquina, Rio de Janeiro: Zahar. (Anexo)

### **Bibliografia complementar**

BECKER, Howard S. Segredos e Truques da Pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ECO, Umberto (2007). Como se faz uma tese em Ciências Humanas? 14 ed. Rio de Janeiro: Presença.

[http://www.mnemos.unir.br/uploads/13131313/arquivos/ECO\\_Umberto\\_1704029319.pdf](http://www.mnemos.unir.br/uploads/13131313/arquivos/ECO_Umberto_1704029319.pdf)

MORIN, André. Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada. Tradução Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. Educ. Pesqui. [online]. 2005, vol.31, n.3 [cited 2020-10-29], pp.483-502.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas*, Curitiba, Ed. UFPR, 2018. 239 pp.

---

## 7º período

### **Extensão em Ciência Política**

Obrigatória. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática).

**Ementa:** Formação em extensão universitária em Ciências Sociais por meio de abordagens que considerem o conhecimento em Ciência Política como mecanismo de reflexão e atuação educativa, cultural, científico-pedagógica e política entre a universidade e a sociedade, incluindo as instituições de ensino. Participação ativa em atividades e projetos de caráter extensionista (pesquisa-ação, intervenção, cursos, capacitações e ações educativas, oficinas, eventos, prestações de serviços, parcerias com outros setores sociais etc.). Extensão e Educação Básica.

Unidades:

I: O que é extensão em Ciência Política?

II: Extensão em Ciência Política

III: Projeto da disciplina (fundamentos teóricos e proposta prática)

### ***Extension in Anthropology***

**Syllabus:** This course focuses on university extension in Social Sciences through approaches that regard Political Science knowledge as a mechanism for reflection and educational, cultural, scientific-pedagogical, and political engagement between the university and broader society, including teaching institutions. It emphasizes active participation in extension activities and projects, including action research, interventions, courses, training sessions, educational activities, workshops, events, service provision, and partnerships with various social sectors. Extension and elementary education.

Units:

I: Understanding extension in Political Science

II: Implementation of extension activities in Political Science

III: Course Project (theoretical foundations and practical proposals)

### **Bibliografia básica**

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. Instituto Paulo Freire, v. 15, 2017.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras-FORPROEX. Manaus: 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>

### **Bibliografia complementar**

GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p.

MUDIMBE, Valentin Yves. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PEREIRA, Ana Cláudia Pacheco. Intelectuais Negras Brasileiras: Horizontes Políticos. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

### **Monografia – Projeto**

Obrigatória. Teórico-prática. 90 horas (60h teórica, 30h práticas).

**Ementa:** Elaboração de projeto de pesquisa (bibliográfica, empírica) em articulação com o arcabouço teórico e metodológico obtido ao longo do curso de Ciências Sociais.

Unidades:

Unidade I: Estrutura do projeto

Unidade II: Seleção e revisão bibliográfica

Unidade III: Definição de metodologia

### **Senior Thesis**

**Syllabus:** Preparation of a research project (bibliographic, empirical) in conjunction with the theoretical and methodological framework obtained throughout the course in Social Sciences.

Units:

Unit I: Project Structure

Unit II: Selection and bibliographic review

Unit III: Methodology definition

### **Bibliografia básica**

BECKER, Howard S. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015.

LVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira. 2001.

### **Bibliografia complementar**

DIAS, Donaldo de Souza; Silva, Mônica F. da. (2009) Como escrever uma monografia. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD. 72 p.

[https://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/384\\_completo.pdf](https://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/384_completo.pdf)

SMITH, Linda Tuhiwai. Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas, Curitiba, Ed. UFPR, 2018. 239 pp.

---

<b>8º período</b>
-------------------

**Monografia – Defesa**

Obrigatória. Teórico-prática. 90 horas (60h teórica, 30h práticas).

**Ementa:** Elaboração e defesa de Monografia resultante de projeto de pesquisa (bibliográfica, empírica) em articulação com o arcabouço teórico e metodológico obtido ao longo do curso de Ciências Sociais.

***Senior Thesis Defense***

**Syllabus:** Elaboration and defense of the Monograph resulting from a research project (bibliographic, empirical) in conjunction with the theoretical and methodological framework obtained throughout the Social Sciences course.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

---

## **Apêndice B1: Ementário de Disciplinas Optativas do Curso de Ciências Sociais**

Análise de Políticas Públicas.....	120
Antropologia Brasileira.....	122
Antropologia das Artes e das Visualidades.....	124
Antropologia da Religião e da Magia.....	126
Estudos da Ciência e da Técnica.....	128
Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território.....	131
Estudos de Gênero.....	135
Estudos de Parentesco.....	138
Estudos sobre o Estado, Desenvolvimento e Poder.....	139
Etnologia Indígena.....	141
Fundamentos da Pesquisa Etnográfica.....	142
Fundamentos de Libras.....	145
Instituições Políticas Comparadas.....	146
Laboratório de Extensão.....	149
Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos.....	150
Patrimônio Cultural.....	152
Política Educacional.....	153
Psicologia da Educação.....	157
Raça e Etnicidade.....	159
Tópicos Avançados A.....	161
Tópicos Avançados B.....	162
Tópicos Avançados C.....	163
Tópicos Avançados D.....	164
Tópicos Avançados em Sociologia.....	165
Tópicos em Antropologia.....	166
Tópicos em Arqueologia.....	167
Tópicos em Demografia.....	168
Tópicos em Ensino A.....	169
Tópicos em Ensino B.....	170
Tópicos em Ensino C.....	171
Tópicos em Ensino D.....	172
Tópicos em Extensão em Antropologia.....	173
Tópicos em Extensão em Política.....	174
Tópicos em Extensão em Sociologia.....	175
Tópicos em Gestão da Educação.....	176
Tópicos em Metodologia.....	177

Tópicos em Política.....	178
Tópicos em Processo de Ensino.....	179
Tópicos em Sociologia.....	180

## **Análise de Políticas Públicas**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Ciclo formação políticas públicas (agendas, deliberação, formulação, Implementação, avaliação). Ambientes institucionais, processos. Policy community, formação redes implementadores políticas públicas, dinâmica setor público. Integração, intersectorialidade, coordenação horizontal políticas.

### ***Public Policy Analyses***

#### **Syllabus:**

The public policy cycle (agendas setting, deliberation, formulation, implementation, evaluation), examination of institutional environments and processes in policy-making. Analysis of policy communities and the establishment of networks among public policy implementers, exploring dynamics within the public sector. Discussion of integration, intersectoral collaboration, and horizontal policy coordination.

#### **Bibliografia básica**

CALMON, P., BARCELOS, C. L. K. Decisões Alocativas no Setor Público: organizando o Mosaico das Proposições Teóricas com o Auxílio de Lentes Conceituais – Um Ensaio Exploratório. EnAPG, 2010.

CALMON, P., PEDROSO, M. Incidência de Custos Transacionais em Programas do Ministério da Saúde: Um Estudo de Caso Sobre as Avaliações do Plano Plurianual (PPA). EnANPAD, 2008.

PEDROSO, M., BANDEIRA, L., LUCENA, R. Eficiência Relativa do SUS na Gestão Descentralizada da Política Nacional de Procedimentos Cirúrgicos Eletivos de Média Complexidade. Anais do EnAPG, 2010.

#### **Bibliografia Complementar**

ALLISON, GRAHAM e PHILIP ZELIKOW. Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis. SECOND EDITION. New York: Longman, 1999.

AMORIM, Ricardo L. C., CAMPOS André Gambier e GARCIA, Ronaldo Coutinho (editores), BRASIL: o estado de uma nação – Estado, crescimento e desenvolvimento: a eficiência do setor público no Brasil, 2007. Brasília: IPEA, 2008. (Capítulo 3 – Estado e Política Social)

BAZERMAN, Max. Processo Decisório. São Paulo: Editora Campus, 2004.

BENDOR, Jonathan e HAMMOND, Thomas. “Rethinking Allison’s Models”. American Political Science Review, 1992, 86, 2, pp.301-322.

BENDOR, Jonathan, MOE, Terry e SHOTS, Kenneth. “Recycling the Garbage Can: An Assessment of the Research Program.” American Political Science Review, 2001, 95, 1, pp.169-190.

CALMON, Paulo. Análise Política (Notas de Aula). Mimeografado.

CALMON, Paulo du Pin, “Análise de Políticas Públicas - Um texto introdutório” (Versão Preliminar), Universidade de Brasília/ Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas. 04/99

ESPINO, JOSÉ AYALA. *Instituciones y Economia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1999.

FERREIRA, H., CASSIOLATO, M., GONZALEZ, R. *Como Elaborar Modelo Lógico de Programa: um roteiro básico*. Nota Técnica. Disoc/ IPEA, 2007.

FROHLICH, Norman e OPPENHEIMER, Joe. *Economia Política Moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978

GIACOMONI, James e PAGNUSSAT, José Luiz (org.). *Planejamento e Orçamento Governamental (Coletânea, volumes 1 e 2)*. Brasília: ENAP, 2006.

HAMMOND, John, et alli. *Decisões Inteligentes*. São Paulo: Editora Campus, 2004.

MARCH, JAMES. *A Primer on Decision Making*. New York: The Free Press, 1994.

OLSEN, Johan. “Garbage Cans, New Institutionalism, and the Study of Politics”. *American Political Science Review*, 2001, 95, 1, pp. 191-198.

SARAVIA, Enrique e FERRAREZI, Elisabete. *Políticas Públicas (Coletânea, volumes 1 e 2)*. Brasília: ENAP, 2006.

TVERSKY, Amos e KAHNEMAN, Daniel. “The Framing of Decisions and the Psychology of Choice”. *Science*, vol. 211, 30 January 1981, 453-458.

WEISS, Carol H.. *Evaluation*. 2th Edition. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1998.

WORTHEN, Blaine et alli. *Avaliação de Programas Governamentais: Concepções e Práticas*. São Paulo: EDUSP, 2004.

ZAHARIADIS, Nikolaos. “Ambiguity, Time and Multiple Streams”. In: *Theories of the Policy Process*. Edited by Paul A Sabatier, New York: Westview Press, 1999.

## **Antropologia Brasileira**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Apresentação e discussão de estudos antropológicos feitos no Brasil, sobre o Brasil, e por antropólogos e antropólogas brasileiras. Devem ser abordados os principais estilos e temas desenvolvidos pela disciplina e seus antecedentes no país. Num plano secundário, poderá também ser investigada a relação entre a história da Antropologia e as ideologias da identidade nacional construídas durante os séculos XIX e XX. A disciplina aborda temas que passam pela educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

### ***Brazilian Anthropology***

**Syllabus:** An introduction to, and debates about, anthropological studies conducted in Brazil, about Brazil, and authored by Brazilian anthropologists. The course will engage with the main styles and themes developed in the country by the discipline and its forerunners. Additionally, the course may explore the relationship between the history of anthropology and the ideologies of national identity formed in the 19th and 20th centuries. It also addresses topics related to education, ethnic-racial relations, and the teaching of Afro-Brazilian, African, and Amerindian history and culture.

### **Bibliografia básica**

ALBERT, Bruce. "O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica à economia política da natureza.". In: *Pacificando o Branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. Bruce Albert & Alcida Rita Ramos (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, 2009. "Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito". In: *Emilia Pietrafesa de Godoi; Marilda Aparecida de Menezes; Rosa Acevedo Marin (org.), Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora UNESP, v. 2.

BANIWA, Gersem Luciano, 2019. "A Antropologia Colonial no caminho da antropologia indígena". *Novos Olhares Sociais*, V.2, n. 1: 22-40.

CANDIDO, Antonio, 1982[1964]. *Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1996. "Introdução: a noção de fricção interétnica" & "A empresa e o índio". In: *O índio e o mundo dos brancos*. Campinas: Editora da Unicamp.

CARNEIRO, Ana, 2015. *O povo parente dos Buracos: sistema de prosa e mexida de cozinha*. Rio de Janeiro: E-Papers.

### **Bibliografia Complementar**

CORREA, Célia Nunes, 2018. *O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xacriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. Capítulo 2, pp. 64-111.

CORRÊA, Mariza, 2001. "Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal". *Cadernos Pagu* (16): 13-30.

- \_\_\_\_\_, 2011. O mato & o asfalto: campos da Antropologia no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, v. 01.01, pp. 209-229, 2011.
- COSTA, R. G. Doação de sêmen e classificação étnico-racial no Brasil. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) *Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2012.
- FERNANDES, Florestan, 1978 [1964]. “Heteronomia racial na sociedade de classes”. In: *A integração do negro na sociedade de classes*, vol.1. São Paulo: Ática.
- FREYRE, Gilberto, 2000 [1933]. “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro”. In: *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- GONZALES, Lélia. 1984. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Ciências Sociais Hoje*, 2: 223- 44.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. 1954. “O problema do negro na sociologia brasileira”, *Nosso Tempo* 2(2): 189-220.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, 1995 [1936]. “O homem cordial” “Novos Tempos”; “Nossa Revolução”. In: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MACHADO, Lia Zanotta, 2014. “Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia”. *Cadernos pagu* (42):13-46.
- LUNA, Naara, 2017. “A criminalização da “ideologia de gênero”: uma análise do debate sobre a diversidade sexual na Câmara dos deputados em 2015. *Cadernos Pagu* (50).
- MUNANGA, Kabengele, 2017. “As ambiguidades do racismo à brasileira”. In: KON, Noemi Moritz, DA SILVA, Maria Lúcia & ABUD, Cristiane Curi, *O Racismo e o Negro no Brasil – Questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- NOGUEIRA, Oracy, 1954 [1985]. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. In: *Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- PEIRANO, Mariza. 1999. “A antropologia no Brasil (alteridade contextualizada)”. In: Miceli, Sérgio. (org.), *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995): Antropologia*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS. p. 225-66.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (1976) “O sitiante brasileiro e o problema do campesinato” In: *O Campesinato Brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- RAMOS, Alcida, 1990. “Vozes indígenas: o contato vivido e contado”. *Anuário Antropológico/87*. RIBEIRO, Darcy, 1995. “Classe, cor e preconceito” (páginas 208-227); “Assimilação ou segregação” (páginas 228-244); “Transfiguração Étnica” (páginas 257-265); “As dores do Parto e Confrontos” (páginas 447-455). In: *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto & VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 1979. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, *Boletim do Museu Nacional*, N. S. 32:2-19.

## **Antropologia das Artes e das Visualidades**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Fundamentos de antropologia da arte por meio de uma visão comparativa das principais expressões artísticas em diferentes sociedades. O lugar das imagens como elemento constitutivo da expressão e da narrativa etnográfica. Problematização e alargamento do estatuto da visualidade – desenhos, fotografias, filmes, hipermídia, artefatos – no pensar e no fazer antropológico.

### ***Anthropology of arts and visualities***

**Syllabus:** Fundamentals of the anthropology of art through a comparative view of major artistic expressions in different societies. The role of images as constitutive elements of expression and ethnographic narrative. Examining and expanding the status of visibility in anthropological thought and practice—drawings, photographs, films, hypermedia, artifacts.

### **Bibliografia básica**

DE FRANCE, Claudine. “A antropologia filmica: uma gênese difícil mas promissora”. In Claudine de France (org.), *Do filme etnográfico a antropologia filmica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

GELL, Alfred. “Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte.” In: *Arte e Agência*. 1998.

LAGROU, Elsjé Maria. *Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio*. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 093-113, jan. 2003 156

LATOURET, BRUNO. “O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem?”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 29, pp. 111-150, 2008.

PINNEY, Christopher. *A história paralela da Antropologia e da Fotografia*. Cadernos de Antropologia e Imagem, vol.2, p.29-52, 1996.

Bibliografia complementar:

AZEVEDO, AINA, “Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual”, *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 5, No 2 | 2016.

AZEVEDO, AINA. “Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia”. In: *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 100-119, jan. / jun. 2016.

BELTING, H. *Antropología de la imagen*. Madrid: Katz Editores, 2012. (Versão francesa: *Pour une Anthropologie des Images*. Paris: NRF-Gallimard, 2004.) ou BELTING, H. “Por uma antropologia da imagem”, in *Concinnitas*, Ano 6, vol.1, nº 8, Rio de Janeiro (UERJ) pp. 64-78, 2005.

BENJAMIM, Walter. “Pequena história da fotografia”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOAS, Franz. *Primitive Art*. Nova York: Dover Publications, 1955 [1927], p. 1-63 (Preface; Introduction; The formal elements in art). [Há tradução para o português.]

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *Imagem e Ciências Sociais: trajetória de uma relação difícil*. In: BARBOSA, Andrea et al. (Ed.). *Imagem-conhecimento. Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

COMOLLI, ANNIE. “Elementos de método em antropologia filmica.” In Marcius Freire e Philippe Lourdou (Orgs.). *Descrever o visível: cinema documentário e antropologia filmica*. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.

DIAS, José António B. Fernandes. *Arte e antropologia no século XX: modos de relação*. *Etnográfica* 5(1): 103-129, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “A imagem a galope”; “Êxtases de frases” e “Imagem miserável, imagem-milagre”. In: *Imagens-Ocasões*. (Bruno, Fabiana org. e Ivo, Guilherme tradução) ed. São Paulo: Fotô Editorial, 2018.

DUBOIS, Philippe. “Introdução”, “Da verossimilhança ao índice”. In: *O Ato fotográfico*. Campinas, Papiros, pp. 11-55. 23a Sessão (30/05)

EDWARDS, Elizabeth. Rastreado a fotografia. In: BARBOSA, A. et al. (Ed.). *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

FAUSTO, Carlos et SEVERI, Carlo (dir.) *Palavras em Imagens, Escritas, corpos e memórias, Brésil / France | Brasil / França*

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: \_\_\_\_\_. *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 142-181.

GELL, Alfred. “A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas”. *Arte e Ensaios - Revista do Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais*. Escola de Belas Artes. UFRJ. ano VIII - número 8: 174-191. [1996]

GOLDSTEIN, Ilana. Reflexões sobre a arte “primitiva”: o caso do Musée Branly. *Horizontes Antropológicos* 14(29): 279-314, 2008.

GURAN, M. Considerações sobre a constituição e utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. *Discurso Fotográfico*, Londrina, 2011

HENLEY, PAUL. "Cinematografia e pesquisa etnográfica". In *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 9 (2): 29-50. 1999. 157

KUSCHNIR, Karina. “A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas », *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 5, No 2 | -1, 5-13.

LAGROU, Elsje. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Rio de Janeiro: C/Arte.

LAYTON, Robert. *A Arte de Outras Culturas*. In: \_\_\_\_\_. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001 [1991], p. 9-56.

MARESCA, S. “Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre abordagens fotográfica e etnográfica: in: Samain, E. (org.) *O Fotográfico* (2a ed.), São Paulo, Hucitec. 2005.

MENDONÇA, João Martinho. *Vozes e silêncios: apontamentos sobre reflexividade em filmes etnográficos*. GIS – Gesto, Imagem e Som – *Revista de Antropologia*, vol.1, n.1, 2016.

OVERING, Joanna. 1999. “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”. *Mana*, 5(1).

PRICE, Sally. *Arte Primitiva em Centros Civilizados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SAMAIN, E (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Etienne. « Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi- Huberman », *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, No 2 | 2014

SEVERI, C. “Seres Transmutantes: uma proposta para uma antropologia do pensamento *Revista Ilha*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

SEVERI, Carlo. A palavra emprestada ou como falam as imagens. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 52, n.2, 2009, p. 459-505.

SZTUTMAN, Renato. *Imagens-transe: Perigo e possessão na gênese do cinema de Jean Rouch*. In: BARBOSA et al. (Ed.). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

## **Antropologia da Religião e da Magia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Abordagens clássicas e contemporâneas de fenômenos, práticas e saberes denominados mágicos e/ou religiosos. As principais teorias que formaram o entendimento antropológico acerca do que é religião, do que é magia, e do lugar que ocupam nas culturas e sociedades humanas. As críticas contemporâneas de tais abordagens. Problemas como eficácia, racionalidade, crença, secularismo podem ser abordados.

### ***Anthropology of religion and magic***

**Syllabus:** Classical and contemporary approaches to phenomena, practices, and knowledges categorized as magical and/or religious. The main theories that have shaped anthropological understanding of what constitutes religion and magic, and their roles within human cultures and societies. Contemporary critiques of these approaches. Issues such as efficacy, rationality, belief, and secularism may also be addressed.

### **Bibliografia básica**

- ASAD, Talal. 2010 [1993]. “A construção da religião como uma categoria antropológica”, *Cadernos de Campo* 19: 263-84.
- DURKHEIM, Émile. 1996 [1912]. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1937]. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MAUSS, Marcel & Henri HUBERT. 2003 [1902-1903]. “Esboço de uma teoria geral da magia”, in: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify: 47-181.

### **Bibliografia complementar**

- ANJOS, José Carlos G. dos. 2006. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: UFRGS.
- BARBER, Karin. 1989 [1981]. “Como o homem cria Deus na África Ocidental: atitudes dos Yoruba para com o Òrìsà”, in: MOURA, C. E. Marcondes de. *Meu sinal está no teu corpo: escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo: Educon/EdUSP. pp. 724-45.
- BASTIDE, Roger. 2006. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BATAILLE, George. 2015 [1973]. “Teoria da religião”, seguido de “Esquema de uma história das religiões”. Belo Horizonte: Autêntica.
- BERGER, Peter. 2004 [1969]. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes.
- CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo/cura/significado*. Porto Alegre: UFRGS.
- CSORDAS, Thomas. 2016 [2006]. “Assíntota do inefável: Corporeidade, alteridade e teoria da religião”, *Debates do NER* 17(29): 15-60.
- DOUGLAS, Mary. 1976 [1966]. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- DOUGLAS, Mary. 1999. “Os Lele revisitados, 1987: Acusações de feitiçaria à solta”, *Mana* 5(2):7-30.
- ELIADE, Mircea. 1996 [1957]. *O profano e o sagrado: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978 [1965]. *Antropologia social da religião*. Rio de Janeiro: Campus.
- FRAZER, James George. 1982 [1889/1922]. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar.

FREUD, Sigmund. 2011 [1927]. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre: L&PM.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1965]. “A religião como sistema cultural”, in: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. pp. 101-42.

GEERTZ, Clifford. 2001. “O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder”, in: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 149-165.

GELL, Alfred. 2018. [1998]. Arte e agência. São Paulo: Ubu.

GESCHIERE, Peter. 2006. “Feitiçaria e modernidade nos Camarões: Alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade”, Afro-Ásia 34: 9-38.

GIUMBELLI, Emerson. 2002. O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar/PRONEX.

GOLDMAN, Marcio. 2014. “Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia)”, R@U 6 (1): 7-24.

HERTZ, Robert. 2016 [1970]. Sociologia religiosa e folclore. Petrópolis: Vozes.

HONWANA, Alcinda. 2002. Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique. Lisboa: Ela por Ela.

HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 1981 [1899] “Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício”, in: Marcel MAUSS. Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva. pp. 141-228.

LATOUR, Bruno. 2002 [1996]. “Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1949 [2008]. “O feiticeiro e sua magia”; “a eficácia simbólica”, in: Antropologia estrutural. São Paulo: Cosac Naify. pp. 181-200.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1950 [2003]. “Introdução à obra de Marcel Mauss”, in: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 11-46.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008 [1922]. A mentalidade primitiva. São Paulo: Paulus.

LIENHARDT, Godfrey. 1972 [1956]. “Religião”, in: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. pp. 407-426.

MALINOWSKI, Bronislaw. no prelo [1925]. Magia, ciência e religião. São Paulo: Ubu.

MEYER, Birgit et al. 2019. Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer. Porto Alegre: UFRGS.

OTTO, Rudolf. 2007 [1917]. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal.

SANCHIS, Pierre. 1983. Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote.

SEGATO, Rita Laura. 1992. “Um paradoxo do relativismo: O discurso racional da antropologia frente ao sagrado”, Religião e Sociedade 16 (1-2):31-46.

STENGERS, Isabelle. 2017 [2012]. “Reativar o animismo”, Caderno de Leituras 62: 1-15.

TAYLOR, Charles. 2012 [2009]. “O que significa secularismo”, in: LEITE, L. A. B. Leite et al. Esfera pública e secularismo: ensaios de filosofia política. Rio de Janeiro: UERJ. pp. 157-95.

TURNER, Victor. 2005 [1964]. “Um curandeiro Ndembu e sua prática”, in: Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF. pp. 449-88.

VAN GENNEP, Arnold. 1977 [1908]. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.

WEBER, Max. 2004 [1905]. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras.

## **Estudos da Ciência e da Técnica**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Estudos sociais em ciência e tecnologia: produções e perspectivas antropológicas. Epistemologia e prática tecno-científica: estudos etnográficos e históricos no campo dos estudos sociais da ciência e da Antropologia da Ciência e da Tecnologia. Relações entre antropologia, ciência e técnica. Conhecimento e técnica em sociedades modernas e não-modernas. Reemergência contemporânea da natureza na política. Noção de cultura e sociedade em contraste à noção de ciência e natureza. Etnografias das ciências.

### ***Science and Technology Studies***

**Syllabus:** Social studies of science and technology: anthropological productions and perspectives. Techno-scientific epistemology and practice: ethnographic and historical studies in the field of social studies of science and the anthropology of science and technology. Relations between anthropology, science, and technology. Knowledge and technique in modern and non-modern societies. The contemporary re-emergence of nature in politics. The concepts of culture and society in contrast to the notion of science and nature. Ethnographies of science.

### **Bibliografia básica**

- Collins, H. & Pinch, T. O Golem: O que você deveria saber sobre ciência. São Paulo: Ed, Unesp, 2000
- Haraway, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e socialismo-feminista no século XX”, In: Tomaz Tadeu (org.), Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- Kuhn, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- Latour, B. & Woolgar, S. A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- Latour, B. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- Stengers, I. A Invenção das Ciências Modernas. São Paulo: Ed. 34, 2002.

### **Bibliografia complementar**

- AKRICH, Madeleine, “Como descrever os objetos técnicos?”, Boletim Campineiro de Geografia, v. 4, n. 1, 2014.
- ALMEIDA, Mauro. “Caipora e outros conflitos ontológicos”. R@u - Revista de Antropologia da UFSCar 5(1): 7-28, 2013.
- BATESON, Gregory. " Problemas de comunicação entre cetáceos e outros mamíferos", Revista IEB 69. 2018.
- BLOOR, David. Conhecimento e imaginário social. São Paulo: Edunesp. 2009
- CALLON, Michel. “A Agonia de um laboratório” [tradução pirata na internet]
- Danowski, Débora e Viveiros de Castro, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie, 2014. [pgs. 11-42; 85-159]
- Descola, P. 2002. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. Horizontes

- Antropológicos 8(18): 93-112.
- FEYRABAND. 1972 [1975] *Contra o Método*. RJ: Francisco Alves.
- Fleck, Ludwig [1935]. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- Fox Keller, Evelyn. "Qual foi o impacto do feminismo na ciência?" *Cadernos Pagu* 27, 2006.
- Hacking, Ian. "Construindo tipos: o caso de abusos contra crianças". *Cadernos Pagu* 40, 2013.
- HARAWAY, Donna. "Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu* 5:7-41, 1995.
- INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. *Horizontes Antropológicos*. 2012, vol.18, n.37
- LATOUR, Bruno. "Da fabricação à realidade"; "A historicidade das coisas", In: *A esperança de Pandora: estudos sobre a realidade dos estudos científicos*, Bauru: Edusc, 2001.
- LATOUR, Bruno. "Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno". *Revista de Antropologia* 57(1):12-31, 2014.
- Latour, Bruno. *Reagregando o Social. Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede*. EDUFBA, 2012
- LAW, John "O laboratório e suas redes" [tradução pirata na internet]
- LÉVI-STRAUSS 1962 [1989]. "A ciência do concreto", in: *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus. pp. 15-50.
- Lovelock, James. "Gaia: um modelo para a dinâmica planetária e celular", In: *Gaia: uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 1990.
- LUNA, Naara. *Provetas e clones: uma antropologia das novas tecnologias reprodutivas*. RJ: Fiocruz, 2007.
- LUNA, Naara. *Identidade genética no debate sobre o estatuto de fetos e embriões*. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) *Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2012, pp. 111-150.
- Marras, S. "Qual Ciência Visar?". *Climacom*, ano 2, v. 2.
- MOL, Annemarie. "Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas", in: Nunes, João Arriscado e Roque, Ricardo (org.) (2007) *Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento.
- MORAWSKA, C.; RIBEIRO, M. *Notas sobre as intersecções entre Estado, Ciência, Capitalismo: desafios etnográficos em torno da técnica e da política*. *R@U*, V. 10, 2018.
- PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da UnB, 1984
- RABINOW, P. *Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999
- ROHDEN, FABIOLA; Monteiro, Marko. *Para além da ciência e do anthropos: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil*. *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 89, p. 1-33, 2019.
- ROHDEN, Fabíola. *Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento*. *Horiz. antropol.*, v. 23, n. 47, p. 29-60, 2017.
- ROUVEROY, Antoinette. "Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação?", *Revista Eco Pós* 18(2). 2015.

- SÁ, Guilherme. “Antropologia e Não Modernidade: até que a ciência as separe”. *Iilha – Revista de Antropologia*, UFSC, v.17(2), p.31-47, 2015.
- SAUTCHUCK, Carlos. 2010. “Ciência e técnica”. In: Duarte, L. F. D. (org.) *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia*. São Paulo; ANPOCS.
- SOUZA, Erica Renata de; MONTEIRO, Marko Synésio Alves. *Repensando o Corpo Biotecnológico: Questões sobre Arte, Saúde e Vida Social*. *Teoria & Sociedade (UFMG)*, v. 5, p. 159-172, 2015.
- STRATHERN, Marilyn. “A Antropologia e o advento da fertilização in vitro no Reino Unido: uma história curta”. *Cadernos Pagu* 33:9-55, 2009.
- STRATHERN, Marilyn. Dando apenas uma força à natureza? A cessão temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade. In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, pp. 467-486. (Capítulo 15)
- Taddei, R. “Conhecendo (n)o Antropoceno”. *Climacom*, ano 2, v. 2.
- TSING, Anna. Paisagens arruinadas. *Cadernos do LEPAARQ*, Volume XV, Número 30, 2018
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- VARGAS, Eduardo “Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal”. In: Vargas, E. (org.) *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## **Estudos de Campesinato, Etnicidade e Território**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Problematizações teóricas e etnográficas sobre identidades étnicas, territórios e formas camponesas contemporâneas, com ênfase nos processos de luta pelo reconhecimento de grupos historicamente excluídos e pelo acesso a terra/território. Noções de campesinidade, etnogênese e territorialização, visando ao entendimento dos processos históricos de conformação de identidades e territórios étnicos. Conflitos, disputas e dinâmicas atuais de organização do campesinato, de novos sujeitos do meio rural e seus movimentos: novas formas camponesas, povos e comunidades tradicionais. Formas de reprodução social e resistência face a taxonomias e práticas estatais. Análise de situações etnográficas e/ou experiências de atuação junto a grupos cultural e etnicamente diferenciados, com ênfase na contribuição do fazer antropológico para o reconhecimento e garantia de direitos e educação para as relações etnicorraciais.

### ***Peasantry, Ethnicity and Territory Studies***

**Syllabus:** Theoretical and ethnographic examinations of ethnic identities, territories, and contemporary peasant forms, with an emphasis on struggles for the recognition of historically excluded groups and access to land and territory. Concepts of peasantry, ethnogenesis, and territorialization, aimed at understanding the historical processes of shaping ethnic identities and territories. Conflicts, disputes, and current dynamics of peasant organization, new rural subjects, and their movements: new peasant forms, traditional peoples and communities. Social reproduction and resistance in the face of state taxonomies and practices. Analysis of ethnographic situations and experiences of working with culturally and ethnically distinct groups, with a focus on the anthropological contribution to the recognition and guarantee of rights and education for ethnic-racial relations.

### **Bibliografia básica**

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Terras de Quilombos, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM. 2006

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa. 2000.

BOURDIEU, P. A ideia de região. In: O poder simbólico. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O desencantamento do mundo. Coleção Elos. No. 19. São Paulo: Editora Perspectiva.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira. 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”. In: Manuela

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2009 (p. 277-300).
- CARNEIRO, M. J. 1998. *Camponeses, Agricultores e Pluriatividade*. Editora Contra-Capa: Rio de Janeiro.
- CUNHA, Manuela Carneiro & ALMEIDA, Mauro W. B. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. In: Manuela Carneiro da Cunha. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2009 (p. 277-300).
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana* 3 (1): 7-39, 1977.
- LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Série Antropologia. N° 322. Brasília: DAN/UnB. 2002.
- O'DWYER, Eliane Cantarino.. “Nation Building” e relações com o Estado: o campo de uma antropologia em ação. In: Andréa Zhouri (Org.). *Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais*. Brasília: ABA, 2012 (236-254).
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais. *Revista Nanduty*, v. 1, n. 1, pp. 70-86, 2012. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/2297/1359>
- OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *Uma etnologia dos índios misturados?: situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. In *A viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 1999.
- VINCENT, Joan. 1982. “A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes”. In. Bela Feldman-Bianco (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global. 1978.
- WEBER, Max. “Relações Comunitárias Étnicas”. In: *Economia e Sociedade*, 1. Brasília: UnB, 1991.
- WOLF, Eric. “Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar”. Bela Feldman-Bianco & Gustavo Lins Ribeiro (orgs). *Antropologia e Poder*. Brasília/São Paulo: Ed.Unb/Ed.Unicamp. 2003. Pgs. 117-144.

### **Bibliografia complementar**

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: Eliane Cantarino O'Dwyer. *Quilombo: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002. (p.43-81).
- AMSELLE, J. L.; M'BOKOLO, E. (orgs). *No centro da etnia: etnias, tribalismo e estado na África*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2015. *Protocolo de Brasília: condições para o exercício de um trabalho científico*. Rio de Janeiro: ABA.
- BARBOSA DA SILVA, Alexandra. *Antropologia e laudos: de étnica, de imparcialidade e a etnografia como processo prático*. In: PACHECO DE OLIVEIRA, J., MURA, F., BARBOSA DA SILVA, A. (orgs). *Laudos Antropológicos em perspectiva*. Brasília: ABA, 2015.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas* (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa. 2000 .

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 55(1): 439–464.
- CARNEIRO, Maria José. 2008. “Rural” como categoria de pensamento. *Ruris*, Campinas. vol. 2, n.1: 9-38.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade – A era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra. 1999.
- CHAYANOV, A. V. “Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas”. In: José Graziano da Silva e Verena Stolcke (Orgs.) *A questão agrária – Weber, Engels, Lenin, Kautsky, Chayanov, Stalin*. São Paulo: Global.
- CLIFFORD, J. *Identidad en Mashpee*. In: *Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001.
- COSTA FILHO, A. As comunidades dos quilombos, direitos territoriais, desafios situacionais e o ofício do(a) antropólogo(a). In: *Novos Debates: fórum de debates em antropologia*. Vol. 2, no 2, Junho/2016. (p. 126-140)
- COSTA FILHO, A. Os povos e comunidades tradicionais no Brasil. In: Edmilton Cerqueira et al. (Orgs). *Os povos e comunidades tradicionais e o ano internacional da agricultura familiar*. Brasília: MDA. 2015 (p. 77-98)
- COSTA FILHO, Aderval. 2012. Identificação e Delimitação de territórios indígenas e quilombolas: conflitos e riscos na prática pericial antropológica. In: Andréa Zhouri (Org.). *Desenvolvimento, reconhecimento de direitos e conflitos territoriais*. Brasília: ABA, 2012 (p. 332-351).
- CUNHA, Manuela Carneiro da. “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico” e “‘Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais”. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2009.
- DAS, Veena & POOLE, Deborah - El Estado y sus márgens. *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM. (p. 19-52)
- DELBOS, Geneviève. Leaving Agriculture, remaining a peasant. In: *Man*. Vol. 27. No. 4. Dezembro/1982.
- ERIKSEN, Thomas Hilland. 1991. The cultural contexts of ethnic differences. *Man*. V. 26, nº 01 (p.127-144).
- HAESBAERT, Rogério. “Concepções de Território para entender a desterritorialização”. In: Milton Santos e Bertha K. Becker (Orgs.) *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: PPGG/UFF/DP&A. 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HEREDIA, Beatriz & GARCIA Jr, Afrânio, 1971. “Trabalho familiar e campesinato”. *América Latina* 14 (1/2).
- MENDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MUSUMECI, Leonarda. 1988. “Terra Liberta: versões do mito”. Em *O Mito da Terra Liberta: colonização “espontânea”, campesinato e patronagem na Amazônia Oriental*. São Paulo: Vértice, *Revista dos Tribunais*. pp. 27-55.
- O’DWYER, Eliane Cantarino. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In IDEM (Org.). *Quilombo: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002. (p. 13-42).

- PACHECO DE OLIVEIRA, João - O Nascimento do Brasil e outros ensaios: pacificação, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. 2012. Grupos étnicos e etnicidade. In Antonio Carlos de Souza Lima (Org.) Antropologia e Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA (p. 68-78).
- REDFIELD, Robert. 1969 [1954-5]. "The Social Organization of Tradition". Em Peasant Society and Culture. Chicago: At the University Press. Pp. 40-59.
- SEYFERTH, Giralda. 2004. "Imigração, colonização e estrutura agrária". In Ellen F. Woortmann (org.). Significados da Terra. Brasília: Ed. Unb.
- SHANIN, Teodor. 2005 [1982]. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 8, n. 7, pp.1-21.
- SOARES, Luís Eduardo. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.
- VELHO, Otávio G. 1982. "O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro". Em Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 40-47.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. 2003. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 21, outubro: 42-61.
- WOORTMANN, Ellen F. O sítio camponês. In Anuário Antropológico 81. Brasília/Rio de Janeiro: EdUnB/Tempo Brasileiro. 1983.
- WOORTMANN, Klaas. "Com parente não se Neguecia: o campesinato como ordem moral" In Anuário Antropológico/87. Brasília: EdUnB. 1990.

## **Estudos de Gênero**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Estudos de gênero: origem e principais debates. O lugar dos estudos de gênero na Antropologia. Etnografia e estudos de gênero. Problemas de gênero no final do século XX e no século XXI. Problemas de gênero na Antropologia. Relações entre Feminismo, Gênero e Antropologia. Feminismo negro e feminismos contemporâneos. Interface dos estudos de gênero com os estudos de ciência e tecnologia. Temáticas de gênero na contemporaneidade.

### ***Gender Studies***

**Syllabus:** Gender studies: origins and major debates. The role of gender studies in anthropology. Ethnography and gender studies. Gender issues in the late-20th century and in the 21st century. Gender issues in anthropology. Intersections among feminism, gender, and anthropology. Black feminisms and contemporary feminisms. The interface of gender studies with science and technology studies. Contemporary gender themes.

### **Bibliografia básica**

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes, org. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.153-172.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. *Estud. Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003.

DE LAURETIS, Teresa. *A Tecnologia do Gênero*. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Tendências e Impasses: o Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS, 1993.

HALBERSTAM, J. *Repensando o sexo e o gênero*. In: MISKOLCI, Richard, PELÚCIO, Larissa (orgs.). *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*: Ed. Annablume/Fapesp, 2012, p.125-137.

HARAWAY, Donna J. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, (22), 201-246, 2016. Recuperado de

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/864463>

HARAWAY, Donna J. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Antropologia do Ciborgue. As Vertigens do Pós Humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STRATHERN, Marilyn. *Necessidade de pais, necessidade de mães*. *Revista Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, 1995, pp.303-329. Disponível em:

[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1079\\_1700\\_necessidadepaismaes.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1079_1700_necessidadepaismaes.pdf)

### **Bibliografia Complementar**

ALMEIDA, Guilherme. "Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio 2012. ISSN 1806-9584.

- ALMEIDA, Heloisa B. et al. (orgs.) *Gênero em Matizes*. 1. ed. Bragança Paulista: EDUSF (Editora da Universidade São Francisco), 2002.
- BENHABIB, Sheila, CORNELL, Drucilla (Eds.) *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BONETTI, Alinne de Lima. “Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada?” In: BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. (orgs). *Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas*. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria, 2007. Disponível em: [www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br)
- FERNANDES, Marisa. *Ações Lésbicas*. In: Green, J. et al. (orgs). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2018, pp. 91-120;
- FERREIRA, Beth, CÉSAR, Guacira de O. *Feminismo negro e feminismo anti-racista*. Brasília, DF: CFêmea, 2019. Disponível em: [https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/feminismo\\_negro\\_feminismo\\_antirracista.pdf](https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/feminismo_negro_feminismo_antirracista.pdf)
- FINAMORI, Sabrina. *Os sentidos da paternidade: dos “pais desconhecidos” aos exames de DNA*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018. v. 1. 320p .
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOX KELLER, Evelyn. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-
- GONZÁLEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.) *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 237-258.
- HOLLANDA, Heloisa B. (org.) *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009)
- JESUS, J. G. . *Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo*. *Universitas Humanistica* , v. 78, p. 241-258, 2014.
- JESUS, J. G. *Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade 2.0: Uma Contextualização a partir do Pensamento Transfeminista*. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura* , v. 1, p. 5-24, 2018.
- JESUS, Jaqueline G. *Interloquções teóricas do pensamento transfeminista*. In: Jesus, Jaqueline G. et al. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
- JESUS, Jaqueline G., ALVES, Hailey. *Movimento Transgênero e movimentos de mulheres transexuais*. *Revista Cronos (UFRN)*, v. 11, p. 8-19, 2010.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- MISKOLCI, Richard. *Origens históricas da teoria queer*. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pela diferenças*, pp. 21-34
- MOORE, Henrietta. *Understanding sex and gender*. In: INGOLD, T. (org.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge, 1997. (Tradução para uso didático de Júlio Assis Simões, disponível via:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod\\_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf)).

ORTNER, Sherry. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Z. e LAMPHERE, Louise (orgs.) A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979, pp. 95-120.

PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISCITELLI, Adriana et al. (orgs). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 173-182.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Rev. Estud.Fem., Florianópolis , v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011.

PRINS, Baukje, MEIJER, Irene C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Revista Bagoas (UFRN), n.5, 2010, pp.17-44.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Rev. Estud. Fem. [online]. 2017, vol.25, n.1 ,pp.365-373.

ROSALDO, Michelle. O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, n. 1, 1995, pp. 11-36.

RUBIN, Gayle. Tráfico sexual – entrevista. Cadernos Pagu (21) 2003: pp.157-209. Disponível

SANTOS, Ana Cristina C. Lésbicas Negras (re) existindo no movimento LGBT. In: Green, J. et al. (orgs). História do Movimento LGBT no Brasil. 1a ed. São Paulo: Alameda, 2018, pp. 331-345.

SARMET, Érica. Feminismo Lésbico. In Hollanda, H. B. (org.) Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade. 1a. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2018, pp. 252-299.

SILVA, Felipe Cazeiro da; SOUZA, Emily Mel Fernandes de and BEZERRA, Marlos Alves. (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. Rev. Estud. Fem. [online]. 2019, vol.27, n.2, e54397.

SOUZA, É. R. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e no Brasil. Número 56(2)-jul/dez. Revista de Antropologia (USP. Impresso), v. 56, p. 397-430, 2013.

SOUZA, É. R., BRAZ, C. Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In: CAETANO, Marcio, SILVA Jr., Paulo M. (orgs.) De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil. 1a. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2018, pp. 28-42.

STRATHERN, Marilyn. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu (8/9), 1997, pp. 7-49. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/node/39>

STRATHERN, Marilyn. Um lugar no debate feminista. In: O Gênero da dádiva. Campinas: Ed. Unicamp. 2006, pp. 53-80.

VIEIRA, Helena, BAGAGLI, Bia P. Transfeminismo. In Hollanda, H. B. (org.) Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade. 1a. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2018, pp. 343-378.

## **Estudos de Parentesco**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Conceitos centrais dos estudos antropológicos de parentesco. Teoria da descendência e teoria da aliança. Críticas e impasses das teorias clássicas do parentesco, impulsionadas pelas pesquisas etnográficas do parentesco em contextos urbanos. Parentesco no mundo contemporâneo.

### ***Kinship Studies***

**Syllabus:** Central concepts of anthropological studies of kinship. Descent theory and alliance theory. Critiques and limitations of classical kinship theories, driven by ethnographic research on kinship in urban contexts. Kinship in the contemporary world.

### **Bibliografia básica:**

Augé, Marc. Os domínios do parentesco. Lisboa: edições 70, 1978.

DUMONT, Louis. Introducción a dos teorias de antropología social. Barcelona: Ed. Anagrama. 1975

LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas elementares do Parentesco. Petrópolis: Vozes. 1976.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. & FORDE, Daryll (orgs). Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1950.

SCHNEIDER, D. Parentesco Americano. Petrópolis: Vozes, 2016.

## **Estudos sobre o Estado, Desenvolvimento e Poder**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Tessituras entre antropologia do desenvolvimento, antropologia do Estado e antropologia dos conflitos, com foco em aspectos teóricos e etnográficos transversais. Abordagem crítica da categoria de desenvolvimento, sua genealogia, sentidos e efeitos de poder; relação dessa categoria com práticas de governo constitutivas da formação do Estado, entendendo-se o Estado como instituição em processo de formação continuada em contraposição à ideia de uma realidade sedimentada. Enfoques e situações de conflito que ensejam desafios para as teorias e práticas antropológicas no mundo contemporâneo. Análise, a partir de experiências etnográficas e extensionistas, das relações entre políticas públicas, intervenções governamentais e grupos sociais diferenciados, considerando-se, sobretudo, processos e contextos de promoção de políticas de desenvolvimento.

### ***Studies of Development, State and Power***

**Syllabus:** Intersections between the anthropology of development, of the state and of conflicts, with a focus on cross-cutting theoretical and ethnographic aspects. A critical approach to the concept of development, including its genealogy, meanings, and power effects; the relationship of this concept with government practices constitutive of State formation, understanding the State as an institution in ongoing formation, as opposed to the notion of it as a fixed reality. Approaches and conflict situations that present challenges for anthropological theories and practices in the contemporary world. Analysis, based on ethnographic and extensionist experiences, of the relationships between public policies, government interventions, and differentiated social groups, with particular attention to processes and contexts related to the promotion of development policies.

### **Bibliografia básica**

- ARRIGHI, Giovanni. A ilusão do desenvolvimento. (Coleção Zero à Esquerda) Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHATTERJEE, Partha. La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos. Lima: CLACSO: SEPHIS: IEP, Instituto de Estudios Peruanos, 2008. 296p
- DAS, Veena & POOLE, Deborah - El Estado y sus márgens. Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.
- ESCOBAR, Arturo. La Invención del Tercer Mundo. Construcción y desconstrucción del desarrollo. Caracas, 2007.
- FELDMAN-BIANCO et al. Os antropólogos e o desenvolvimento. In IPEA: Desafios do desenvolvimento. IPEA, ano 9, edição 72, 15/06/2012.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Cia das Letras, 2019.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.
- O'DWYER, Eliane Cantarino. "Nation Building" e relações com o Estado: o campo de uma antropologia em ação. IN: Andréa Zhouri (org.) Desenvolvimento, Reconhecimento e direitos e conflitos territoriais, Brasília: ABA, 2013.

- OLIVEIRA, Raquel. “A Crise como Contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política”. In: Jalcione Almeida, Cleyton Gerhardt, Sônia Barbosa Magalhães (org.). Contextos Rurais e Agenda Ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações - Dossiê 3, Belém: Rede de Estudos Rurais, 2012.
- PACHECO DE OLIVEIRA FILHO, João; Alfredo Wagner Berno de Almeida. Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998, pp. 15- 42.
- REIS, Elisa Pereira. 2003. “Reflexões leigas para a formulação de uma agenda de pesquisa em políticas públicas”, Revista Brasileira de Ciências Sociais, 18(51):12-15.
- SACHS, Wolfgang (org.) O Dicionário do Desenvolvimento. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- SANTOS, Ana Flávia. “Não se pode proibir comprar e vender terra: terras de ocupação tradicional em contexto de grandes empreendimentos” IN: ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Editora UFMG, 2014.
- SILVA, Margarida da. “Trabalhar e investigar enquanto antropóloga na administração pública: breves considerações ético-metodológicas. In: Castilho, S.R.R., Souza Lima, A. C. e Teixeira, C. C. (orgs). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro; Contra Capa Livraria, 2014, pp. 243-253.
- SOUZA LIMA, Antonio Carlos. BARROSO-HOFFMANN, Maria. Além da tutela: bases para uma nova política indigenista III. Rio de Janeiro: Laced: Contra Capa, 2002. 124p
- STAVENHAGEN, Rodolfo. “Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista.” Anuário Antropológico/84: 11-44. 1985
- TEIXEIRA, Carla e Antonio Carlos de Souza LIMA: “A antropologia da administração e da governança no Brasil: [área temática ou ponto de dispersão?” In: Carlos Benedito Martins e Luiz Fernando Dias Duarte (org.), Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: Anpocs, 2010.
- WALSH, Catherine. Introducción: Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553p.
- WOLF, E. Encarando o Poder: velhos insights, novas questões. In. FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, 2003, p. 325-343.
- ZHOURI, A e OLIVEIRA, R . “Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil. Desafios para a antropologia e para os antropólogos”. In: Bela Feldman Bianco (org). Desafios da antropologia brasileira. Brasília: ABA, 2013. Disponível como E-book no site da ABA.
- ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Editora UFMG, 2014.

## **Etnologia Indígena**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Introdução aos estudos etnográficos e temáticos da etnologia ameríndia, com ênfase nas suas sociocosmologias, nas políticas e direitos indígenas e no movimento indígena. Exame de diferentes áreas etnográficas, recortes temáticos e abordagens teóricas. Contribuições da etnologia indígena para os direitos humanos e para a educação das relações etnicorraciais.

### ***Amerindian Ethnology***

**Syllabus:** Introduction to ethnographic and thematic studies of Amerindian ethnology, with an emphasis on their sociocosmologies, on indigenous politics and rights, and on indigenous movements. Examination of various ethnographic areas, thematic focuses, and theoretical approaches. Contributions of Amerindian ethnology to human rights and to education on ethnic-racial relations.

### **Bibliografia básica**

ALBERT, Bruce & RAMOS, Alcida Rita (orgs.). *Pacificando o Branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: UNESP, 2000.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC. 1992

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo, Cia das Letras, 2015.

OLIVEIRA FILHO, Joao Pacheco. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ. 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo, Cosac & Naify. 2002.

## **Fundamentos da Pesquisa Etnográfica**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Etnografia como fundamento da antropologia. Aspectos epistemológicos, metodológicos e técnicos do trabalho de campo, bem como os aspectos teóricos, conceituais, éticos e críticos que o envolvem. O curso percorrerá os principais elementos da investigação empírica: a experiência da observação participante, coleta de dados, interação comunicativa e abordará as principais discussões em torno da escrita e produção etnográfica: elaboração textual, produtos audiovisuais, descrição e comparação.

Unidades:

- 1) Etnografia e observação participante: ética, autoria e autoridade;
- 2) Outras práxis etnográficas (multissituada, online/offline, multiespécies, experimentações etnográficas);
- 3) Escrita e outros produtos etnográficos (texto, filme, imagem, performance, outros).

## ***Fundamentals of Ethnographic Research***

**Syllabus:** Ethnography as the cornerstone of anthropology. This course addresses the epistemological, methodological, and technical aspects of fieldwork, alongside the theoretical, conceptual, ethical, and critical dimensions involved. It will cover key elements of empirical research, such as the experience of participant observation, data collection, and communicative interaction. Additionally, the course will explore major debates surrounding ethnographic writing and production, including textual elaboration, audiovisual outputs, description, and comparison.

Units:

- 1) Ethnography and participant observation: ethics, authorship, and authority
- 2) Alternative ethnographic practices (multisited, online/offline, multispecies, ethnographic experiments)
- 3) Writing and other ethnographic products (text, film, image, performance and others)

## **Bibliografia básica**

AGIER, Michel. 2015. Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação. São Paulo: Unesp.

ALBERT, Bruce. 2014 [1997]. “‘Situação etnográfica’ e movimentos étnicos: notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano”, *Campos* 15 (1): 129-144

CLIFFORD, James. 1983 [1998]. “Sobre a autoridade etnográfica”, in: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no séc. XX*. Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 17-62.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”, in: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 278-321.

INGOLD, Tim. 2015. “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”, *Horizontes Antropológicos* 44: 21-36.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa”, in: Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores). pp.17-34.

MARCUS, George. 2001. [1995] “Etnografia en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografia multilocal”, *Alteridades* 11 (22): 111-127.

MEAD, Margareth. 1971 [1949]. “O significado das perguntas que fazemos” e “Como escreve um antropólogo”, in: Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes. pp. 21-53

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. “Etnografia no ciberespaço como ‘repovoamento’ e explicação”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 21 (90): 85-98.

STRATHERN, Marilyn. 2014 [1999]. “O efeito etnográfico”, in: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. pp.345-405.

### **Bibliografia complementar**

ATTANÉ, Anne & LANGEWIESCHE, Katrin. 2005. “Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 21 (2): 133-51.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. 1985 [1946]. *Balinese character: a photographica Analysis*. New York: NY Academy of Sciences.

BOHANNAN, Laura. 1966. “Shakespeare entre os Tiv”. (Mimeo). 5 pp.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1995. “O lugar (e em lugar) do método”, *Série Antropologia* 190: 14 pp.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", *Revista de Antropologia* 39 (1): 13-37.

CESARINO, Leticia. 2014 “Uma antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira”, *Horizontes Antropológicos* 10 (41): 19-50.

DAMATTA, Roberto, 1978. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”, in E. O. NUNES (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 23-35.

EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1976]. “Apêndice IV: algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo”, in: *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 243-255.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990]. “Ser afetado”, *Cadernos de Campo* 13: 155-161.

FOOTE-WHYTE, William. 1975 [1943]. “Treinando a observação participante”, in: Alba ZALUAR (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp.77-86.

FONSECA, Claudia. 2008. “O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”, *Teoria e Cultura* 2 (1/2): 39-53.

GOLDMAN, Marcio. 2006. “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”, *Etnográfica* 10 (1).

INGOLD, Tim. 2015 [2011]. “Antropologia não é etnografia” in: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições*. Petrópolis: Vozes. pp. 327-247.

KUSCHNIR, Karina. 2014. “Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa”, *Cadernos de Arte e Antropologia* 3 (2): 23-46.

- LATOURE, Bruno. 2001 [1999]. “Referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica”, *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC. pp. 39-96.
- MARCUS, George. 2018 [2011]. “Etnografia multisituada: reacciones y potencialidades de un ethos del método antropológico durante las primeras décadas de 2000”, *Etnografías Contemporáneas* 4 (7): 177-195.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. 2004. “Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad”, *Horizontes Antropológicos* 10 (21): 41-65.
- NADER, Laura. 1972. “Up the anthropologist: perspectives gained from studying up”, in: Dell HYMES (ed.). *Reinventing anthropology*. New York: Pantheon Books. pp. 284-311.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 2008. “Imagem, magia e imaginação: desajustes ao texto antropológico”, *Mana* 14 (2): 455-457. ROUCH, Jean. 1958. *Moi, un noir*. Fra, 73 min.
- OLIVEIRA Filho, João Pacheco. 1999. “Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna”, in: *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 60-99.
- PEIRANO, Mariza. 2014. “Etnografia não é método”, *Horizontes Antropológicos* 20 (42): 377-391.
- PINNEY, Christopher. 1996. “A história paralela da antropologia e da fotografia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 2: 29-52. NOVAES, Sylvia Caiuby. 2014. “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia”, *Cadernos de Antropologia e Imagem* 3(2): 57-67.
- STOCKING, George W. 1983. “The ethnographers’s magic: the development of fieldwork in British anthropology from Tylor to Malinowski”, in: G.W. STOCKING (ed.). *Observers observed*. Madison: University of Wisconsin Press. (History of Anthropology). pp. 70-120.
- SÜSSEKIND, Felipe. 2018. “Sobre a vida multiespécie”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69: 159-178.
- TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- TSING, Anna. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB.
- WOLF, Eric. 2003. “Trabalho de campo e teoria”, in: FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. *Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf*. Brasília: UnB. pp 345-360.

## **Fundamentos de Libras**

Optativa. Teórica. 60 horas. Disciplina realizada na modalidade a distância.

**Ementa:** Aspectos históricos da Educação de Surdos e da formação da Libras e visões sobre o surdo e a surdez. Educação Bilingue para pessoas surdas e Cultura Surda. Inclusão educacional de alunos surdos. Noções básicas sobre a estrutura linguística da Libras. Desenvolvimento da competência comunicativa em nível básico, tanto referente à compreensão como à sinalização.

### ***Brazilian Sign Language Fundamentals – online***

**Syllabus:** Historical aspects of Deaf Education, Libras formation and views on the deaf person and deafness. Bilingual Education for Deaf People and Deaf Culture. Inclusive education of deaf students. Understanding the linguistic structure of Libras. Development of communicative competence at the basic level, both regarding understanding and signing production.

### **Bibliografia básica**

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. (editores). *Dicionário enciclopédico trilingue da língua de sinais brasileira*. 3ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002. 172 p.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlo. *Atualidade da educação bilíngue para surdo – projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999

### **Bibliografia complementar**

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Integração Social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

QUADROS, R.M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

## **Instituições Políticas Comparadas**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Análise comparada, desempenho de instituições democráticas em países do centro e da periferia do capitalismo; instituições democráticas e diferentes condições socioeconômicas e culturais. Estudos de formas de organização de democracias liberais, organização Estado: unitarismo X federalismo; processos e poderes (executivo, legislativo); concepções sobre burocracias públicas, políticas públicas, por governos eleitos.

### ***Compared Political Institutions***

**Syllabus:** Comparative analysis of the performance of democratic institutions in countries located at the core and periphery of capitalism; examination of democratic institutions in varying socioeconomic and cultural contexts. Evaluation of organizational structures in liberal democracies, including debates on state organization: unitarism vs federalism, roles and powers of the executive and legislative branches, as well as perspectives on public bureaucracies, public policies, and governance by elected authorities.

### **Bibliografia básica**

ABRUCIO, Fernando L. Os Barões da Federação: os governadores e a redemocratização brasileira. São Paulo: Hucitec/ USP, 1998.

AMORIM NETO, Octavio (2006). Presidencialismo e governabilidade nas Américas. FGV Editora.

ARRETCHE, Marta. Democracia, federalismo e centralização no Brasil. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2012.

AVELAR, Lucia & CINTRA, Antonio O. (orgs). Sistema Político Brasileiro: uma Introdução. (2ª. Ed) Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung; São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CARVALHO, José Murilo (2001). A Cidadania no Brasil. São Paulo, Civilização Brasileira.

CASTRO GOMES, Angela (2015). A invenção do trabalhismo. Editora FGV.

DAHL, Robert (1997). Poliarquia. Participação e oposição. São Paulo, Edusp, cap 1.

DUVERGER, Maurice (1980). Partidos políticos. Rio de Janeiro: Zahar.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. (1993). Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. São Paulo: Paz e Terra.

### **Bibliografia Complementar**

Freidenberg, Flavia, and María Esperanza Casullo. "Con líder y con programa: Partidos populistas y partidos programáticos en América Latina." *Latin American Review of Comparative Politics/Revista Latinoamericana de Política Comparada* 14 (2018).

GALLIGAN, Brian. "Comparative Federalism." In RHODES, R.A.W & BINDER, Sarah A. & ROCKMAN, Bert A. (eds). *The Oxford Handbook of Political Institutions*. Oxford University Press. 2006 (pp 261-280)

GUARNIERI, Fernando Henrique. (2011). "A força dos partidos 'fracos'", *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 54, nº 1, pp. 235-258.

- HERZ, Monica and Ribeiro-Hoffmann, Andrea (2004) Organizações internacionais: história e práticas. Campus/ Elsevier, Rio De Janeiro, Brazil.
- KINZO, Maria D'Alva. (1988). Oposição e Autoritarismo: gênese e trajetória do PMDB.
- KRASNER, Stephen D. (2012). “Causas Estruturais e Consequências dos Regimes Internacionais: Regimes como Variáveis Intervenientes”, Revista de Sociologia e Política, Vol.20 (42), pp. 93-110.
- LAKE, David (2008) “The State and International Relations” in Christian Reus-Smit e Duncan Snidal The Oxford Handbook of International Relations, Oxford University Press, UK, pp. 41-62.
- LA PALOMBARA, Joseph.(1982) A Política no interior das nações. Brasília, Editora UNB, 1982.
- LAMOUNIER, Bolívar. (1992) “Estrutura institucional e governabilidade na década de 90”. In Reis Velloso, João Paulo dos (org.). O Brasil e as reformas políticas. Rio de Janeiro: José Olympio.
- LAVAREDA, Antônio. (1991). A Democracia nas Urnas – O Processo Partidário-eleitoral Brasileiro. Rio de Janeiro: IUPERJ/Rio Fundo Editora
- LEAL, Victor Nunes (1978) Coronelismo, enxada e voto.[1949]São Paulo, Ed. Alfa-Omega. 4ª edição.
- LIJPHART, Arend. Modelos de Democracia. Desempenho e padrões de governo em 36 países. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Cap 2 e 3
- LINZ, Juan (1991). “Presidencialismo ou parlamentarismo: faz alguma diferença?” in LAMOUNIER, B. A opção parlamentarista. São Paulo: Sumaré (pp.61-121).
- LINZ, Juan e STEPAN, Alfred.(1999) A transição e a consolidação da democracia. A experiência do sul da Europa e da América do Sul. São Paulo, Paz e Terra.
- MAINWARING, Scott. (2001). Sistemas Partidários em Novas Democracias – o Caso do Brasil. Rio de Janeiro. Editora da FGV. 2001.
- MANIN, Bernard (1995). “Metamorfoses do governo representativo”. Revista Brasileira de Ciências Sociais 29: 5-34.
- MARTINS, Carlos Estevão e CRUZ, Sebastião Velasco (1983) “De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da abertura” in: Almeida, Maria Hermínia T. e SORJ, Bernardo. Sociedade e Política no Brasil pós 64. São Paulo: Brasiliense. Págs 13 a 61.
- MELO, Marcus (2007) “Hiperconstitucionalização e qualidade da democracia: mito e realidade” In MELO, Carlos Ranulfo & SÁEZ, Manuel Alcántara (orgs.). A democracia brasileira: balanço e perspectivas para o século 21. Belo Horizonte: UFMG, Humanitas. Págs. 237-265.
- MENEZES Naercio e Paulo Portela (orgs). A Carta. Para entender a constituição brasileira. Todavia, 2019.
- NICOLAU, Jairo. (2004). “Partidos na República de 1946: Velhas teses, Novos Dados” in DADOS, Vol 47, No. 1. Págs. 85-128.
- NICOLAU, Jairo. Sistemas eleitorais. Editora FGV, 2015.
- NICOLAU, Jairo. Eleições no Brasil: do Império aos dias atuais. Zahar, 2012.
- NICOLAU, Jairo. Representantes de quem?: Os (des) caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados. Zahar, 2017.
- PANEBIANCO, ANGELO. Modelos de partido. São Paulo: Martins Fontes.

- Pappas, Takis S. "Tres desafios para la democracia en Europa: Anti-democratas, nativistas, populistas." *Latin American Review of Comparative Politics/Revista Latinoamericana de Política Comparada* 14 (2018).
- PASQUINO, Gianfranco (2005). *Curso de Ciência Política*. Principia.
- PRZEWORSKI, Adam; ALVAREZ, Michael; CHEIBUB, José Antonio e LIMONGI, Fernando. (1997) "O que mantém as democracias?" in *Revista Lua Nova* No. 40/41
- Przeworski, Adam, Juan Manuel Ortega, and Sara Gordon Rapoport. "Una defensa de la concepción minimalista de la democracia." *Revista mexicana de Sociología* (1997): 3-36.
- RIBEIRO, Leandro M. & ARGUELHES, Diego W. "Preferências, Estratégias e Motivações: Pressupostos institucionais de teorias sobre comportamento judicial e sua transposição para o caso brasileiro." *Revista Direito e Práxis* Vol. 4, n. 7, 2013, pp. 85-121.
- RIBEIRO, Pedro Floriano. "El modelo de partido cartel y el sistema de partidos de Brasil." *Revista de ciencia política* (Santiago) 33.3 (2013): 607-629.
- RODDEN, Jonathan, (2005), *Federalismo e descentralização em perspectiva comparada: sobre significados e medidas*. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2005, n.24, pp. 9-27
- ROTHSTEIN, Bo.(1996) "Political institutions: an overview" in Goodin, Robert y Klingemann, Hans-Dieter (eds.) *A new handbook of Political Science*. Oxford University Press.
- SARTORI, Giovanni (1997) "Método Comparativo e Política Comparada" in *A política: lógica e método nas ciências sociais*. Brasília, Ed UNB, capítulo 9, pp 203-246
- SARTORI, Giovanni. (1982) *Partidos e Sistemas Partidários*. Brasília, Ed UNB.
- SARTORI, Giovanni. *A Teoria da Democracia revisitada*. Vol. 2: *As questões clássicas*. São Paulo: Ática. 1994
- SARTORI, Giovanni.(1996). *Engenharia Constitucional. Como mudam as constituições*. Brasília, Ed. UNB
- SILVA, Virgílio Afonso. "O STF e o controle de constitucionalidade: deliberação, diálogo e razão pública." In *Revista de Direito Administrativo* 250 (2009): 197-227.
- SOUZA, Celina.(2008) "Regras e contexto: as reformas da Constituição de 1988" in *Dados, Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol 51, n. 4. Págs. 791-823.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello. (1976) "Os Mecanismos da centralização" in *Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega
- STEPAN, Alfred (1999). "Para uma Nova Análise Comparativa do Federalismo e da Democracia: Federações que Restringem ou Ampliam o Poder do Demos." *Dados*, vol 42, n.2, Rio de Janeiro.
- STEPAN, Alfred. (1975), *Os militares na política*. Rio de Janeiro: Artenova. Págs. 46-100.
- STEPAN, Alfred. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Págs 83-134.
- TAYLOR, Matthew (2008) *Judging policy. Courts and Policy Reform in Democratic Brazil*. Stanford, Stanford University Press.
- TSEBELIS, George (2009). *Atores com poder de veto: como funcionam as instituições políticas*. FGV Editora.
- WEISS, Thomas (2011). *Thinking About Global Governance – Why People and Ideas Matter*, Routledge, New York.

## **Laboratório de Extensão**

Optativa. Teórico-prática. 60 horas (15h teórica, 45h prática)

**Ementa:** Disciplina de caráter prático voltada a atividades extensionistas. Fundamentos teórico-metodológicos do fazer antropológico/arqueológico. Atuação antropológica/arqueológica associada ao respeito e defesa das diferenças (culturais, étnicas, raciais, de classe, de gênero, geracionais, de religião, de modos de vida, de produção, etc.) e sua reprodução; atuação antropológica/arqueológica em defesa do patrimônio cultural material e imaterial. Atuação voltada à garantia de direitos, e reflexão sobre direitos humanos. Implicações científicas, éticas, políticas, jurídicas e profissionais da atuação antropológica/arqueológica.

### ***Laboratory of Extensionist Activities***

**Syllabus:** A practical course focused on extension activities. Theoretical and methodological foundations of anthropological and archaeological practice. Anthropological and archaeological work associated with respecting and defending differences (cultural, ethnic, racial, class, gender, generational, religious, of livelihoods and means of production, etc.) and their reproduction. Anthropological and archaeological efforts in defense of material and immaterial cultural heritage. Work aimed at ensuring rights and reflecting on human rights. Scientific, ethical, political, legal, and professional implications of anthropological/archaeological practice.

### **Bibliografia básica**

- O'DWYER, Eliane Cantarino. 2010. O papel social do antropólogo. A aplicação do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: E-papers (Antropologias, 6).
- RAMOS, Alcida Rita. 1990. O antropólogo: ator político, figura jurídica. Série Antropologia Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, n. 92.
- TAX, Sol. 1952. "Action anthropology". *América Indígena*, 12:103-106.
- WASSILOWSKY, Alexander Herrera (org). 2013. *Arqueología y desarrollo en América del Sur: de la práctica a la teoría*. Bogotá : Universidad de los Andes/ Ediciones Uniandes. Lima : Instituto de Estudios Peruanos.

### **Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos**

Optativa. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática). Disciplina realizada na modalidade a distância.

**Ementa:** Nesta oficina pretende-se desenvolver várias habilidades de escrita e de leitura de gêneros textuais importantes no âmbito acadêmico como esquema, resumo, resenha, projeto e relatório de pesquisa, bem como discutir e refletir vários aspectos da língua portuguesa, relevantes para a lide com esses textos. Serão produzidos textos de vários gêneros acadêmicos na modalidade escrita, visando o aprimoramento da textualidade e de aspectos da norma culta que se fizerem necessários

### ***Portuguese Language Workshop: Reading and Writing Texts***

**Syllabus:** This workshop aims to develop various writing and reading skills for important academic text genres such as outlines, abstracts, reviews, projects and research reports, as well as to discuss and reflect on various aspects of the Portuguese language that are relevant to dealing with these texts. Texts from various academic genres will be produced in written form, aiming to improve textuality and aspects of standard language that are necessary.

### **Bibliografia básica**

- BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de comunicação escrita. São Paulo: Ática, 1995.  
CITELLI, Adilson. O texto argumentativo. São Paulo: Scipione, 1994.  
COSCARRELLI, Carla V., MITRE, Daniela. Oficina de Leitura de Produção de Textos. Belo Horizonte: UFMG (2007)  
COSTA VAL, M. da Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

### **Bibliografia complementar**

- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. Prática de Texto. Petrópolis: Vozes, 1992  
FAVERO, Leonor L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1991.  
FULGÊNCIO, L. e LIBERATO Y. É possível facilitar a leitura. São Paulo: Contexto, 2007.  
GARCIA, Othon M. Comunicação e prosa moderna. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.  
KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 1990.  
KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. Texto e coerência. São Paulo: Cortez, 1989.  
KOCH, Ingedore V. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1989.  
MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Eliane, ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Planejar gêneros acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.  
MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Eliane, ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Resumo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.  
MACHADO, Anna Rachel, LOUSADA, Eliane, ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Resenha. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.  
MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Publifolha, 2001.  
MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Raquel, BEZERRA, M. Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.  
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.  
MARTINS, Eduardo. Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Moderna. 2002.

SOUZA, Wander E. A fórmula do Texto. Redação, argumentação e leitura. Belo Horizonte: Geração Editorial, 2005.

## **Patrimônio Cultural**

Optativa. Teórico-prática. 60 horas (45h teórica, 15h prática).

**Ementa:** Patrimônio Cultural: natureza, identificação, preservação e salvaguarda. Patrimônio Cultural versus Patrimônio Natural: implicações sobre educação patrimonial e educação ambiental. Patrimônio material e patrimônio imaterial considerados na interface entre Arqueologia, Antropologia e História. Patrimônio cultural no Brasil: diversidade e representatividade das culturas indígenas e afro-americanas. Questões éticas; de quem é o patrimônio? Aplicação de abordagem ligada à formação extensionista como mecanismo de reflexão sobre as relações do patrimônio cultural com a diversidade de agentes na sociedade, e com a educação das relações étnicorraciais.

### ***Cultural Heritage***

**Syllabus:** Cultural heritage: nature, identification, preservation and safeguarding. Cultural heritage versus natural heritage: implications to heritage education and environmental education. Tangible and intangible heritage considered from the interconnections between Archaeology, Anthropology and History. Cultural heritage in Brazil: diversity and representativeness of indigenous and Afro-American cultures. Ethical issues; who owns heritage? Application of an extensionist approach as a means of reflection on the relationships between cultural heritage and the diverse agents in society, and its role in education on ethnic-racial relations.

### **Bibliografia básica**

- ARANTES NETO, A. A. Apresentação. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Patrimônio imaterial e biodiversidade, no. 33, 2005, p. 5 a 11.
- CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. “Cultura” e Cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naif, 2009.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 113-143, jan/jun 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2006.
- GALLOIS, Dominique T. O Que é patrimônio cultural imaterial?. In: Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas, editado por Dominique T. Gallois. São Paulo: IEPÉ, 2006. Disponível em <http://www.institutoiepe.org.br/infoteca.html>
- GONÇALVES, José Reginaldo S. “Patrimônio cultural e narrativas nacionais”. In: A Retórica da Perda. Editora UFRJ/MinC-Iphan, 1996.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e Cotidiano. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007.
- HOBBSBAWN, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições”. In: Hobsbawn, Eric; Ranger, Terrence (orgs.) A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; IPHAN (Brasil); Museu Imperial (Brasil). Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN; Petrópolis, RJ: Museu Imperial, 1999.

IPHAN. Cartas patrimoniais. Brasília: Ministério da Cultura: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1995. 343p.

Lima Filho, Manoel Ferreira & Marcia Bezerra, Eds. (2006). Os caminhos do patrimônio no Brasil. Goiânia, Alternativa.

SERRA, Olympio. Questões de identidade cultural. In: ARANTES, Antônio Augusto (org). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TAMASO, Izabela M. “Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: PAULA, MENDONÇA & ROMANELLO (orgs) Polifonia do Patrimônio. Londrina: Eduel, 2012.

### **Bibliografia complementar**

ABREU, Regina. Patrimônio Genético. In: LIMA FILHO, Manuel F.; ECKERT, Cornelia; ARANTES, Antonio. Sobre Inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaios de antropologia pública. In Anuário Antropológico 2007/2008. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 2009

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de; Museu Histórico Nacional (Brasil). Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. 366 p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009. 379 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: bases para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. O Registro do Patrimônio Imaterial – Dossiê final das atividades da comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN, 2000.

IPHAN (2016). Portaria No 200, de 18 de maio de 2016, Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI. Brasília, IPHAN.

LIMA FILHO, Manuel F. e ABREU, Regina. “A Antropologia e o Patrimônio Cultural no Brasil”. In: Lima Filho, Manoel Ferreira; Eckert, Cornélia; Beltrão, Jane. (Org.). Antropologia e Patrimônio Cultural no Brasil - Diálogos e Desafios Contemporâneos. ABA/Letra Nova 2007.

PRICE, Nicholas Stanley. Historical and philosophical issues in the conservation of cultural heritage. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 1996. 500p.

SANDRONI, Carlos. Questões em torno do dossiê do Samba de Roda. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP, 2008.

SANT’ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. São Paulo: Ed DP&A, 2003. p. 49-58

SANT’ANNA, Marcia. Políticas Públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP, 2008.

## **Política Educacional**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Estado e educação. Estado, educação, estrutura social e mecanismos de decisão. Diretrizes e financiamento da educação. A ação do Estado brasileiro na trajetória histórica do ensino público e privado.

### ***Educational Politics***

Syllabus: State and education. State, education, social structure and decision mechanisms. Education guidelines and financing. The action of the Brazilian State in the historical trajectory of public and private education.

### **Bibliografia básica**

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. in: SADER, E. & GENTILI, P. (org) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p.9-23.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho: São Paulo: Cortez, 1995 (13-97).

AZANHA, José Mário Pires. Planos e Políticas de Educação no Brasil: alguns pontos para reflexão. In: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. Leituras. São Paulo: Pioneira, 1999 (102-123).

AZEVEDO, Janete A Educação como Política Educacional. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Autores Associados, 1997.

BARROS, Roque Spencer Maciel. Fundamentos da Educação. In: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. Leituras. São Paulo: Pioneira, 1999 (21-35).

BERNARDO, João. Estado: a silenciosa multiplicação do poder. São Paulo: Escrituras, 1998 (2- 61).

BRASIL: MEC/INEP. Plano Nacional de Educação. Brasília. Ministério da Educação e do Desporto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

BRASIL, Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Decreto 2208 de 17/04/97 (regulamenta a LDB quanto à Educação Profissional).

BRASIL, Lei 9394/96 de 20/12/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União, n. 248, de 23/12/96.

BRASIL, Lei 9424/96, de 24/12/96 (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino

### **Bibliografia Complementar**

BRITO, Vera Lúcia Alves. Projetos de LDB: Histórico da tramitação. In: CURY, C.R.J. Medo à liberdade e compromisso democrático: LDB e Plano Nacional de Educação. São Paulo: Editora do Brasil, 1998 (45-89).

BRUNO, Lúcia (org.) Educação, qualificação e desenvolvimento econômico. In: BRUNO, Lúcia (org.) Educação e Trabalho no Capitalismo Contemporâneo. São Paulo: Atlas, 1996 (91- 123).

BUFFA, Esther. Ideologias em conflito: escola pública e escola privada. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CHAUÍ, M.S. Política e cultura democrática: o público e o privado em questão. *Jornal FSP*, 16/6/90, p.3.

CUNHA, L.A.R. Educação, Estado e Democracia no Brasil. São Paulo: Cortez, ver especialmente cap. 05, verbas públicas e mensalidades privadas. p, 298 - 308

CURY, C.R.J. A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: uma reforma educacional? In: CURY, C.R.J. et al. Medo à liberdade e compromisso democrático: LDB e Plano Nacional de Educação. São Paulo: Editora do Brasil, 1998 (91-135).

FORUM NACIONAL EM DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA. LDB. Avaliação. Belo Horizonte, 1997.

GANDINI, R. P. C. Intelectuais, Estado e Educação. Campinas: Editora da Unicamp. 1995. Ver especialmente: caps. II e V.

\_\_\_\_\_. O público e o privado: trajetória e contradições da relação Estado e Educação. In: Estado e Educação. Campinas: Papirus: Cedes; SP: Ande: Anped. 1992, p.55-71

HORTA, J.S.B. Planejamento educacional. In: SAVIANI, D. Filosofia da educação brasileira. 2a. ed. Civilização Brasileira. 1985.

\_\_\_\_\_. O Hino, o sermão e a ordem do dia; regime autoritário e educação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/II CONED. Plano Nacional de Educação Proposta da Sociedade Brasileira. Belo Horizonte, novembro, 1997. Horizonte: APUBH, 1997.

JACOBI, Pedro. Transformações do Estado Contemporâneo e Educação. In: BRUNO, L. (org). Educação e Trabalho no capitalismo contemporâneo. São Paulo: Atlas, 1996. p.41-56.

LEBRUN, G. Hobbes en-deça du liberalisme. Manuscrito, Unicamp I. (4) 37-49, 1980.

MAAR, L. W. O que é política. São Paulo: Brasiliense, 1985 (ver especialmente A Política e as Políticas, p. 9).

MACHADO, Lourival G. Homem e sociedade na teoria política de Jean-Jacques Rousseau. São Paulo, Martins: Edusp. 1968.

MATOS, O. Rousseau: uma arqueologia da desigualdade.

\_\_\_\_\_. Teoria social no pensamento moderno in: FAVARETTO, C. e outros. Epistemologia das ciências sociais. Série Cadernos PUC.

MEC. A organização do Ministério da Educação e do Desporto. Home pag do MEC, 1998.

OLIVEIRA, Dalila A. A qualidade total na educação: os critérios da economia privada na gestão da escola pública. In: BRUNO, Lúcia (org). Educação e Trabalho no Capitalismo Contemporâneo. São Paulo: Atlas, 1996 (53-90).

\_\_\_\_\_. Educação básica e reestruturação capitalista: gestão do trabalho e da pobreza. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, 1999. Tese de Doutorado.

PSTU. Desafios na Educação, 1997.

QUIRINO & SOUZA (org) O pensamento político clássico. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980. [ver especialmente: caps. 3 e 4]

RIBEIRO, R.J. Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. Hobbes: o medo e a esperança. In: WEFFORT, F.(org.) Os clássicos da política. 4a. ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 51-77.

ROUSSEAU, J.J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdades entre os homens. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

SINDICATO ÚNICO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. SIND- UTE/MG. Reformas educacionais. Revista Informação. Belo Horizonte, maio/1997.

TAVARES, Rosilene Horta. Luta na escola. Da gestão democrática à organização no local de trabalho. Belo Horizonte: Ed. autora, 1996.

VIEIRA, S. L. O público, o privado e o comunitário na educação. In: Educação e Sociedade. n.27, set. 87. p. 05-12.

## **Psicologia da Educação**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Visão histórico-conceitual da Psicologia como ciência e sua contribuição à área educacional. Principais teorias de aprendizagem de base empirista, racionalista e interacionista. Problemas de aprendizagem. Interação professor/aluno: dinâmica da sala de aula.

### ***Educational Psychology***

**Syllabus:** Historical-conceptual view of Psychology as a science and its contribution to the educational area. Main empiricist, rationalist, and interactionist learning theories. Learning problems. Teacher/student interaction: classroom dynamics.

### **Bibliografia básica**

- AVILA, André; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; ANDALÓ, Carmen. Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 289-298, 2011.
- CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.
- DOURADO, Ione Collado; PRANDINI, Regina Célia. Henri Wallon: Psicologia e Educação. In XXIV Reunião anual da ANPED, Caxambu, 2001.
- FREUD, S. Psicologia do escolar [1914]. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. 13, RJ: Imago, 1980.

### **Bibliografia complementar**

- GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995. Caps 3 a 7.
- GOMES, M. F. C.; MORTIMER, E. F. Histórias Sociais e Singulares de Inclusão/Exclusão nas Aulas de Química. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 38, n. 133, p. 237-266, jan./abr. 2008
- GONÇALVES, Luiz Alberto. Diálogos com docentes acerca da violência em meio escolar. In *Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 01
- GOULART, Maria Inês Mafra. *Psicologia da Aprendizagem I*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p.13-48.
- KEHL, M.R. Quem tem moral com os adolescentes? In *LEPSI: Os adultos, seus saberes e a infância*. São Paulo: IP/FEUSP, 2004  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032002000400034&lng=pt&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400034&lng=pt&nrm=abn)
- KUPFER, M.C. Poder e desejo. In *Freud e a educação – o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 1992.
- LAJONQUIÈRE, L. Constituição ou desenvolvimento do sujeito. In *De Piaget a Freud*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LIMA, Priscila. Contexto e Pressupostos e Definindo Educação Inclusiva e Educação Especial. In *Educação Inclusiva e Igualdade Social*. São Paulo, ed. Avercamp, 2006, Cap. 1 e 2, p.17-37
- LOURO, Guacira Lopes. (2008). *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. *Proposições*, 19(2), 17-23.

- MELMAN, C. O que é um adolescente. In O adolescente e a modernidade. R. Janeiro: Cia de Freud, 1999.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento, um processo socio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993, Cap. 2, 3 e 4, p. 25-79.
- OLIVEIRA, M.C. Vínculos imaginários. In Mente & cérebro Especial: O olhar adolescente. São Paulo: Duetto nº2, s.d.
- A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. *Psicologia & Sociedade*. 26(2), 2014, p. 375-393. <http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3758>
- PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 24a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- PINTO, Raquel Gomes; BRANCO, Ângela Uchoa. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 14, n. 3, set./dez. 2011, p. 87-95.
- QUEIROZ, Sávio Silveira de et al . Erros e equilíbrio em psicologia genética. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 15, n. 2, dez. 2011.
- SALVADOR, César Coll; MESTRES, Mariana Mira; ONRUBIA, Javier; GALLART, Isabel Sole. A organização social da educação: práticas educativas e desenvolvimento humano. In SALVADOR, César Coll (org.) *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, p.141-152.
- SILVA, Luciano Campos. Os professores e a problemática da indisciplina na sala de aula. In: *Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 01.
- VYGOTSKY, L. Internalização das funções psicológicas superiores; Interação entre aprendizado e desenvolvimento (caps 4 e 6). In *Formação social da mente*. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- WINNICOTT, D. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969/1975.

## **Raça e Etnicidade**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** A construção e desconstrução dos conceitos de raça e de etnia ao longo da história da antropologia e do pensamento social, na Europa, nas Américas e alhures. A relação tensa entre tais conceitos e os de cultura e biologia. Do racismo científico às suas críticas culturalistas, chegando à reavaliação política do conceito de raça. Contribuições do conceito de raça e etnia para a promoção dos direitos humanos e para a educação das relações étnico-raciais.

### ***Race and Ethnicity***

**Syllabus:** The construction and deconstruction of the concepts of race and ethnicity throughout the history of anthropology and social thought in Europe, the Americas, and elsewhere. The tense relationship between these concepts and those of culture and biology. From scientific racism to its culturalist critiques, and the political re-evaluation of the concept of race. Contributions of the concepts of race and ethnicity to the promotion of human rights and the education of ethnic-racial relations.

### **Bibliografia básica:**

BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. 2000. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa.

DAVIS, Angela, 2016 [1981]. Mulher, raça e classe. São Paulo: Boitempo.

FANON, Frantz. 2008 [1952]. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUFBA.

### **Bibliografia complementar:**

AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (ogs.). 2017 [1999] No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África. Petrópolis: Vozes.

BASTIDE, Roger & FERNANDES, Florestan. 1955. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo. São Paulo: Anhembi.

BOAS, Franz. 2005 [1931]. "Raça e progresso", in: Antropologia cultural. Riode Janeiro: Zahar. pp. 67-86.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1972. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1986. Antropologia no Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense.

CÉSAIRE, Aimé. 2010 [1987]. Discurso sobre a negritude. Belo Horizonte: Nandyala.

CUNHA, Olívia M. G. da. 2002. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

GILROY, Paul. 2001 [1993]. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. São Paulo: 34.

GOLDMAN, Márcio. 2014. "A relação afroindígena", Cadernos de Campo 23 (23): 213-222.

GOMES, Nilma Lino. 2017. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica.

- GOW, Peter. 2006 [1991]. “Da etnografia à história. ‘Introdução’ e ‘Conclusão’ de *Of Mixed Blood: Kinship and history in Peruvian Amazonia*”. *Cadernos de Campo* 14/15: 197-226.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. 1954. “O problema do negro na sociologia brasileira”, *Nosso Tempo* 2(2): 189-220.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG.
- LIMA, Deborah M. de. 1999. “A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico”, *Novo Cadernos NAEA* 2 (2): 5-32.
- LUCIANI, José Antonio Kelly. 2016. *Sobre a antimestiçagem*. Curitiba: Desterro; Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- MATORY, J. Lorand. 1999. “Jeje: repensando nações e transnacionalismo”, *Mana*, 5 (1): 57-80.
- MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. 2003 [1992]. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas.
- MUNANGA, Kabengele. 1999. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes.
- NASCIMENTO, Beatriz. 2006. “É tempo de falarmos de nós mesmos”, in: RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial. pp. 91-128.
- NOGUEIRA, Oracy. 1985. *Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- PINHO, Patrícia de Santana. 2005. “Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20 (59): 37-50.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne; BARTH, Fredrik. 1998. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP.
- SANTOS, Joel Rufino. 1984. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense.
- SEYFERTH, Giralda. 1994. “A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos”, *Anuário antropológico* 18: 175-203.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. 2018 [1992]. “A região do Caribe: Uma fronteira aberta na teoria antropológica”. *Afro-Ásia* 58: 189-232.

### **Tópicos Avançados A**

Optativa. Teórica. 15 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

### ***Advanced Topics A***

**Syllabus:** Course of variable content.

### **Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

**Tópicos Avançados B**

Optativa. Teórica. 30 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Advanced Topics B***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

**Tópicos Avançados C**

Optativa. Teórica. 45 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Advanced Topics C***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

### **Tópicos Avançados D**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

### ***Advanced Topics D***

**Syllabus:** Course of variable content.

### **Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

**Tópicos Avançados em Sociologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

Ementa: Disciplina de conteúdo variável

***Advanced Topics in Sociology***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

**Tópicos em Antropologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Anthropology***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica:**

Bibliografia variável

**Tópicos em Arqueologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Archaeology***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica:**

Bibliografia variável

**Tópicos em Demografia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Demography***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Ensino A**

Optativa. Teórica. 15 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Teaching A***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Ensino B**

Optativa. Teórica. 30 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Teaching B***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Ensino C**

Optativa. Teórica. 45 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Teaching C***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Ensino D**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Teaching D***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Extensão em Antropologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

*Topics in Extensionism in Anthropology*

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Extensão em Política**

Optativa. Teórico-prática. 60h (30h teórica, 30h prática)

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável.

*Topics in Extensionism in Politics*

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Extensão em Sociologia**

Optativa. Teórico-prática. 60 horas (30h teórica, 30h prática).

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

*Topics in Extensionism in Sociology*

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Obrigatória:**

Bibliografia variável

**Tópicos em Gestão da Educação**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

*Topics in Education Management*

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Metodologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Methodology***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Política**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Politics***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Processo de Ensino**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

*Topics in Teaching Process*

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia básica**

Bibliografia variável

**Tópicos em Sociologia**

Optativa. Teórica. 60 horas.

**Ementa:** Disciplina de conteúdo variável

***Topics in Sociology***

**Syllabus:** Course of variable content.

**Bibliografia Obrigatória**

Bibliografia variável

## Apêndice C – Atividades acadêmicas complementares

Empresa Júnior.....	182
Empresa Júnior.....	182
Estágio Não Obrigatório.....	183
Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa.....	184
Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa.....	184
Iniciação à Docência no Ensino Superior.....	185
Iniciação à Docência no Ensino Superior.....	185
Iniciação à Extensão.....	186
Iniciação à Extensão.....	186
Iniciação Científica.....	187
Iniciação Científica.....	187
Monitoria acadêmica.....	188
Monitoria acadêmica.....	188
Organização de Congressos, Encontros e Eventos.....	189
Participação em Congressos, Encontros e Eventos.....	190
Participação em Corpo Editorial de Revista Científica com ISSN.....	191
Participação em Órgãos Colegiados e de Representação Estudantil.....	192
Protagonismo Social.....	193
Protagonismo Social.....	193
Trabalho Apresentado em Eventos Científicos.....	194
Trabalho Completo Publicado.....	195
Vivência Profissional Complementar.....	195
Vivência Profissional Complementar.....	196

## Empresa Júnior

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em Empresa Júnior atuante na área de ciências sociais ou em áreas afins.

**Valência:** Um semestre letivo de atividades em Empresa Júnior atuante na área de ciências sociais ou em áreas afins.

**Documentos exigidos:** Prospecto da Empresa Júnior e declaração da direção da empresa atestando a carga horária semanal e o período do vínculo do(a) estudante.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Empresa Júnior não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Para ser integralizada como atividade de extensão, o projeto deverá estar registrado no SIEX.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Junior Enterprise*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Empresa Júnior

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação em Empresa Júnior atuante na área de ciências sociais ou em áreas afins.

**Valência:** Um ano letivo de atividades em Empresa Júnior atuante na área de ciências sociais ou em áreas afins.

**Documentos exigidos:** Prospecto da Empresa Júnior e declaração da direção da empresa atestando a carga horária semanal e o período do vínculo do(a) estudante.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Empresa Júnior não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Para ser integralizada como atividade de extensão, o projeto deverá estar registrado no SIEX.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Junior Enterprise*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Estágio Não Obrigatório**

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Estágio em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais

**Valência:** Um ano letivo de participação em atividades em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais.

**Documentos exigidos:** Aprovação prévia pelo Colegiado do Plano de Trabalho a ser desenvolvido junto à Instituição, contendo descrição detalhada das atividades, cronograma e aquiescência do responsável na Instituição pela orientação do trabalho. Relatório Final do(a) aluno(a) contendo avaliação sucinta e aprovação do(a) responsável na Instituição e do(a) professor(a) orientador(a) do Curso de Ciências Sociais.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Estágio não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um(a) supervisor(a) no campo de estágio e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Non-Mandatory Internship*

**Syllabus:** Variable Content.

## Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa

**Carga Horária:** 15

**Créditos:** 1

**Descrição:** Participação em Grupo de Estudos e/ou em Grupo de Pesquisa que desenvolva temática afim às ciências sociais.

**Valência:** A critério do colegiado, tendo em vista o programa de atividades realizado e tendo por parâmetro 15 horas de atividade por crédito.

**Documentos exigidos:** Programa de Atividades, contendo aquiescência do(a) professor(a) orientador(a) e critério de avaliação a ser utilizado, além de justificativa, temática, bibliografia e cronograma, especificando a distribuição das horas de estudo. Apresentação de Relatório Final de atividades com avaliação final do(a) professor(a), registrando a carga horária.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa não deve ultrapassar quatro créditos.

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Study or Research Group*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em Grupo de Estudos e/ou em Grupo de Pesquisa que desenvolva temática afim às ciências sociais.

**Valência:** A critério do colegiado, tendo em vista o programa de atividades realizado e tendo por parâmetro 15 horas de atividade por crédito.

**Documentos exigidos:** Programa de Atividades, contendo aquiescência do(a) professor(a) orientador(a) e critério de avaliação a ser utilizado, além de justificativa, temática, bibliografia e cronograma, especificando a distribuição das horas de estudo. Apresentação de Relatório Final de atividades com avaliação final do(a) professor(a), registrando a carga horária.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Grupo de Estudos e/ou de Pesquisa não deve ultrapassar oito créditos.

**Ressalvas:** Não

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Study or Research Group*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Iniciação à Docência no Ensino Superior**

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Iniciação à Docência no Ensino Superior (com ou sem bolsa)

**Valência:** Um semestre letivo de monitoria em disciplina vinculada ao curso de Ciências Sociais e áreas afins ou participação em equipe de docência

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROGRAD, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação à Docência no Ensino Superior não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor na disciplina e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Introduction to Teaching in Higher Education*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## **Iniciação à Docência no Ensino Superior**

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Iniciação à Docência no Ensino Superior (com ou sem bolsa)

**Valência:** Um ano letivo de monitoria em disciplina vinculada ao curso de Ciências Sociais e áreas afins ou participação em equipe de docência

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROGRAD, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação à Docência no Ensino Superior não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor na disciplina e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Introduction to Teaching in Higher Education*

**Syllabus:** Variable Content.

## Iniciação à Extensão

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Iniciação à Extensão em Ciências Sociais ou área afim (com ou sem bolsa)

**Valência:** Um ano letivo ou doze meses de atividades em um mesmo projeto de extensão.

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROEX, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação à Extensão não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor no campo da extensão e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de Extensão:** Para ser integralizada como atividade de extensão, o projeto deverá estar registrado no SIEX.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Introduction to Extension*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Iniciação à Extensão

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Iniciação à Extensão em Ciências Sociais ou área afim (com ou sem bolsa)

**Valência:** Um ano letivo ou doze meses de atividades em um mesmo projeto de extensão.

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROEX, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes. A somatória de créditos integralizados como Iniciação à Extensão no Ensino Superior não deve ultrapassar oito créditos.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação à Extensão não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor no campo da extensão e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de Extensão:** Para ser integralizada como atividade de extensão, o projeto deverá estar registrado no SIEX.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Introduction to Extension*

**Syllabus:** Variable Content.

## Iniciação Científica

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em projeto de pesquisa com ou sem bolsa

**Valência:** Um semestre letivo ou seis meses de atividades em um mesmo projeto de pesquisa.

**Documentos exigidos:** Relatório Final, de acordo com modelo da PRPq, resultante do trabalho de pesquisa, que deve ser avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), indicando o período de duração da atividade.

**Limites de créditos de integralização: Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação Científica não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um(a) professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Undergraduate Research*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Iniciação Científica

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação em projeto de pesquisa com ou sem bolsa

**Valência:** Um ano letivo ou doze meses de atividades em um mesmo projeto de pesquisa.

**Documentos exigidos:** Relatório Final, de acordo com modelo da PRPq, resultante do trabalho de pesquisa, que deve ser avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), indicando o período de duração da atividade.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Iniciação Científica não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um(a) professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Undergraduate Research*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Monitoria acadêmica

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em atividades previstas no Programa de Bolsas Acadêmicas da PROGRAD com ou sem bolsa

**Valência:** Um semestre letivo ou seis meses de atividades em um mesmo Programa de Bolsas Acadêmicas da PROGRAD, com apresentação de Relatório Final

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROGRAD, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Monitoria Acadêmica não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um(a) professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Teaching Assistantship*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Monitoria acadêmica

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação em atividades previstas no Programa de Bolsas Acadêmicas da PROGRAD (com ou sem bolsa)

**Valência:** Um ano letivo ou doze meses de atividades em um mesmo Programa de Bolsas Acadêmicas da PROGRAD, com apresentação de Relatório Final

**Documentos exigidos:** Relatório Final das atividades, conforme modelo da PROGRAD, avaliado e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a), contendo data e período. Declaração do professor(a) supervisor(a) ou equivalente de que o aluno foi seu monitor, indicando o período de duração.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Monitoria Acadêmica não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um(a) professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Teaching Assistantship*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Organização de Congressos, Encontros e Eventos**

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Organização de Congressos, Encontros e Eventos (jornadas, seminários, painéis, workshops) das áreas de Antropologia, Ciência Política, Sociologia, ou áreas afins, com comissão organizadora e programação pública.

**Valência:** Dois créditos por cada participação na organização de um encontro de abrangência nacional ou internacional e um crédito por cada participação na organização de encontros de abrangência local.

**Documentos exigidos:** Certificado emitido pela comissão organizadora do evento e programa do evento.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Organização de Congressos, Encontros e Eventos não deve ultrapassar oito créditos

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de Extensão:** Para ser integralizada como atividade de extensão, o projeto deverá estar registrado no SIEEX.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Organization of Conferences, Meetings and Events*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Participação em Congressos, Encontros e Eventos**

**Carga Horária:** 15

**Créditos:** 1

**Descrição:** Participação em Congressos, Encontros e Eventos (jornadas, seminários, painéis, workshops) das áreas de Antropologia, Ciência Política, Sociologia, ou áreas afins, com comissão organizadora e programação pública.

**Valência:** Dois créditos por cada participação na organização de um encontro de abrangência nacional ou internacional e um crédito por cada participação na organização de encontros de abrangência local.

**Documentos exigidos:** Certificado emitido pela comissão organizadora do evento e programa do evento.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Participação em Congressos, Encontros e Eventos não deve ultrapassar quatro créditos

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Participation in Conferences, Meetings and Events*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Participação em Corpo Editorial de Revista Científica com ISSN**

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação em corpo editorial de revista científica com ISSN voltada à área de Ciências Sociais.

**Valência:** Um semestre letivo de participação em corpo editorial de revista científica voltada à área de Ciências Sociais.

**Documentos exigidos:** Índice da revista, constando ISSN e corpo editorial, e declaração do editor ou do comitê editorial atestando o período da atividade.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Participação em Corpo Editorial de Revista Científica com ISSN não deve ultrapassar oito créditos

**Ressalvas:** Não

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Participation in the Editorial Board of a Scientific Journal with ISSN*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Participação em Órgãos Colegiados e de Representação Estudantil**

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em órgãos colegiados e de representação estudantil.

**Valência:** Um ano letivo de atividades em órgãos colegiados e de representação estudantil. No caso da representação estudantil, declaração da diretoria da entidade atestando o período de duração do vínculo da(o) estudante.

**Documentos exigidos:** Declaração da coordenação do colegiado atestando o período do vínculo do(a) estudante.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Participação em Órgãos Colegiados e de Representação Estudantil não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** Não

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Participation in Collegiate and Student Representative Bodies*

**Syllabus:** Variable Content.

## Protagonismo Social

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação em organizações da sociedade civil voltadas para atuação na área social ou política.

**Valência:** Um ano letivo de atividades em organizações da sociedade civil voltadas para a atuação na área social ou política.

**Documentos exigidos:** Apresentação ao Colegiado de um Programa de Atividades, contendo aquiescência do(a) professor(a) orientador(a) e critério de avaliação a ser utilizado, além de justificativa, temática, bibliografia e cronograma, especificando as atividades a serem desenvolvidas pelo(a) aluno(a). Apresentação de Relatório Final de atividades com avaliação final do(a) professor(a).

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Protagonismo Social não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** Não

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Social Protagonism*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Protagonismo Social

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação em organizações da sociedade civil voltadas para atuação na área social ou política.

**Valência:** Um ano letivo de atividades em organizações da sociedade civil voltadas para a atuação na área social ou política.

**Documentos exigidos:** Apresentação ao Colegiado de um Programa de Atividades, contendo aquiescência do(a) professor(a) orientador(a) e critério de avaliação a ser utilizado, além de justificativa, temática, bibliografia e cronograma, especificando as atividades a serem desenvolvidas pelo(a) aluno(a). Apresentação de Relatório Final de atividades com avaliação final do(a) professor(a).

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Protagonismo Social não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** Não

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Social Protagonism*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Trabalho Apresentado em Eventos Científicos**

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Participação com apresentação oral em Congressos, Encontros e Eventos (jornadas, seminários, painéis, workshops) das áreas de Antropologia, Ciência Política, Sociologia, ou áreas afins, com comissão organizadora e programação pública.

**Valência:** Dois créditos por cada participação na organização de um encontro de abrangência nacional ou internacional e um crédito por cada participação na organização de encontros de abrangência local.

**Documentos exigidos:** Certificado emitido pela comissão organizadora do evento e programa do evento.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Trabalho Apresentado em Eventos Científicos não deve ultrapassar oito créditos

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Work Presented at Scientific Events*

**Syllabus:** Variable Content.

## **Trabalho Completo Publicado**

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Participação com apresentação oral em Congressos, Encontros e Eventos (jornadas, seminários, painéis, workshops) das áreas de Antropologia, Ciência Política, Sociologia, ou áreas afins, com comissão organizadora e programação pública.

**Valência:** Dois créditos por cada participação na organização de um encontro de abrangência nacional ou internacional e um crédito por cada participação na organização de encontros de abrangência local.

**Documentos exigidos:** Certificado emitido pela comissão organizadora do evento e programa do evento.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Trabalho Completo Publicado não deve ultrapassar 16 créditos

**Ressalvas:** Não.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Full Paper Published*

**Syllabus:** Variable Content.

## Vivência Profissional Complementar

**Carga Horária:** 30

**Créditos:** 2

**Descrição:** Vivência Profissional Complementar ou Estágio em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais

**Valência:** Um semestre letivo de participação em atividades em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais.

**Documentos exigidos:** Aprovação prévia pelo Colegiado do Plano de Trabalho a ser desenvolvido junto à Instituição, contendo descrição detalhada das atividades, cronograma e aquiescência do responsável na Instituição pela orientação do trabalho. Relatório Final do(a) aluno(a) contendo avaliação sucinta e aprovação do(a) responsável na Instituição e do(a) professor(a) orientador(a) do Curso de Ciências Sociais.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Vivência Profissional Complementar não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor no campo da vivência e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Additional Professional Experience*

**Syllabus:** Variable Content.

---

## Vivência Profissional Complementar

**Carga Horária:** 60

**Créditos:** 4

**Descrição:** Vivência Profissional Complementar ou Estágio em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais

**Valência:** Um ano letivo de participação em atividades em instituições públicas ou privadas na área das Ciências Sociais.

**Documentos exigidos:** Aprovação prévia pelo Colegiado do Plano de Trabalho a ser desenvolvido junto à Instituição, contendo descrição detalhada das atividades, cronograma e aquiescência do responsável na Instituição pela orientação do trabalho. Relatório Final do(a) aluno(a) contendo avaliação sucinta e aprovação do(a) responsável na Instituição e do(a) professor(a) orientador(a) do Curso de Ciências Sociais.

**Limites de créditos de integralização:** Esta atividade pode servir como mecanismo de integralização de crédito quatro vezes.

**Limites por tipo de atividade:** A somatória de créditos integralizados como Vivência Profissional Complementar não deve ultrapassar 16 créditos.

**Ressalvas:** É necessária a designação de um supervisor no campo da vivência e de um professor(a) orientador(a), docente do curso de Ciências Sociais.

**Atividade de extensão:** Não.

**Ementa:** Conteúdo variável.

**Bibliografia:** Conteúdo variável.

**Título em inglês:** *Additional Professional Experience*

**Syllabus:** Variable Content.